

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO  
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**AMANDA BISSOLI CHAN**

**OS “VINGADORES” ALIADOS À POLÍTICA EXTERNA ESTADUNIDENSE: O  
PODER BRANDO AUXILIANDO O GOVERNO OBAMA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Santana do Livramento  
2015**

**AMANDA BISSOLI CHAN**

**OS “VINGADORES” ALIADOS À POLÍTICA EXTERNA ESTADUNIDENSE: O  
PODER BRANDO AUXILIANDO O GOVERNO OBAMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de Bacharel em Relações Internacionais pela  
Universidade Federal do Pampa –  
UNIPAMPA.

Orientador: Prof. Dr. Renato José da Costa

**Santana do Livramento**

Catálogo da Publicação  
Serviço de Documentação  
Universidade Federal do Pampa – Unipampa

CH43V Chan, Amanda Bissoli.  
Os “Vingadores” aliados à Política Externa Estadunidense: o Poder Brando auxiliando o Governo Obama / Amanda Bissoli Chan. – Santana do Livramento: Universidade Federal do Pampa, 2015.  
VIII, 97 f. ; 2 il. : 29,7 cm.

Orientador: Renato José da Costa

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Pampa, Unipampa, Bacharelado em Relações Internacionais, 2015.

1. Poder Brando. 2. Política Externa. 3. Cinema. 4. Estados Unidos. 5. Barack Obama. – Monografia. I. Costa, Renato José da. II. Universidade Federal do Pampa, Campus Santana do Livramento, Curso de Relações Internacionais, 2015. III. Título.

CDD: 327::791.43

**AMANDA BISSOLI CHAN**

**OS “VINGADORES” ALIADOS À POLÍTICA EXTERNA ESTADUNIDENSE: O  
PODER BRANDO AUXILIANDO O GOVERNO OBAMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de Bacharel em Relações Internacionais pela  
Universidade Federal do Pampa –  
UNIPAMPA.

Orientador: Prof. Dr. Renato José da Costa

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 03/07/2015.  
Banca examinadora

---

Prof. Dr. Renato José da Costa  
Orientador  
(UNIPAMPA)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Kamilla Raquel Rizzi  
(UNIPAMPA)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Luísa de Souza Soares  
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho às minhas avós,  
Janderli Chan e Maria Inez Bissoli.

## AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por ter me dado forças e discernimento para conseguir concluir o curso Relações Internacionais.

Ao meu pai, Gildo Chan, pelo investimento e incentivo aos meus estudos. À minha mãe, Marcela Bissoli, por todo amor e exemplo de perseverança que ela é em minha vida. Aos meus irmãos, Gabriel Chan, João Ferreira e João Otávio pela cumplicidade e por fazer meu dia mais alegre sempre que estamos todos juntos. À Adriana Chan, André Ottoboni e Paulo Chan pelo apoio, carinho e por sempre serem uma ótima companhia nas minhas férias.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Renato José da Costa não só pela paciência, tolerância e orientações perspicazes, mas pelas lições trazidas em sala de aula, como o poder do questionamento e argumentação, e por mostrar os inúmeros segmentos da área Relações Internacionais, como o cinema.

Aos amigos que fiz durante o curso, os quais foram de extrema importância para que eu não desistisse e para que houvesse diversão onde haveria desânimo. Em especial, Henrique Pizzinato, Ulysses Souto, Tito Augusto, Carolina Colla, Iani Furtado, Yves Teixeira, Rafaela Medeiros, Olívia Damasceno e Bruna Pedecert.

Aos amigos Nycolas Ribeiro e Danillo Salles, pela “amizade única que dispensa explicações” que sempre se mantém firme quando conseguimos superar os impasses de qualquer distância.

Agradeço ao César Pelogia, por acreditar em nós e em toda a vida que passaremos juntos.

## RESUMO

O conceito poder brando foi desenvolvido por Joseph Nye e publicado em 1990 com o objetivo de explorar uma forma de poder intangível, qual seja, a habilidade de fazer com que atores Estatais ajam de acordo com as determinações de outro ator Estatal. O poder brando é executado através da disseminação de valores, ideologias e cultura de um determinado Estado. A necessidade do desenvolvimento deste conceito emergiu com o questionamento sobre a ascensão dos Estados Unidos como hegemonia mundial, após o fim da Guerra Fria. Isso posto, o cinema é identificado como uma das maiores formas de propagação de poder brando, dado que seus roteiros e recursos audiovisuais abarcam inúmeros elementos os quais remetem a uma nação, bem como à sua política externa ou doméstica. Nos Estados Unidos, a intervenção do Estado no cinema como instrumento de subsídio à política externa ocorreu desde a Segunda Guerra Mundial. Fundamentado no conceito e nas informações expostas, será realizada uma pesquisa sobre o cinema estadunidense e política externa, com o propósito de alicerçar a hipótese de que as produtoras cinematográficas estadunidense continuam a assistir às diretrizes de seu governo até os dias atuais. Para este propósito, o *blockbuster* “Os Vingadores” será analisado com instrumento de poder brando em prol do governo de Barack Obama. Com base nessa pesquisa pretende-se compreender o impacto do poder brando por intermédio do cinema em seu público.

**Palavras-chave:** Poder brando; Política Externa; Cinema; Estados Unidos; Barack Obama

## ABSTRACT

The concept of soft power was developed and published in 1990 with the objective of explore an intangible form of power, namely, the ability to make State actors to behave accordingly to the determinations of another State actor. The soft power is executed through the dissemination of values, ideologies and culture of a determinate State. The necessity of the development of this concept emerged with the questioning about the rise of the United States as world hegemony, after the end of the Cold War. Having said that, the cinema is identified as one of the greatest forms of soft power propagation given that its screenplays and audiovisual embrace countless elements which refer to a nation, as well as its international or domestic politics. In United States the State's intervention on cinema as an instrument of subsidy to international politics occurred since World War II. Founded on the concept and on the information exposed, a research about the American cinema and international politics will be realized with the purpose of subsidize the hypothesis that the Americans motion film producers continue to assist the guidelines of their government to the present day. For this purpose, the blockbuster "The Avengers" will be analyzed as a soft power instrument in favor of Barack Obama's government. Based on this research is intended to comprehend the soft power's impact through the cinema on its audience.

**Key words:** Soft power; International Politics; Cinema; United States; Barack Obama

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
1.1 Desenho de pesquisa.....	11
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO: PODER BRANDO.....</b>	<b>14</b>
2.1 A origem do conceito <i>soft power</i> .....	14
2.2 Os desdobramentos do <i>soft power</i> .....	17
2.3 Poder inteligente .....	27
<b>3 O CINEMA ESTADUNIDENSE COMO PODER BRANDO .....</b>	<b>31</b>
3.1 Da Segunda Guerra Mundial ao imediato Pós-Guerra: o governo em controle de Hollywood .....	33
3.2 Guerra Fria: o cinema em defesa da exaltação dos valores e ideais da política externa .....	43
3.3 Pós-Guerra Fria: a transição do líder benevolente ao herói impulsivo.....	51
<b>4 A POLÍTICA EXTERNA CONTEMPORÂNEA ESTADUNIDENSE .....</b>	<b>65</b>
4.1 As controvérsias da política externa de Barack Obama .....	67
4.2 O cinema na Era de Barack Obama.....	77
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>95</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo do cinema como instrumento de política externa segue pouco explorado no âmbito acadêmico de Relações Internacionais, ainda mais no Brasil. Uma das justificativas para a ausência de pesquisas sobre a sétima arte como um aparelho de dominação vem do fato de suas principais bases teóricas serem recentes se comparadas com outros meios de dominação, por exemplo, o militar.

Com o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos encontraram-se em uma posição inesperada pelo Estado e seus civis. Se ao final da Segunda Guerra Mundial sua força militar e crescimento econômico foram suficientes para garantir-lhes a hegemonia mundial, a década de 1970 mostrou que o crescimento do país seria contido não só pelo refortalecimento de outros países, mas pelos feitos da Guerra do Vietnã e pelo fim da conversibilidade do dólar em ouro (NYE, 1990, p. 154). Desse modo, foi inevitável que no final da década de 1980 não houvesse o mesmo sentimento de segurança política e econômica que havia em 1945, assim novos questionamentos sobre a primazia estadunidense emergiram.

A fim de evitar que o Estado seguisse sugestões sobre medidas protecionistas em pleno cenário de crescimento da interdependência entre nações, Joseph Nye alertou em seu artigo *Soft Power*, publicado em 1990, que o real questionamento deveria ser a mudança da concepção de poder, a qual alvorecia com a nova ordem mundial. De acordo com o autor:

Traditionally the test of a great power was its strength in war. Today, however, the definition of power is losing its emphasis on military force and conquest that marked earlier eras. The factors of technology, education, and economic growth are becoming more significant in international power, while geography, population, and raw materials are becoming somewhat less important (NYE, 1990, p. 154).<sup>1</sup>

Desse modo, Nye começa seu argumento sobre como o poder está muito mais ligado à habilidade de controlar as decisões de outros Estados do que em recursos físicos, assim, a maior questão para os Estados Unidos ao final da Guerra Fria seria como eles controlariam o cenário político internacional e seus atores em seu favor.

---

<sup>1</sup> “Tradicionalmente a prova de um grande poder era sua força em uma guerra. Hoje, entretanto, a definição de poder está perdendo ênfase na força militar e conquistas as quais marcaram épocas anteriores. Os fatores de tecnologia, educação e crescimento econômico estão se tornando mais significantes no poder internacional, enquanto geografia, população, e matérias-primas estão se tornando de algum modo menos importante”. (Tradução nossa)

Para isso o autor conceitua uma forma de poder sempre exercida, porém sem o devido reconhecimento político: o *soft power* – traduzido para o português como “poder brando”. Num primeiro momento, o poder brando foi definido como uma forma intangível de poder, o qual utiliza recursos como atração ideológica e cultural para desenvolver preferências e interesses que beneficiem quem o colocou em prática (NYE, 1990, p. 155). Ao longo dos anos, contudo, interpretações errôneas sobre o poder brando surgiram, assim, a maioria das obras de Joseph Nye subsequentes ao livro em que descreveu o poder brando pela primeira vez<sup>2</sup> trazem mais detalhes sobre o conceito dessa forma de dominação, bem como esclarecimentos e aplicações em diferentes áreas.

Tratando-se de áreas em que o poder brando pode ser aplicado, o cinema é citado pelo autor, já em seu primeiro artigo, como uma expressão cultural a qual pode adquirir aliados devido ao seu abarcamento mundial: “[...] (american films) occupy about 50 per cent of world screentime. In 1981, the United States was responsible for 80 per cent of worldwide transmission and processing of data” (NYE, 1990, p. 169)<sup>3</sup>. Essa utilização do cinema, no entanto, já era praticada pelos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial – como será abordado no capítulo sobre a aplicação do poder brando no cinema estadunidense –, e com os avanços tecnológicos irrefreáveis desde a primeira metade do século XX, o cinema rapidamente ficou acessível não só à vanguarda, mas às massas. Desse modo, políticos que se voltavam para as bases da sociedade valeram-se desse meio de comunicação para se autopromoverem (CAPELATO, 2012, p. 09).

Saltando para o século XXI, um dos líderes o qual adotou a política de massa foi Barack Obama (2009-atualmente), pois, de acordo com Pecequilo, a eleição de Obama anunciou uma nova América “[...] uma nação em transição em sua face populacional, multiracial (*sic*), multiétnica, e multicultural na qual a balança de poder interno alterava-se favoravelmente para as minorias, em detrimento da maioria WASP<sup>4</sup>” (PECEQUILO, 2011, p. 457). Obviamente que, um líder voltado para a emersão das minorias utilizaria de ferramentas

<sup>2</sup> O artigo “*Soft Power*”, publicado em 1990, foi baseado em seu livro *Bound to lead: The changing nature of american power* (New York: Basic Books).

<sup>3</sup> “[...] (filmes americanos) ocupam cerca de 50 por cento do tempo das telas no mundo. Em 1981, os Estados Unidos foram responsáveis por 80 por cento da transmissão mundial e processamento de dados”. (Tradução nossa)

<sup>4</sup> O acrônimo WASP deriva de *White Anglo-Saxan Protestant*, e trata-se de um grupo fundado na costa leste dos Estados Unidos composto por pessoas de grande influência política e econômica, estas preenchem os três requerimentos mínimos para ser parte do grupo. Os WASP’s possuíam ligação com instituições como universidades, a exemplo de Yale e Harvard, ou órgãos do Estado, como a presidência ou a Suprema Corte. Fonte: JOSEPH EPSTEIN (NY). The Wall Street Journal. **The Late, Great American WASP**. 2013. Disponível em: <<http://www.wsj.com/articles/SB10001424052702304367204579268301043949952>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

as quais pudessem lhe atrair admiradores, não apenas diretamente – por meio de intervenções políticas ou discursos – mas indiretamente, apropriando-se de meios de comunicação para promover um governo que traria esperança não só para a população estadunidense, como para todos os quais sofriam o abuso das arbitrariedades de seu Estado (VIANNA, 2010, p. 113). Destarte, os Estados Unidos garantiram para uma maior parcela da população sua imagem de bom protetor do mundo e líder em uma forma de governo que priorizava a responsabilidade compartilhada. Todo esse cenário fora constituído utilizando abundantemente o poder brando elaborado por Nye, não só na política externa, mas em outros segmentos como o cinema.

O cinema da Era de Obama resgata os super-heróis à moda antiga, deixados para trás nos anos 1990. São heróis que continuam disseminando o modelo *self made men*, entretanto, quase como uma inovação da Era, estes se aproximam do público ao parecerem pessoas comuns que dedicam suas vidas em prol da pátria estadunidense. Um dos exemplos de criação desses super-heróis é a *Marvel Comics*, a qual desde 2008, quando criou a divisão *Marvel Studios* – atualmente pertencente à *Walt Disney* –, produz filmes e série sobre seus super-heróis.

Tais super-heróis se caracterizam por serem desde pessoas comuns perseguidas pela população por possuírem uma mutação genética que as contemplam com algum tipo de poder; estudantes picados por uma aranha, etc., à uma legião de super-heróis os quais representam diferentes ideologias unidas em prol do bem mundial. Estes últimos são os conhecidos “Os Vingadores”, seis super-heróis advindos de universos diferentes reunidos por uma agência secreta de inteligência estadunidense para defender o planeta. As personalidades e valores de cada vingador fazem com que, não apenas os civis estadunidenses sintam-se representados, mas os civis de todo o mundo identificam-se em diálogos, monólogos e recursos audiovisuais, receita esta que lhe garantiu a terceira maior bilheteria mundial<sup>5</sup> e o título de *blockbuster*.

### 1.1 Desenho de pesquisa

A partir do exposto, considera-se que o governo de Barack Obama utiliza abundantemente recursos de poder brando em meios de comunicação em massa com o objetivo, especialmente, para adquirir adeptos ao seu governo e à cultura de seu país. Isso posto, levanta-se a hipótese de que o filme “Os Vingadores” é um instrumento de poder

---

<sup>5</sup> Fonte: FRANCISCO RUSSO; RENATO HERMSDORFF (S.I.). Adoro Cinema. **As maiores bilheterias na história do cinema**. 2014. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-108698/?page=17>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

brando o qual subsidia a política externa de Obama. Para isso o filme dissemina o conceito de liderança mundial como uma prerrogativa dos Estados Unidos e o direito de interferência autônoma do país para lidar com questões de interesse mundial.

O objetivo principal desse trabalho consiste em utilizar a concepção sobre poder brando de Joseph Nye somado às ações e discursos de Barack Obama para analisar cenas e recursos audiovisuais d’Os Vingadores e apresentá-los como uma ferramenta em prol da política externa estadunidense. Isso será feito através de cinco Objetivos Específicos:

- Definir como o cinema estadunidense é utilizado como um mecanismo de *soft power*;
- explorar os diálogos do filme “Os Vingadores” relacionando-os com a definição de Joseph Nye sobre *soft power*;
- identificar como os diálogos da obra fomentam elementos da política externa de Barack Obama;
- examinar sobre como essa utilização de *soft power* impacta no público da obra; e,
- analisar o impacto da difusão de um *blockbuster* em detrimento de outras formas de propagar elementos de política externa.

Este trabalho está dividido em três partes, onde na primeira estuda-se o conceito de poder brando e seus desdobramentos; já na segunda parte, o cinema é analisado como instrumento de poder brando pelo governo estadunidense desde o fim da Segunda Guerra Mundial até o governo de George Bush; por fim, na terceira parte, elementos da política externa de Barack Obama são explorados e o filme “Os Vingadores” é analisado como instrumento de poder brando em prol da política externa do presidente estadunidense vigente.

O método de pesquisa a ser utilizado será o procedimental comparativo, uma vez que cenas – diálogos e recursos audiovisuais – do filme analisado serão comparadas aos discursos e às ações do atual presidente estadunidense quanto a questões da esfera mundial. Partindo do princípio de que a partir da Segunda Guerra Mundial cada governante estadunidense apoderou-se de uma forma particular de empregar o poder brando no cinema até chegar ao modo atual, e de que a postura drástica de George Bush teve como consequência a demonização de seu Estado aos olhos internacionais, o método histórico será utilizado em partes da análise para propor que a imagem acolhedora e complacente de Obama foi propagada também para reconquistar os aliados perdidos por seu antecessor.

Quanto às técnicas de pesquisa, para obter informações e recursos que fundamentem a análise proposta, será utilizada documentação de caráter indireto, ou seja, fontes primárias, a exemplo de filmes, discursos, e dados estatísticos; bem como fontes secundárias, como, livros, notícias, artigos, entre outros. O trabalho adquire caráter qualitativo no que tange ao estudo de conceitos, História e aplicação do tema de pesquisa nas Relações Internacionais.

Por fim, como os efeitos do poder brando no cinema não obtêm um conceito na área das Relações Internacionais, a pesquisa adota o caráter descritivo exploratório, afinal não há teorias específicas para o assunto analisado, assim, é necessário unir bibliografias da área cinematográfica às bibliografias de Relações Internacionais.

A elaboração da monografia é justificada por ser relevante em assuntos que tangem ao conhecimento da política externa contemporânea estadunidense, tais como a compreensão de fenômenos como os possíveis impactos atuais do poder brando no cinema em seu público. Ademais, tratando-se de um filme com grande popularidade, espera-se que esta análise expresse não só como um governo pode ter aliados em meios afora dos políticos convencionais, mas no quão mais simples e agradável ao intérprete o *soft power* é em relação ao *hard power*.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO: PODER BRANDO

Em 1990 foi criado por Joseph Nye o termo poder brando para conceituar práticas existentes há anos, mas que necessitavam ser lembradas em um período de transição da política mundial. Desde então este tem sido fonte de artigos, estudos, teses, discursos e desentendimentos. Com o passar o tempo, Nye foi aprimorando seu conceito de modo a relacioná-lo com as políticas vigentes às suas obras. Do poder brando surgiram críticas, outros termos e soluções apresentadas para governos tanto de Estados como de instituições privadas.

No presente capítulo será exposta desde a origem do termo *soft power* ao novo conceito advindo deste, qual seja, *smart power*.

### 2.1 A origem do conceito *soft power*

O final dos anos 1980 foi caracterizado nos Estados Unidos, por dúvidas que emergiram juntamente a uma nova configuração política mundial. Para os civis, o país passava por uma crise originada na década de 1970 por três diferentes situações: a derrota na Guerra do Vietnã, a crise do petróleo em 1973, e o crescente aumento da inflação. De acordo com Nye (1990), a parte do país em reserva monetária mundial decaiu de cinquenta para nove por cento, gerando na população uma sensação de instabilidade e queda do poder hegemônico do Estado.

Autores renomados como Paul Kennedy e David Calleo escreveram sobre a convicção no declínio do poder estadunidense frente ao mundo desde o final da Guerra do Vietnã. Segundo Calleo:

After Vietnam, it is argued, an America obsessed with guilt and self-doubt rejected patriotic discipline, allowed its military prowess to decay, retread from its world obligations, and grew bemused by the possibilities of superpower détente. The view is obviously not without some foundation. And since the early 1960's, America's power to control events in the world has certainly seemed to decline. The United States has grown militarily weaker in relation to the Soviet Union and economically weaker compared with Western Europe and Japan. Its capacity to shape events in the Third World has been much reduced. Moreover, an international system still structured around American power has shown many signs of disintegration (CALLEO, 1987, p. 09-10).<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> “[...] Depois do Vietnam, comenta-se sobre, uma América obcecada por culpa e por sua disciplina patriótica rejeitada, (a qual) deixou sua conquista militar decair, recuou de suas obrigações mundiais, confundiu-se com as possibilidades de uma superpotência détente. E desde o início dos anos 1960, o poder da América em controlar

No mesmo ano Paul Kennedy escreveu o *best-seller* “*The Rise and The Fall of The Great Powers: Economic Change and Military Conflict from 1500 to 2000*”<sup>7</sup>, o livro profetizou o declínio estadunidense e popularizou o termo *overstretch* – mais tarde, *imperial overstretch*; em português, respectivamente, superextensão e superextensão imperial. Este se baseia em fatos históricos para explicar que se um determinado país reserva mais do que dez por cento de seu Produto Nacional Bruto para armamentos, seu crescimento será limitado, ou seja, se o gasto do país for maior para o setor militar do que em outros investimentos, conseqüentemente, a longo termo, o país ficará mais fraco (LUNDESTAD, 2010). Para ambos os autores a solução estava em mudar a posição política internacional dos Estados Unidos, afinal, unindo ambas as concepções o Estado investia amplamente no setor militar e mesmo assim continuava enfraquecendo. Desse modo, seria melhor reduzir suas obrigações internacionais – as quais se fundamentavam principalmente na proteção militar de países europeus e Japão. Calleo ainda atribui o decaimento estadunidense à sua generosidade, ou seja, alega que a proteção militar ao Japão e oeste europeu, a política de desenvolvimento voltada para países de Terceiro Mundo e a contenção da Rússia – ao invés de sua destruição – os levaram ao crescimento, assim, “[...] from this cosmopolitan<sup>8</sup> perspective, America’s decline is not absolute but relative, not the result of failures but the success in rebuilding a peaceful and prosperous world.”<sup>9</sup> (CALLEO, 1987, p. 10).

Para Nye (1990) esses questionamentos quanto à agenda internacional dos Estados Unidos e o diagnóstico precipitado de um recuo nas intervenções em outros Estados poderiam levar ao retrocesso da política externa sem que necessariamente a política doméstica fosse fortalecida. De acordo com o autor, medir o poder de um país apenas utilizando índices militares e econômicos (*hard power*<sup>10</sup>), tais como a parcela do produto mundial pertencente

---

eventos no mundo certamente pareceu decair. Os Estados Unidos têm estado mais fracos militarmente em relação à União Soviética e economicamente mais fracos comparados ao Oeste Europeu e ao Japão. Sua capacidade em moldar eventos no Terceiro Mundo tem sido muito mais reduzida. Ademais, o sistema internacional ainda estruturado em volta do poder americano tem mostrado muitos sinais de desintegração”. (Tradução nossa)

<sup>7</sup> KENNEDY, Paul E. **The rise and fall of the great powers: Economic change and military conflict from 1500 to 2000**. New York: Random House, 1987.

<sup>8</sup> Calleo apresenta dois tipos de visão quanto ao declínio estadunidense: cosmopolita e nacionalista, enquanto o primeiro entende que o crescimento político e econômico do resto do mundo torna irreversível a posição dos Estados Unidos, o segundo entende que a queda do poder do país é decorrente de uma má liderança e isso deve ser revertido com a disseminação do patriotismo, disciplina e gastos em armamentos (CALLEO, 1987, p. 10).

<sup>9</sup> “[...] dessa perspectiva cosmopolita, o declínio da América não é absoluto, mas relativo, não o resultado de fracassos, mas do sucesso em reconstruir um mundo pacífico e próspero”. (Tradução nossa)

<sup>10</sup> O termo *hard power* foi desenvolvido por Joseph Nye em 1990 em seu livro *Bound to lead: The changing nature of american power*, entretanto este exprime apenas o sincretismo das ideias de Nicolau Maquiavel em “O Príncipe”, ao considerar leis e exércitos os principais fundamentos do Estado (MAQUIAVELLI, 1553, p. 72); e

aos Estados Unidos – a qual, de fato, decaiu desde 1950, mas estabilizou a partir dos anos 1980 – não eram suficientes para medir o poder de um país perante aos outros e o julgar em declínio.

Outro ponto levantado pelo autor foi o fator emocional negativo que semear a ideia de uma suposta crise trouxe à população. Em um Estado extremamente patriota, o qual desde o fim de seu isolamento externo lidou apenas com vitórias até os anos 1970, o pensamento de uma crise, apenas comparando dados *atuais* com dados dos trinta anos anteriores, poderia gerar uma falsa necessidade de nacionalismo e protecionismo, o que apenas obstruiria o caminho estadunidense em um cenário de interdependência mundial. Isso posto, o autor afirma que uma nação declina diante as outras apenas quando decide não utilizar de todos os seus recursos de poder (NYE, 1990, p. 6).

Em plena Terceira Revolução Tecnológica o conceito de poder<sup>11</sup> não poderia continuar associado apenas ao poder duro. Educação, crescimento econômico (ao invés de apenas, poder econômico) e tecnologia deveriam ser levados em consideração, uma vez que novos atores também emergiram com o final da Guerra Fria, em 1989. Desse modo, Nye começa a introduzir o poder brando em seu artigo para a renomada revista *Foreign Policy*, *Soft Power*. Sua constatação sobre seu Estado não estar em decadência começa com o seguinte questionamento:

Proof of power lies not in resources but in the ability to change the behavior of states. Thus, the critical question for the United States is not whether it will start the next century as the superpower with the largest supply of resources, but to what extent it will be able to control the political environment and get other countries to do what it wants (NYE, 1990, p. 155).<sup>12</sup>

---

de Hobbes em “Leviatã”, o qual abordou sobre não apenas armas serem parte essencial para constituir a soberania de um Estado, mas “o poder de cunhar moeda, de dispor das propriedades e pessoas dos infantes herdeiros, de ter opção de compras nos mercados [...]” (HOBBS, 1651, p. 61). Desse modo, considera-se que os alicerces de um Estado são os recursos militares e econômicos, os quais são amplamente utilizados como instrumento de coerção com a finalidade de obter poder. Entretanto, vinte e um anos depois, em seu livro *O futuro do poder* (2011), Joseph Nye aborda sobre como as forças militar e econômica podem também ser utilizadas como instrumentos de poder brando. Outras formas de *hard power* incluem a obtenção de territórios e recursos naturais.

<sup>11</sup> Joseph Nye, desde seu artigo *Soft Power* (1990) explora o significado genérico de poder trazido pelos dicionários: “(poder como) a habilidade de fazer coisas e controlar outros, para conseguir com que estes façam o que do contrário (sem a aplicação do poder) eles não fariam” (NYE, 1990, p. 154).

<sup>12</sup> “Prova de poder não reside apenas em recursos, mas na habilidade de mudar o comportamento de outros Estados. Assim, a questão crítica para os Estados Unidos não é se ele vai começar o próximo século como a superpotência com o maior suprimento de recursos, mas até qual extensão eles serão capazes de controlar o ambiente político e fazer com que outros países façam o que eles (os Estados Unidos) querem”. (Tradução nossa)

Essa preocupação com o novo cenário político internacional é advinda da percepção de que os Estados Unidos tinham de fato uma maior influência sobre outras nações, mas não tinham tanta influência sobre o sistema internacional como um todo; atores internacionais, como novos grupos políticos e corporações começavam a atuar vigorosamente sem a barreira física das fronteiras, e mesmo que estes não tivessem o poder de coerção por meio de força militar, eles o obtinham através de força econômica. A interdependência entre Estados também se desenvolveu rapidamente nos anos 1980, assim, se tornou imprescindível intervir em outros Estados por intermédio de multinacionais, uma vez que trinta e quatro por cento das multinacionais mundiais possuíam sua matriz em solo estadunidense (NYE, 1990, p. 168).

Não obstante, mesmo a força militar sendo o maior recurso de defesa no sistema internacional, utilizá-la para interposição política era muito mais caro para as superpotências dos anos 1990 do que para as superpotências nos séculos anteriores. Destarte, era necessário considerar outras formas de abordagem, como pela comunicação; através de habilidades organizacionais e institucionais; e também com o emprego da habilidade de manipular os níveis de interdependência (NYE, 1990, p. 158). Contudo, é necessário esclarecer que o poder militar não deveria de forma alguma ser descartado ou ter menos investimentos, como sugeriram Calleo e Kennedy, mas sim ser utilizado como também como aparato de barganha entre Estados (NYE, 1990, p. 160), por exemplo, para os Estados Unidos adquirirem recursos tecnológicos não foi tão custoso quanto para os outros Estados, uma vez que este fornecia proteção militar ao Japão.

Essas novas formas de intervenção trariam novos aliados através da atração, um ator internacional faria o que o outro quisesse por vontade própria, por querer o mesmo que o outro. Todavia, para que isso sucedesse seria essencial determinar a preferência de outrem moldando sua agenda política ou limitando seu espaço para debate sem utilizar a opressão. Por conseguinte, era fundamental explorar uma forma de poder intangível, com recursos como cultura, valores e ideologias, segundo Nye, “If a state can make its power seem legitimate in the eyes of others, it will encounter less resistance to its wishes. If its culture and ideology are attractive, others will more willingly follow”<sup>13</sup> (NYE, 1990, p. 167). Tal poder intangível foi batizado por Joseph Nye de *soft power*, ou, poder brando. O autor considera seu

---

<sup>13</sup> “Se um Estado pode fazer seu poder parecer legítimo aos olhos de outros, ele encontrará menos resistência para com suas vontades. Se a sua cultura e ideologia são atrativas, outros o seguirão voluntariamente”. (Tradução nossa)

país o maior empregador de poder brando que já houve, uma vez que ele o faz atingindo não só divisões políticas, mas é extremamente eficiente ao atingir as massas de cada Estado.

## 2.2 Os desdobramentos do *soft power*

Desde que escreveu sobre o poder brando pela primeira vez, Joseph Nye vem mencionando-o em suas obras conseguintes, até que em 2009 escreveu um livro dedicado a este assunto. A primazia estadunidense nessa terceira dimensão do poder foi muito bem esclarecida pelo autor já em sua primeira obra, entretanto, tratando-se de um novo conceito, houve incompreensão, utilização incorreta e até mesmo quem considerasse o poder brando prejudicial à imagem dos EUA.

O diretor de políticas do órgão estadunidense *National Security Network*<sup>14</sup> (Rede de Segurança Nacional), Ilan Goldenberg, por exemplo, escreveu para a revista *The American Prospects* um artigo contra a denominação “*soft power*”, alegando que esta promove todos os aspectos negativos que a população estadunidense tem contra a falta de efetividade da política de segurança norte-americana, tornando os próprios Democratas aparentemente fracos, pois passam a ideia de querer substituir o poder duro pelo brando<sup>15</sup>. PhD em Marketing e professor na Brunel Business School, Ying Fan, classificou o poder brando como algo não testado e inconclusivo quanto a como ele pode ser alcançado na realidade<sup>16</sup>.

Por essas insipiências quanto ao termo, Nye vem devotando parte de seus livros para elucidar os desdobramentos da expressão “poder brando”. Em primeiro lugar é necessário esclarecer quais são os pontos principais e permanentes que englobam o poder brando. Este impreterivelmente coopta ao invés de coagir. Essa cooptação é originada nos valores domésticos passados para políticas e sociedades externas por meio da cultura, ideais, ou

<sup>14</sup> O discurso do National Security Network é inquestionavelmente *WASP*, fundado por Rand Beers, o qual, dentre todo seu histórico como militar, foi de 1998 até 2003, Assistente da Secretária de Estado na divisão *International Narcotics and Law Enforcement Affairs* e de 2002 a 2003 foi Assistente Especial do Presidente e do Diretor Sênior na divisão de Combate ao Terrorismo no Conselho de Segurança Nacional. Dentre os pilares da organização governamental está a promoção dos valores estadunidenses através de armas diplomáticas e econômicas em conjunto com a ação militar responsável, em ordem de promover os valores americanos e assegurar a segurança nacional. National Security Network. **About**. Disponível em: <<http://nsnetwork.org/about/>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

<sup>15</sup> GOLDENBERG, Ilan. **It's time to stop talking about soft power**. Artigo para a revista *online* The American Prospect. Disponível em: <<http://prospect.org/article/its-time-stop-talking-about-soft-power>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

<sup>16</sup> FAN, Ying. Soft power: the power of attraction or confusion? **Place Branding And Public Diplomacy**, Basingstoke, v. 4, n. 2, p.147-158, nov. 2007. Disponível em: <[https://www.academia.edu/5185400/Soft\\_power\\_the\\_power\\_of\\_attraction\\_or\\_confusion](https://www.academia.edu/5185400/Soft_power_the_power_of_attraction_or_confusion)>. Acesso em: 29 mar. 2015.

elementos tangíveis como filmes, marcas e músicas. Entretanto, mais do que pela cultura, o poder brando também abarca o comportamento do governo nos níveis: interno – defesa da democracia –, e externo – defesa da interdependência e promoção dos direitos humanos. Para o autor, dentre os fatores de importância do poder brando está o fato de ser menos dispendioso e menos cruel para quem o recebe, e principalmente, ser o poder da atração.

Em seu livro “O paradoxo do poder americano” (2002), Nye trabalha o conceito contrário do debatido no livro “*Bound to lead: The changing nature of american power*”. Se no início dos anos 1990 os Estados Unidos encontravam-se inseguros quanto à sua posição perante o mundo e precisavam readquirir autoconfiança, no início dos anos 2000 estes tinham certeza absoluta sobre o que o autor chama de *triumfalismo* sobre o mundo e precisavam entender que outras potências – bem como problemas gerais e novas temáticas – emergiam, e uma atuação isolada só afastaria velhos e novos aliados. Assim, o ponto substancial do livro é o desempenho de seu país em um cenário de globalização.

Com a globalização, problemas de um ator deixam de influir somente no mesmo, um dos exemplos trazidos por Joseph Nye são os empréstimos feitos ao Brasil para evitar que a crise mundial econômica atingisse o país, ou, em uma visão ainda maior, anúncios no jornal *The New York Times*, pedindo a diminuição de viagens e comércios internacionais para que o país não fosse invadido por doenças de outros países (NYE, 2002, p. 99). Inicialmente, Nye acaba com o mito acreditado por muitos de que a globalização é apenas um disfarce para a *americanização*. Para isso, ele enumera conceitos estadunidenses que repelem a aproximação de outras nações, como, por exemplo, a pena de morte e a regulamentação exagerada do *Food and Drug Administration* (FDA).

Todavia, tratando-se de organizações e globalização, a Organização Mundial do Comércio (antes GATT), o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional eram restringidos pelos governos comunistas, entretanto, com o final da Guerra Fria o FMI, por exemplo, atraiu quarenta novos membros<sup>17</sup>. De acordo com Nye, essa atração pela instituição sediada nos EUA beneficiou a participação destes na economia mundial exercendo seu poder brando econômico, uma vez que o país é o centro das presentes instituições. Disseminar a ideia de redução do protecionismo, por exemplo, foi mais fácil do que se o Estado necessitasse convencer cada país sobre seu ideal econômico (NYE, 2002, p. 113).

---

<sup>17</sup> Fonte: International Monetary Fund. **List of members**. 2012. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/np/sec/memdir/memdate.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

A revolução da informação também é objeto de estudo do autor, segundo o mesmo, “A característica essencial da revolução da informação não é a *velocidade* das comunicações entre ricos e poderosos [...]. A mudança crucial é a enorme redução no *custo* de transmissão e informação.” (NYE, 2002, p. 65, grifo do autor). Com menos custo e maior velocidade há uma irrupção de informações por todo o mundo. Assim, o poder brando do governo deve ser exercitado de forma a utilizar tais informações em seu benefício sem se prejudicar, afinal, suas agendas políticas serão mais expostas, sua agilidade de retórica para com acontecimentos terá que acompanhar a velocidade com que a população tem ciência dos mesmos, e até mesmo o cenário político mundial será dividido com mais atores (NYE, 2002, p. 75), além, é claro, das supracitadas multinacionais. Nye sugere um *cyberfeudalismo*, com “[...] comunidades sobrepostas e jurisdições reivindicando estratos múltiplos de identidades e lealdades dos cidadãos.” (NYE, 2002, p. 76), essa analogia refere-se a comunidades virtuais transnacionais, que resultariam em civis leais à sua comunidade de origem, mas também à sua comunidade virtual.

Contudo, é necessário considerar o que Nye (2002, p. 89) chama de “paradoxo da abundância”, ou seja, quando há muita informação permeando sociedades, acaba sendo um tanto quanto árduo ter certeza sobre em quem confiar. Essa lacuna deixada pela revolução tecnológica é exatamente onde o autor acredita que um Estado pode aplicar o poder brando: apresentando informações com credibilidade. O autor ainda enumera mais três modos de um Estado exercer poder brando, quais sejam, 1) aproximando sua cultura e ideais das normas globais preeminentes, como o pluralismo; 2) acessando múltiplos canais de informação para que assim possa determinar como os assuntos de seu interesse são abordados; e, por fim, 3) a partir de sua política interna e externa ter sua credibilidade realçada (NYE, 2002, p. 91). Martha Bayles, membro do Conselho de Diplomacia Pública dos Estados Unidos, em entrevista para o *Hudson Institute*<sup>18</sup>, seleciona o setor de notícias como uma das quatro metas para a diplomacia pública estadunidense:

News reporting, by the Voice of America, Radio Free Europe/Radio Liberty, Radio Free Asia, and other U.S. broadcasters. Using every existing media platform, these broadcasters address overseas audiences in their own languages, with a major emphasis being on the reporting of truthful and accurate news, especially local and regional news, to people in countries where the media are censored or otherwise

---

<sup>18</sup> O Hudson Institute foi fundado em 1961 com o objetivo de conduzir a política pública dos EUA por meio de publicações, conferências e recomendações. O instituto é sustentado por doações de organismos privados.

compromised. This type of broadcasting is called “surrogate,” meaning substitute (BAYLES, 2014)<sup>19, 20</sup>.

A entrevista demonstra claramente que órgãos do governo estadunidense clamam por um maior investimento em poder brando. Obviamente que a verdade disseminada pela “mídia substituta”, uma vez que em exercício de poder brando, será a que convém aos Estados Unidos, este fato não deixa dúvidas quando Bayles cita como o maior alvo de seu Estado os locais onde a mídia (nesse caso a mídia exterior, visto que não há Estado sem mídia, mas, sim, Estado com o controle da mídia) é censurada ou comprometida.

Outro tópico abordado por Bayles durante a entrevista é o intercâmbio de cultura através de estudantes que chegam aos Estados Unidos, segundo a professora da área de humanas, são necessários programas de intercâmbio educacional entre estudantes e acadêmicos não só para estrangeiros irem aos EUA, mas para estadunidenses relacionarem-se com outros países também. Como pilar de intercâmbio Bayles cita o programa *Fullbright* fundado em 1946 pelo governo estadunidense para “[...] build friendly, peaceful relations between the people of the United States and the people of other countries through academic, cultural, sports, and professional exchanges, as well as public-private partnerships.”<sup>21</sup> (ECA s.d.).

Nye (2002, p. 92) ressalta que a mídia e a cultura não eram utilizadas como meios diplomáticos até o governo de Franklin Roosevelt (1933-1945), a partir de então foram criados órgãos como a Agência de Informação dos Estados Unidos, a Voz da América, o programa *Fullbright*, entre outros. Contudo, é essencial salientar que os maiores meios de poder brando são de origem fora do controle do governo estadunidense, principalmente os que envolvem a propagação do *american way of life*.

---

<sup>19</sup> “Notícias, pela (rádio) Voz da América, Rádio Livre da Europa/Rádio Liberdade, Rádio Livre da Ásia e outros radiodifusores dos EUA. Utilizando toda plataforma existente de mídia, esses radiodifusores abordam plateias do exterior em suas próprias línguas. Com uma maior ênfase em reportar notícias verdadeiras e precisas, especialmente notícias locais e regionais, às pessoas em países onde a mídia é censurada ou comprometida de outra maneira. Esse tipo de radiofusão é chamado de ‘suplente’ ou ‘substituto’”. (Tradução nossa)

<sup>20</sup> Hudson Institute. **Interview: Martha Bayles on Popular Culture and Public Diplomacy**. Disponível em: <<http://www.hudson.org/research/10533-interview-martha-bayles-on-popular-culture-and-public-diplomacy>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

<sup>21</sup> “[...] construir relações amigáveis e pacificadoras entre as pessoas dos Estados Unidos e as pessoas de outros países por meio de intercâmbios acadêmicos, cultural, de esporte e profissional, bem como parcerias público-privadas”. (Tradução nossa) Fonte: BUREAU OF EDUCATIONAL AND CULTURAL AFFAIRS. **About ECA**. Disponível em: <<http://eca.state.gov/about-bureau>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

De acordo com Teixeira (2008), o *american way of life* é desempenhado desde a década de 1920, quando a sociedade estadunidense atravessava um período de prosperidade e exportava esse modelo de vida – “classe média branca, confortável, bem remunerada e inserida no mercado de consumo” (TEIXEIRA, 2008, p. 34) – para todo o mundo. Entretanto, com o final da Segunda Guerra Mundial, Hollywood, bem como publicitários, passou a vender os valores estadunidenses ao resto do mundo por meio de produtos e filmes. (GLENN, 1992, p. 7 apud NYE, 2002, p. 92). Assim, Nye recorre às palavras de Rosendorf para dizer que os Estados Unidos passaram a ser considerados a vanguarda do que há de moderno e contemporâneo, poderosos, exóticos, e ricos (ROSENDORF, 2000 apud NYE, 2002, p. 94). De todo modo, a reputação de uma sociedade como extremamente liberal pode trazer também reações negativas. Para Nye (2002, p. 95), a atração ou abominação pela cultura estadunidense pode facilitar ou atrapalhar a política externa do Estado, mas essa questão é alheia ao empenho dos governantes. Todavia, deve-se sublinhar que a cultura é um meio de atração, e não ele num todo, portanto o poder brando não deve ser fundamentado somente nos sucessos e fracassos da propagação de uma cultura.

À parte a atração por cultura, há a atração por valores, nesse caso o exemplo exposto por Nye (2002, p. 129) é o das Organizações Não-Governamentais (ONG's). Segundo o autor, com a globalização e proliferação dos canais de informação transfronteiriços ficou muito mais simples para estas instituições pressionar governos, empresas e organizações intragovernamentais. De acordo com Nye (2002, p. 129), o poder brando das ONG's está nas mobilizações para desacreditar e manchar a imagem de seus alvos aproveitando-se de suas notoriedades. Campanhas para atingir empresas e governos advindas de ONG's têm sido tão eficazes que muitas instituições privadas, atualmente, têm um departamento exclusivo para lidar com este tipo de organização.

No artigo *online* “O poder das ONG's”<sup>22</sup> escrito por José Fucs para a revista *Época Debate* é apresentado um mecanismo criado pela Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA) para captar recursos para ONG's. De acordo com Fucs (2008), o interesse em ajudar dessa maneira (recurso pioneiro no Brasil e seguido por países como África do Sul e Alemanha) é fruto do que as ONG's têm proporcionado de bom para a sociedade, e, com conquistas como essa seu poder e influência só tem de aumentar. Isto posto, fica claro que o poder brando das

---

<sup>22</sup> JOSÉ FUCS. **O poder das ONG's**. 2008. Artigo disponível *online* somente para a revista *Época debate*. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EMI10075-15254,00-EPOCA+DEBATE+O+PODER+DAS+ONGS.html>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

ONG's para pressionar outros órgãos advém da credibilidade que a sociedade tem nos valores e no compromisso estritamente benevolente dessas organizações.

Nye completa que as consequências poderão, ou não, ser congruentes com as vontades do governo dando o seguinte exemplo:

Se as empresas transnacionais respondem a uma campanha de uma ONG concordando em aumentar a idade de trabalho infantil nas suas fábricas, poderão estar a anular a decisão do governo eleito de um país soberano como a Índia, de modo mais eficaz do que qualquer deliberação internacional formal alcançada na Organização Mundial do Comércio (NYE, 2002, p. 129).

O autor conclui sua construção argumentativa se referindo ao desenvolvimento dessas redes como sem coordenação e incerto quanto a como “[...] poderão conjugar-se em um modelo representativo de governança global, [pois] nenhuma delas reivindica representar os cidadãos no seu conjunto” (NYE, 2002, p. 130).

Em 2004, pressionado por amigos e críticos a explicar melhor as aplicações do poder brando na política externa, Nye escreveu o livro “*Soft Power – The means to success in world politics*”. A nova obra, segundo o autor, se diferencia das outras por acrescentar a discussão sobre a terceira dimensão do poder à Guerra do Iraque e novas implicações do poder brando.

A primeira nova implicação analisada pelo autor é que o efeito surtido da utilização do poder brando depende do contexto em que ele está sendo inserido, para isso é preciso saber as preferências de outros para, assim, moldá-las a seu favor. A partir do momento em que um ator muda a agenda/escolha de outro ou faz outros realizarem ações que normalmente não realizariam, pode-se dizer que o poder brando foi exercido, do contrário é apenas o acaso a favor do primeiro ator, ou, nas palavras de Nye (2004, p. 2): “Otherwise we may be as mistaken about our power as a rooster who thinks his crowing makes the sun rise”<sup>23</sup>. O autor também explica logo no início do livro que delinear a agenda de um determinado ator não é dizer exatamente como ou quando o mesmo deve agir, e sim, manipular suas escolhas políticas de tal maneira que elas pareçam irrealis, extravagantes demais para sucederem (NYE, 2004, p. 7).

---

<sup>23</sup> “Do contrário, nós estaremos tão enganados quanto ao nosso poder quanto um galo que pensa que seu cantar faz o sol nascer”. (Tradução nossa)

Quanto à aplicação do poder brando em diferentes temáticas, devido aos – até então, em 2004 – *recentes* acontecimentos no dia 11 de setembro de 2001, Nye dedica uma longa parte de seu livro para explicar como o terrorismo necessita do poder brando para manifestar-se. A princípio, pela comunicação: com a revolução da informação, recrutar novos membros para um grupo não precisa mais se restringir à esfera local ou nacional, a partir da globalização foi possível adquirir membros em uma esfera mundial (NYE, 2004, p. 22). A comunicação também é utilizada para espalhar suas mensagens pela internet e mídia em massa, utilizando novamente como exemplo os atentados de 11 de setembro, de acordo com Ramos e Figueiredo a mídia foi o ponto crucial para garantir o êxito do atentado:

A resposta quase que instantânea por parte dos meios de comunicação era algo previsível e peça importante para a repercussão das ações terroristas. As cenas dos aviões se chocando contra os edifícios do World Trade Center, transformaram-se em um “marketing do terror”. Os ataques tiveram como alvo os principais espaços-símbolos dos Estados Unidos: o econômico (World Trade Center) e o militar (Pentágono). As imagens produzidas pelos ataques representariam a destruição dos ícones do capitalismo estadunidense (RAMOS; FIGUEIREDO; 2012; p. 205).

Nye (2004, p. 22) conclui que o poder brando – no caso supracitado exercido através da mídia – é peça chave para se garantir a vitória de um grupo terrorista, por meio deste é possível atrair membros, disseminar seus propósitos, bem como, de acordo com o autor, destruir a determinação de seu inimigo para lutar.

Avançando a análise sobre conflitos internacionais, a guerra do Iraque foi, segundo Nye, um acontecimento modelo sobre quando o poder duro aplicado indiscriminadamente – sem pensar nos efeitos também sobre o poder brando – pode ter um efeito negativo sobre ele mesmo posteriormente.

Essa consequência negativa pôde ser observada quando os Estados Unidos acreditaram que a guerra ao Iraque poderia ser legitimada caso seu desfecho resultasse no início da consolidação da democracia no Iraque, o que mudaria a configuração política no Oriente Médio. Essa obsessão os levou a seguir adiante com sua Guerra Preventiva mesmo sem o aval do Conselho de Segurança das Nações Unidas (BLIX 2009; NYE, 2004, p. 26), assim, aos olhos mundiais, a agenda dos Estados Unidos deixou de ser o combate às atrocidades cometidas pelo ditador Saddam Hussein, para se tornar a exibição da dimensão do poder duro do Império Americano.

Destarte, até mesmo aliados, tais como França e China, se opuseram à conduta militar estadunidense, e, de acordo com Nye (2004, p. 27), “[...] When support for America becomes a serious vote loser, even friendly leaders are less likely to accede to our requests”<sup>24</sup>. Ou seja, o poder brando de atração pelo ideal foi anulado por um ato militar desmedido, o que posteriormente ocasionou dúvidas sobre a legitimidade das ações dos Estados Unidos e aflição quanto a como eles utilizariam seu poder duro (NYE, 2004, p. 12). Conseqüentemente, o poder duro também foi enfraquecido, por exemplo, sem aliados como o Parlamento da Turquia não foi possível transportar tropas militares terrestres através do país para o norte do Iraque.

De acordo com o autor, a atuação de George Bush (2001-2009) durante a Guerra do Iraque “[...] focused too heavily on hard power and did not take enough account of soft power”<sup>25</sup> (NYE, 2004, p. 25), por conseguinte, o comportamento de Bush deixou margens para questionamento internacional sobre sua aptidão como líder, prejudicando, dessa maneira, sua imagem desde a investida contra o Iraque sem uma segunda resolução das Organizações das Nações Unidas (ONU). Em seu livro “*The powers to lead*” (2008), Nye relaciona poder com liderança afirmando que algumas vezes aquele que está em uma posição acima dos outros não é necessariamente o líder de um grupo (comunidade). Para o autor, líderes orientam e mobilizam grupos com propósito de atender às necessidades desse grupo, reforçando sua identidade por meio de ordem e trabalho coletivo (NYE, 2008, p. 19-20).

Referindo-se ao comportamento de um verdadeiro líder conectando-o ao poder brando, Nye explica que liderança não é apenas dar comandos, mas ser um exemplo a ser seguido, sem deixar de atrair outros a cumprirem com suas obrigações (NYE, 2008, p. 29). O autor expõe, nesse livro, que quando os poderes duro e brando são trabalhados em conjunto, o setor militar, por exemplo, deixa de ser apenas poder duro para também ser um exemplo de poder brando, “[...] military theories of counterinsurgency stress the importance of winning the hearts and minds of the population, not merely killing the enemy”<sup>26</sup> (NYE, 2008, p. 29). Para o autor, no mundo afora das teorias, a prática de ambos é combinada quando há atração até mesmo em relações dominadas por coerção ou indulgências. Nye utiliza o exemplo de um

---

<sup>24</sup> “[...] Quando suporte à América se torna um sério voto perdido, até mesmo líderes amigáveis são menos susceptíveis a aderir aos nossos pedidos”. (Tradução nossa)

<sup>25</sup> “[...] focou demais no poder duro e não levou em conta o poder brando o suficiente”. (Tradução nossa)

<sup>26</sup> “[...] teorias militares sobre contrainsurgências enfatizam a importância de ganhar os corações e mentes da população, não meramente matando o inimigo”. (Tradução nossa)

governo que investe em campanhas antidrogas, entretanto, se estas não forem o suficiente há leis que asseguram a não utilização de drogas (NYE, 2008, p.30).

Para Nye, o exemplo de uma autoridade que opera com poder duro ou brando está na formalidade de sua posição. Enquanto líderes formais têm ambos ao seu dispor, líderes de instituições informais ou organizações sociais tendem a usufruir apenas do poder brando. Nesse caso, a atração pelo propósito de tais líderes é motivada pelo carisma que eles apresentam, bem como pela persuasão através de apelo emocional (NYE, 2008, p. 38-39), entretanto, um líder formal pode utilizar ambos os poderes para obter o que quer. Para ilustrar esse caso, Nye (2008, p. 39) utiliza o exemplo de um bônus, o qual pode ser um modo de congratulação por bom desempenho, contudo, retirar esse bônus certamente caracteriza punição. Ambos os poderes, no entanto, estão relacionados pelo modo com que afetam diretamente no comportamento de outros. A atração por pelo poder de comando ou invencibilidade também é uma relação em *soft e hard power*. Para elucidar esse fato, Nye se vale do exemplo de Chris Patten – ministro durante a gestão de John Major (1990-1997) e, anteriormente, de Margaret Thatcher (1979-1990) –, o qual alega que o estilo atemorizante com que Thatcher governava a fez uma primeira-ministra mais eficaz (NYE, 2008, p. 39, 41). Até mesmo um ditador de má índole precisa de simpatizantes à sua causa para conseguir coagir toda uma sociedade.

Em seu livro *O futuro do poder* (2011), Nye continua abordando as interações entre poder duro e poder brando, entretanto o autor apresenta uma nova circunstância quando aborda que ambos os poderes – e não apenas o poder brando, como descrito em suas obras anteriores – apresentam três faces de comportamento: indução a fazer algo que de outro modo não fariam; ajuste da agenda; e, moldagem das preferências. No primeiro, o poder duro se caracteriza pela recompensa e o poder brando pela atração (pelo objetivo, ideal, etc.); no segundo, a força e a recompensa são utilizadas para cortar a agenda de um ator, ou, a nova agenda pode ser aceita pela atração ou através de instituições; a terceira e última face é semelhante à segunda, onde força e recompensa podem definir a preferência de um ator, bem como a atração ou as instituições podem fazer o mesmo (NYE, 2011, p.127).

Do mesmo modo com que ambos os tipos de poder apresentam três faces, estigmas de que recursos econômicos e militares são estritamente poder duro e que o poder brando é estritamente para o bem são dizimados por Nye. Quando uma tropa militar tem o propósito de manutenção da segurança, ou prover assistência, esta adquire também poder brando para um

Estado (NYE, 2011, p. 73, 75). A partir do artigo de Yohana Andrade (“Atuação dos EUA no Haiti tem interesse geopolítico...”<sup>27</sup>), ao analisar a opinião de analistas internacionais, é possível compreender que o interesse estadunidense ao enviar militares para o Haiti era não só em ajudar em sua recuperação evitando que se formasse uma nação sem Estado alvo de criminalização, mas também para exercitar sua força hegemônica e manter um *locus* geopolítico na América Central. Ou seja, mais poder geopolítico para os Estados Unidos alcançado pelo poder brando.

Na economia os dois lados do poder também funcionam: do mesmo modo que impor sanções econômicas em outros Estados – mais precisamente 85 sanções foram impostas pelos Estados Unidos entre 1996 e 2001 (O’SULLIVAN, 2003, p. 288 apud NYE, 2011, p. 104) – para coagi-los é uma forma de poder duro, ajudá-los a pagar dívidas e superar sanções impostas por outros Estados é uma forma de poder brando, pois desse modo terá um aliado (NYE, 2011, p. 108). O sucesso econômico de uma nação *per se* é uma forma de poder brando, uma vez que pode atrair seguidores que desejam imitar essa nação (NYE, 2001, p. 80). O exemplo mais claro de como os poderes brando e duro estão largamente presentes nas ações econômicas de um ator – obviamente, como explicado anteriormente, analisando também o contexto – é ilustrado com a União Europeia, esta deu acesso comercial preferencial às suas ex-colônias. Observando pelos moldes do poder brando, ela se retratou quanto às injustiças históricas as quais cometeu para com as colônias, todavia, se na análise for aplicada à ótica do poder duro, esse acesso foi apenas um meio de controle neocolonial (NYE, 2011, p. 103).

Em todas as obras supracitadas Nye cita que para que um Estado, governo ou líder prospere é necessário que haja equilíbrio entre o exercício de poder duro e poder brando. Para os que consideram o poder brando um sinônimo de fraqueza política ou um conceito inaplicável em situações reais é impreterível o acompanhamento das obras do prestigiado professor de Harvard. Não obstante a todos os desdobramentos do poder brando especificados por Nye, o autor surge<sup>28</sup> com o termo “*smart power*”, ou, poder inteligente, para explicar a habilidade de união dos poderes brando e duro.

---

<sup>27</sup> YOHANA ANDRADE. **Atuação dos EUA no Haiti tem interesse geopolítico, dizem analistas**. 2010. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/2614/conteudo+opera.shtml>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

<sup>28</sup> Em 2004, Suzanne Nossel, diretora executiva da associação de escritores e editores literários PEN American Center, escreveu à revista *Foreign Affairs*, o artigo “*Smart Power*”, assim, muitos creditam o termo homônimo à Suzanne e não a Joseph Nye.

### 2.3 Poder inteligente

O poder inteligente é descrito por Nye em várias obras como a capacidade de combinar/equilibrar os poderes duro e brando de forma efetiva. Entretanto, em sua obra “O futuro do poder”, o cientista político dedica um capítulo todo para explicar este conceito.

As preocupações sobre declínio dos Estados Unidos ou sua arrogância quanto ao *triumfalismo* são entendidas pelo autor como “a velha narrativa do século XX”. O século XXI traz a emergência de novos Estados, bem como de novas potências e a proposta da aplicação do poder inteligente é embasada na combinação de recursos e estratégias para que seu Estado siga com êxito (NYE, 2011, p. 262). Prova de que o poder inteligente não é uma prerrogativa estadunidense, pequenos Estados vêm exercendo-o para garantir-se no sistema internacional, entre vários exemplos, Nye cita que

O Qatar (...) permitiu que seu território fosse usado como quartel-general das forças armadas dos Estados Unidos na invasão do Iraque, e, ao mesmo tempo, patrocinava a Al Jazeera, o canal de televisão mais popular da região, que era extremamente contrário às ações americanas (NYE, 2011, p. 265).

Estados maiores têm ainda mais habilidade em exercer o poder inteligente, geralmente o poder brando da atração, ou pela tradição, desses Estados é interligado à coerção do poder duro para exercer as três faces do poder (NYE, 2011, p. 267).

Observar o contexto de uma situação antes de assumir uma conduta *preventiva* é indispensável para uma política de sucesso, isso inclui uma análise das tendências de poder e compreensão quanto à difusão do poder. Em seu artigo “*Get smart*”, publicado em 2009 para a revista *Foreign Affairs*, Nye afirma que inteligência contextual é saber avaliar não só as forças, mas também até onde chega o poder estadunidense. Atualmente o país configura-se como uma superpotência, todavia, a ideia de hegemonia já não existe desde a multipolarização do sistema internacional. Para ilustrar o fim da hegemonia, Nye recorda o xadrez tridimensional que criou em 2002, onde o poder na Era da globalização se distribui em três níveis: militar, econômico e das relações transnacionais. No primeiro nível os Estados Unidos são superiores; no segundo nível o mundo é multipolar, o poder também é dominado por Estados europeus e China (ou, em 2002, pelo Japão); já no terceiro nível a estrutura de poder é dispersa e envolve temáticas como mudanças climáticas, terrorismo e epidemias (NYE, 2002, p. 166; NYE, 2009). Uma superpotência tem que saber atuar nos três níveis de

maneira vertical e horizontal, contudo, é necessário salientar que o terceiro nível envolve ainda mais cooperação entre atores internacionais, uma vez que se caracteriza com problemas de interesse geral.

Os objetivos dos Estados Unidos – valendo-se do poder inteligente – no meio internacional mudam de dominar regiões para ajudar a manter o equilíbrio de poder entre potências regionais, além de utilizar todo o potencial militar (brando e duro) para “moldar ambientes”, a economia mundial liberal também deve ser disseminada (NYE, 2011, p. 275), assim o caminho para o desenvolvimento internacional será aberto. Antes de definir sua estratégia é preciso definir as preferências de seus alvos de interesse, e, para atingi-los, não é mais necessário partir da coerção, mas da avaliação dos recursos dos mesmos para que o poder inteligente possa ser aplicado.

Em certos contextos, ao invés de combinar ambos os poderes é necessário saber qual escolher e quando escolhê-los, de modo que um não anule o outro (NYE, 2011, p. 283). Uma execução errônea do poder duro, como visto anteriormente, pode gerar poder brando a outros atores internacionais, um exemplo é o tratamento que os prisioneiros de Guantánamo recebem. De acordo com Erika Guevara Rosas, diretora do Programa Americano de Anistia Internacional, não fechar Guantánamo é um fracasso dos direitos humanos promovidos por presidentes, inclusive Obama<sup>29</sup>. Ações como não fechar a prisão e a promessa de promoção dos direitos humanos são contraproducentes e geram descrença na liderança para o mundo que Nye deseja aos Estados Unidos, trazendo novamente a ideia de um país que governa para ele mesmo, como na gestão de George W. Bush, onde ações descomedidas contra terroristas resultaram em mais adeptos à Al Qaeda em três continentes (NYE, 2004, p. 29).

O último passo elaborado por Nye para a execução do poder inteligente é a liderança global a qual não significa intervencionismo global (NYE, 2011, p. 288). Influenciar, ao invés de dominar o mundo, para o autor, é a essência do comportamento de um líder no sistema internacional, o qual deve compreender sua responsabilidade de produzir bens públicos ou comuns globais (NYE, 2011, p. 292) para comunidades e governos que não os alcançarão sozinhos. Isso se faz por meio de desenvolvimento econômico, garantia de saúde pública, cautela com mudanças climáticas entre outros procedimentos que unam recursos militares,

---

<sup>29</sup> AMNESTY INTERNATIONAL. USA: **Close Guantánamo and end human rights hypocrisy**. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/articles/news/2014/01/usa-close-guant-namo-and-end-human-rights-hypocrisy/>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

econômicos e investimento em poder brando; segundo Nye (2009, s.p.), “[...] that would be true smart power”<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> “[...] isso seria o verdadeiro poder inteligente”. (Tradução nossa)

### 3 O CINEMA ESTADUNIDENSE COMO PODER BRANDO

Já em sua primeira menção sobre o poder brando, em 1990, Nye enaltece a cultura estadunidense como um dos maiores meios de atração, inclusive por ser barato e útil. Contudo, o autor explica que o problema em depender apenas da cultura para o exercício do poder brando é que evidentemente nem todas as características dos hábitos e costumes estadunidenses agradarão totalmente a todos (NYE, 1990, p. 168), entretanto índices sobre venda de produtos e licenças para com obras do país têm mostrado desde o início da disseminação do *american way of live*, em 1920, que a exportação da cultura popular tem sido bem sucedida.

Um país exemplo do impacto que a influência da expansão da cultura estadunidense pode ter é a Venezuela. De acordo com Jones e Donovan (2007, p. 80-81), com o *boom* do petróleo nos anos 1970 e 1980, venezuelanos com alto poder aquisitivo faziam compras em Miami e Nova Iorque, entretanto, na década de 1990, quando o poder de consumo da população exauriu, adolescentes passaram a comprar roupas falsas de marcas estadunidenses, bem como assistir aos filmes estadunidenses em dias em que as sessões eram mais baratas, ao invés, ainda assim, de usarem roupas de marcas nacionais ou valorizarem filmes nacionais. Para combater o imperialismo da cultura estadunidense, em 2005, o presidente Hugo Chávez (1999-2013) aprovou uma lei exigindo que cinquenta por cento das músicas tocadas nas rádios deveriam ser de origem venezuelana (CROTHERS, 2013, p. 208). De acordo com Crothers

The effect of the Law, in turn, was to challenge globalizers' assertions that American popular culture was providing a market for the products people truly wanted to enjoy: in the aftermath of the law's passage, sales of traditional Venezuelan music skyrocket, while sales of American acts declined (CROTHERS, 2013, p. 208)<sup>31</sup>.

Esse ato provou que a aceitação da cultura popular estadunidense é mais uma questão de rotina, no sentido de aprender a apreciar o que sempre lhe foi imposto, do que uma questão de poder de escolha. Todavia, essa afirmação abre espaço para o questionamento sobre o porquê de a cultura estadunidense parecer ser mais atraente do que as outras. Nesse sentido,

---

<sup>31</sup> “O efeito da lei, por sua vez, foi para desafiar afirmações de globalizadores de que a cultura popular americana estava provendo um mercado para os produtos que as pessoas realmente queriam desfrutar: no final das contas, após a passagem da lei, vendas da música tradicional venezuelana dispararam, enquanto vendas de atos americanos declinaram”. (Tradução nossa)

Nye (1990) justifica que um país que domina os canais de comunicação tem mais chances de que suas mensagens alcancem outros Estados e façam parte da preferência de seus civis. Seu argumento é justificado por dados sobre a propagação dos meios de cultura de seu país

According to past studies by the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, the United States has been exporting about seven times as many television shows as the next larger exporter (Britain) and has the only global network for film distribution. Although American films account for only 6 – 7 per cent of all films made, they occupy about 50 per cent of world screen-time. In 1981, the United States was responsible for 80 per cent of worldwide transmission and processing of data. The American language has become *lingua franca* of the global economy. (NYE, 1990, p. 169, grifo do autor).<sup>32</sup>

Outros pontos que fundamentam a atração, segundo Nye, são os valores democráticos, a defesa dos direitos humanos e a abertura da cultura estadunidense para várias etnias, o que leva o Estado a receber mais de um milhão de imigrantes por ano<sup>33</sup>. A imagem de um país livre também faz parte do conjunto, e, de acordo com o historiador Rob Kroes (1999, p. 54, 468 apud NYE, 2004, p. 48), os pôsteres feitos na Europa para linhas de transporte no século XIX já esboçavam a imagem do oeste estadunidense como um símbolo de liberdade. Posteriormente essa imagem foi incorporada aos símbolos de consumo os quais faziam parte dos hábitos domésticos dos EUA. Kroes completa seu argumento afirmando que gerações de europeus puderam desfrutar de produtos estadunidenses – principalmente após o Discurso das Quatro Liberdades de Franklin Roosevelt, em 1941<sup>34</sup> – tais como Coca-Cola, calça jeans ou marcas de cigarros como uma expressão de suas identidades.

<sup>32</sup> “[...] De acordo com estudos posteriores feitos pela Organização Educacional, Científico e Cultural das Nações Unidas, os Estados Unidos têm exportado por volta de sete vezes mais programas de televisão do que o próximo maior exportador (Britânico) e tem a única network global de distribuição de filme. Embora filmes americanos somem apenas 6 – 7 por cento de todos os filmes feitos, estes ocupam cerca de 50 por cento do tempo nas telas mundiais. Em 1981, os Estados Unidos foram responsáveis por 80 por cento da transmissão mundial e processamento de dados. A língua americana se tornou língua franca da economia global”. (Tradução nossa)

<sup>33</sup> Fonte: AGÊNCIA EFE. **EUA são país com maior número de imigrantes, mostra estudo da ONU**. 2013. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/31162/eua+sao+pais+com+maior+numero+de+imigrantes+mostra+estudo+da+onu.shtml>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

<sup>34</sup> Em 1941 o cenário mundial lidava com ações de governos tiranos, a Itália fascista havia anexado a Etiópia, o Japão havia invadido a China e a Alemanha, após a conquista de países como Noruega e França, se preparava para invadir a Grã-Bretanha. Com a ameaça à Grã-Bretanha os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial enviando tropas à Europa para garantir a proteção do que o presidente Roosevelt afirmou ser, as nações democráticas. O marco do início da atuação dos EUA na Segunda Guerra Mundial foi o chamado “Discurso das Quatro Liberdades” do presidente vigente, no qual ele afirmou lutar por um mundo pacífico que priorizasse a liberdade de expressão, a liberdade de culto, a liberdade de viver sem passar necessidades e a liberdade de viver sem medo. Seu discurso foi apresentado ao Congresso e aos civis em 6 de janeiro de 1941. Fonte: Bureau de Programas de Informações Internacionais (IIP). **Quatro liberdades: o discurso que emocionou os Estados**

Para que símbolos, hábitos e ideais sejam suficientemente cativantes para serem adotados por culturas de diferentes regiões mundiais e instrumentalizados como poder brando, utilizar somente recursos visuais, como pôsteres e *outdoors*, ou então somente recursos auditivos como músicas e *jingles* podem não ser o bastante para que haja essa mudança. A combinação audiovisual, nesse caso, é o recurso mais apropriado para a execução do poder brando. Comerciais e esportes televisionados, bem como séries e filmes exportados fizeram com que símbolos estadunidenses se convertessem em ícones mundiais, do mesmo modo que pilares políticos do país se tornassem em desígnio para jovens de todo o mundo.

De acordo com Crothers (2010, p. 13), o recurso audiovisual fornece um meio pelo qual imagens – políticas, econômicas ou sociais – são transmitidas de modo com que todo o mundo possa ver o estilo de vida e os valores estadunidenses. Em filmes esse recurso torna-se ainda mais eficaz, pois produtoras e distribuidoras os engendam de forma que a identificação do público com os personagens aconteça ao longo do enredo – estes, por sua vez, são escritos com uma fundamentação, de acordo com Crothers, “transparente” para que o público possa construir sua própria interpretação do quanto tal obra cinematográfica pode significar em sua vida. Conseqüentemente, um filme que transmite valores – também políticos – pode ser mais poderoso do que o discurso político vindo de um governante em si, o que torna Hollywood a maior promotora e exportadora mundial de símbolos visuais (CROTHERS, 2010, p. 39; NYE, 2004, p. 47).

### **3.1 Da Segunda Guerra Mundial ao imediato Pós-Guerra: o governo em controle de Hollywood**

Companhias de produção cinematográfica não cresceram mundialmente sem a intervenção do governo. Ao ver a dimensão que a influência de filmes tinha no próprio país, foi criado em 1921, por executivos da indústria cinematográfica, a *Motion Picture Producers and Distributors of America* (Produtores e Distribuidores de Filmes Cinematográficos da América – MPPDA)<sup>35</sup>, liderada por Will H. Hays. Essa associação representaria companhias produtoras de cinema nas relações com o governo, público e outras organizações. Por meio

---

Unidos. Disponível em: <http://iipdigital.usembassy.gov/st/portuguese/pamphlet/2013/10/20131002283945.html#axzz3XmOCpooM>. Acesso em: 17 abr. 2015.

<sup>35</sup> Posteriormente a *Motion Picture Producers and Distributors of America* foi renomeada para *Motion Pictures Association of America* (Associação de Filmes Cinematográficos da América – MPAA).

desta Hays também criou um código de censura, o qual abrangia desde componentes do roteiro de um filme até aspectos do comportamento e aparências dos atores e personagens (PEREIRA, 2012, p. 201-202)<sup>36</sup>.

Nesse sentido, a MPPDA contava com um conselho de executivos e produtores de companhias de cinema reconhecidas como *majors*<sup>37</sup>, as quais seguiam as diretrizes formuladas nos relatórios da associação. Em 1939, Hays escreveu ao conselho sobre a política a ser adotada pelas *majors* no período de vigência da guerra na Europa. Segundo ele, devido à importância da indústria cinematográfica a responsabilidade da MPPDA era muito significativa, principalmente como formadora de opiniões, portanto, a associação não deveria produzir filmes que assumissem uma posição particular quanto à guerra. Desse modo, deveriam manter-se genuínos, não fazer propaganda de guerra ou contagiar-se com as animosidades de uma guerra da qual não faziam parte. Ainda, de acordo com Hays

Consideration has been given to the effect of the Federal neutrality statutes on any pictures content and it is believed that there is no Federal authority on other law to control what an American motion picture producer may put in his picture having to do with this general subject matter. The fact that there is no law covering it immeasurably increases our responsibility<sup>38</sup> (HAYS, 1939).

Nesse segmento, Hays concordava com os associados da MPPDA que devido à falta de regularização do setor cinematográfico eles deveriam ter uma responsabilidade maior sobre suas produções, e, enquanto a guerra na Europa sucedesse os filmes estadunidenses não

---

<sup>36</sup> A partir de 1914 surgiram as chamadas “personalidades filmicas”, atores e atrizes os quais eram admirados pelos filmes em que atuaram devido ao “sistema de estrelato”, o qual promovia artistas cinematográficos como personalidades as quais apareciam em capas de revistas, distribuía fotos em suas *premières* e compareciam à entrevistas para a divulgação dos filmes – atraindo assim o carisma da população. Todavia, a fama dos atores gerou no público curiosidade sobre suas vidas particulares – estas eram repletas de escândalos e ocorrências que não poderiam servir de exemplo para a população, tais como casos de alcoolismo, adultério, promiscuidade, etc. Temendo que comitês de censura dos Estados Unidos intervissem em seus filmes, representantes da *Motion Picture Producers and Distributors of America* pediram a Will H. Hays que também criasse um “código de pureza” (PEREIRA, 2012, p. 202), que limitasse não só a exposição dos artistas, como também censurasse cenas obscenas, drogas ilícitas, assuntos vulgares, brutalidade, crueldade para com crianças e animais, apologia às relações sexuais, entre inúmeros outros tópicos (PEREIRA, 2012, p. 192, 202, 205).

<sup>37</sup> De acordo com a Doutora em Cinema e Políticas Culturais, Alessandra Meleiro (2007, p. 19), as produtoras de Hollywood podem ser divididas em três camadas. Na camada superior encontram-se as empresas Paramount, Twentieth Century Fox, Warner, Universal, Disney e Columbia, reconhecidas como *majors* por arrecadarem cerca de 90% da receita atual de bilheteria dos EUA.

<sup>38</sup> “Consideração tem sido dada para o efeito da neutralidade dos estatutos federais em qualquer conteúdo fílmico e acredita-se que não há uma autoridade federal sobre outra lei para controlar o que um produtor cinematográfico americano põe em seu filme sobre esse assunto (guerra na Europa). O fato de que não há leis cobrindo (essa indústria) aumenta imensuravelmente nossa responsabilidade”. (Tradução nossa)

fariam nenhuma propaganda de guerra, bem como não instigariam o ódio ou encorajariam jovens estadunidenses a lutarem na guerra.

Entretanto, a insuficiência de regularização cinematográfica cessaria com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra, em 1941. As normas do Código Hays passaram a atuar em favor do governo de Franklin D. Roosevelt. Como define Pereira,

[...] esse código atuaria no sentido de colocar as indústrias cinematográficas dos Estados Unidos em sintonia com os ideais e valores da “nova política” preconizada pelo presidente Franklin Delano Roosevelt, fazendo do cinema um baluarte dos princípios políticos, sociais, econômicos e culturais básicos do *New Deal* (*Novo Acordo*) (PEREIRA, 2012, p. 174, grifo do autor).

Anos depois da implementação do Novo Acordo – com a inserção dos EUA na Segunda Guerra Mundial – o governo iniciou uma ofensiva em todas as dimensões do poder e em perspectiva global. Em 1942 foi criado por Roosevelt o *Office of Wartime Information* (Escritório de Informação de Guerra – OWI), o qual informava os civis sobre a guerra tanto no país quanto no exterior (principalmente a Europa), além de ter a função de regular os veículos de comunicação como rádio, imprensa e cinema. O OWI, em conjunto com o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*<sup>39</sup> (Birô do Coordenador de Assuntos Interamericanos – OCIAA) foi precursor em modelar os filmes de Hollywood como armas de propaganda em prol dos EUA, influenciando produções por meio de adições e exclusões de cena, inclusive, negando licenças para filmes.

Além dessa ligação com produções cinematográficas, o OWI demandava a elaboração de filmes cujo tema central fosse a informação e a propaganda de guerra. Executivos de Hollywood acabaram por ceder ao governo – e reverter sua decisão de não fazer propaganda de guerra em suas produções – não só por patriotismo, mas por interesses pessoais (NYE, 2004, p. 102; PEREIRA, 2012, p. 232)<sup>40</sup>. Esse foi o início da utilização de Hollywood como ferramenta internacional de poder brando, ou seja, para disseminar valores estadunidenses,

<sup>39</sup> O OCIAA foi criado em 1940, sob outra denominação, “*Office for the Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics*” (Birô de Coordenação das Relações Comerciais e Culturais entre as Repúblicas Americanas), entretanto, seu nome foi mudado para *Office of the Coordinator for Inter-American Affairs* quando foi assumido por Rockefeller (MOURA, 2012, p. 60).

<sup>40</sup> Outros órgãos do governo também influenciavam diretamente em obras cinematográficas, tais como o *War Activities Commite* (Comitê de Atividades de Guerra de Hollywood – WAC), o qual distribuía filmes do governo e garantia que estes fossem exibidos em cinemas de todo o país, e o *Office of Censorship* (Escritório de Censura), o qual supervisionava tanto a exportação de filmes – para garantir que estes não tivessem cenas que comprometessem a integridade dos EUA ou revelassem imagens de utilidade para o inimigo –, como as instalações militares e posições geográficas (PEREIRA, 2012, p. 232-233).

tais como o direito à liberdade. Também, para valorizar seus símbolos, a exemplo das marcas populares no país.

Uma vez que cada órgão atuava em um segmento específico, o OCIAA foi criado pelo Conselho de Defesa Nacional dos EUA – e dirigido pelo milionário Nelson Rockefeller<sup>41</sup> – como um dos resultados da “Política de Boa Vizinhança”, na década de 1940. De acordo com o *US National Archives and Records Service* (Serviço Nacional de Arquivos e Registros dos Estados Unidos – NARS), o principal propósito do OCIAA era “to formulate and execute a program to increase hemispheric and further the spirit of inter-American cooperation”<sup>42</sup> (SERVIÇO NACIONAL DE ARQUIVOS E REGISTROS, 1973). Ou seja, propiciar a aproximação dos EUA com os países da América Latina. Essa aproximação dar-se-ia através da substituição da intervenção militar direta por medidas como o apoio aos líderes locais e a criação de agências governamentais que assessorassem o comércio com países latino-americanos. Não obstante, essas medidas trariam o reconhecimento dos países latino-americanos como soberanos e parceiros igualitários dos Estados Unidos (PECEQUILO, 2011, p. 117; PEREIRA, 2012, p. 226).

Dentro do OCIAA havia a Divisão de Cinema, responsável por tornar o cinema um veículo em prol do governo estadunidense, nesse sentido, contava com duas resoluções voltadas para a América Latina: 1) minimizar a influência de produções europeias na América Latina, salientando o conceito estadunidense de democracia como solução contra o nazismo; 2) propagar o *American way of life* – principalmente a imagem dos EUA como o símbolo de liberdade (PEREIRA, 2012, p. 235; ZAGNI, 2008, p. 70).

No intuito de atender ao norteamento dado pela política externa estadunidense os filmes de Hollywood eram obrigados a ter algumas características específicas, tais como: 1) enaltecer figuras históricas latino-americanas; 2) enredo em países como México e Brasil; e, 3) a contratação de atores e atrizes latino-americanos, como Carmem Miranda e César Romero. Em um trecho de um documento do OCIAA à MPAA há um pedido de contribuição com o programa de aproximação à América Latina, nele expunha-se que as produtoras deviam incluir elementos latino-americanos em cenas de filmes como, por exemplo, um

---

<sup>41</sup> Nelson Rockefeller até então se destacava por ser milionário e presidente do *Rockefeller Center Inc.* (Centro Rockefeller Inc.). Posteriormente Rockefeller se destacou como líder do Partido Republicano, governador do Estado de Nova Iorque e vice-presidente dos Estados Unidos no governo de Gerald R. Ford (1974 – 1977). Fonte: BIO. **Nelson Rockefeller**. Disponível em: <<http://www.biography.com/people/nelson-rockefeller-9461384>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

<sup>42</sup> “Formular e executar um programa para aumentar a solidariedade hemisférica e avançar o espírito de cooperação interamericana”. (Tradução nossa)

soldado latino-americano – pois estes também serviam nas Forças Armadas dos Estados Unidos. Estas cenas poderiam causar a simpatia do público latino-americano e criar uma impressão favorável sobre os EUA. (PEREIRA, 2012, p. 236; ZAGNI, 2008, p. 76). Assim, personagens como Zé Carioca e Carmem Miranda não demoraram a inundar as telas dos cinemas da América Latina.

Um dos mais conhecidos agentes em prol da política externa estadunidense foi o cineasta Walt Disney, o qual durante a Segunda Guerra Mundial produziu animações de influência interna<sup>43</sup> e externa. Em 1941 Walt Disney veio ao Brasil como agente da OCIAA com o pretexto de promover seu filme “Fantasia”<sup>44</sup> no Rio de Janeiro e São Paulo. No lançamento do filme no Rio de Janeiro, Disney sentou-se ao lado do presidente Getúlio Vargas, e, de acordo com Zagni (2008, p. 80), após o encontro com o cineasta, Vargas demonstrou muito mais entusiasmo em cooperar com um projeto de integração proposto pelos Estados Unidos.

Em 1942, a *The Walt Disney Company* produziu o filme “*Saludos Amigos*”<sup>45</sup> (no Brasil, “Alô Amigos”), no qual o Pato Donald viaja pela América do Sul. O filme dá um enfoque especial ao Brasil e à Argentina por serem potências regionais com influência cultural sobre os outros Estados vizinhos. Ainda, de acordo com Pecequillo (2011, p. 118), Brasil e Argentina eram tidos como exemplos da adesão aos regimes políticos com bases fascistas, e os EUA tinham interesse de revertê-los, assim, esse fato pode ser suscitado como um dos motivos para terem sido os principais países escolhidos na América Latina para visitas e homenagens dos estadunidenses.

---

<sup>43</sup> Filmes como *The New Spirit* (O Novo Espírito) influenciaram a população estadunidense de várias maneiras. A trama retrata o Pato Donald – um dos personagens principais de Walt Disney, o qual havia recebido seu salário, sendo persuadido por um locutor de rádio a pagar seus impostos, para que o Estado tivesse verbas para investir nas forças militares durante a Segunda Guerra Mundial. A animação termina com o locutor proferindo o discurso As Quatro Liberdades de Roosevelt. Fonte: THE NEW SPIRIT. Direção de Wilfred Jackson, Ben Sharpsteen. Produção de Walt Disney. Realização de U.S. Department Of The Treasury, Walt Disney Productions. Intérpretes: Fred Shields, Clarence Nash. Roteiro: Joe Grant, Dick Huemer. Música: Oliver Wallace. Burbank: War Activities Committee of the Motion Pictures Industry, 1942. (7 min.), son., color

<sup>44</sup> FANTASIA (FANTASIA). Direção de Samuel Armstrong, James Algar, Bill Roberts, Ben Sharpsteen, David D. Hand, Hamilton Luske, Jim Handley, Ford Beebe, T. Hee, Norm Ferguson, Wilfred Jackson. Produção de Walt Disney. Intérpretes: Leopold Stokowski, Orquestra da Filadélfia. Roteiro: Joe Grant, Dick Huemer. Burbank: Walt Disney Pictures, Rko Pictures, 1940. (125 min.), son., color.

<sup>45</sup> SALUDOS AMIGOS (ALÔ AMIGOS). Direção de Norman Ferguson, Jack Kinney, Wilfred Jackson, Hamilton Luske,. Produção de Walt Disney. Intérpretes: Lee Blair, Mary Blair, Pinto Colvig, Walt Disney, Norman Ferguson, Frank Graham, Clarence Nash, José Oliviera, Frank Thomas. Roteiro: Homer Brightman, William Cottrell, Richard Huemer, Joseph Grant, Harold Reeves, Ted Sears, Webb Smith, Roy Williams, Ralph Wright. Música: Ed Plumb; Paul Smith. Burbank: Walt Disney Productions, 1942. (42 min.), son., color.

Esse enfoque é evidenciado no roteiro do filme, pois Donald tem como guia, Zé Carioca – personagem lançado nesse filme –, o qual possui as características que os Estados Unidos precisavam que os Estados latino-americanos acreditassem ter: ingênuo, malandro e passível, mais precisamente. Frente a estas características acabariam necessitando das orientações que o amigo estadunidense, responsável e líder, lhe daria. O filme tem como trilha sonora a música “Aquarela do Brasil”, de Ari Barroso. Por sua vez, esta canção fez parte da propaganda do Estado Novo de Vargas, o que demonstra ainda mais a proposta de construção de uma aliança cultural com o Brasil, e que Disney atuava de acordo com os interesses e as preposições da OCIAA.

Não obstante, produto das relações que se estreitavam entre a OCIAA e o Departamento de Imprensa e Propaganda brasileiro (DIP), o cineasta Orson Welles<sup>46</sup> veio ao Brasil pelo estúdio *Radio Pictures Inc.* (RKO) para filmar a obra “*It’s All True*” (É Tudo Verdade), a qual incluía imagens da passagem de Welles pelo país.

Segundo Zagni (2008), a visita de Welles à América do Sul foi caracterizada por encontros com políticos, intelectuais e jornalistas do Brasil e Argentina. A visita e o documentário de Welles, no entanto, foram boicotados pelo DIP e pela OCIAA por fugir de dois contextos primordiais exigidos pelos órgãos: a não incitação das massas contra as autoridades e a não desavença com o governo brasileiro para não atrapalhar a política de aproximação. Em seu documentário o cineasta retratava um jangadeiro morto antes de chegar à capital do Brasil para protestar. Essa abordagem sobre o país, em pleno Estado Novo – o qual também ressaltava um país livre de preconceitos raciais ou sociais – garantiu que Welles fosse demitido antes mesmo de voltar aos Estados Unidos (ZAGNI, 2008, p. 87-89).

Welles fora contratado por sua habilidade em fazer com que as pessoas acreditassem no irreal, ou seja, uma tentativa dos Estados Unidos de também instrumentalizar política e militarmente essa habilidade, entretanto a visão crítica do cineasta – a qual pôde ser claramente notada no filme *Cidadão Kane*, uma possível obra crítica ao comunicador William Randolph Hearst<sup>47</sup> – não permitiu que ele fosse um *embaixador* da promoção da cultura e

---

<sup>46</sup> O cineasta Orson Welles – também ator, diretor e roteirista – ficou conhecido por seu filme *Citizen Kane* (Cidadão Kane)<sup>46</sup> – eleito por muitos críticos o melhor filme produzido em todos os tempos –, e por ter dramatizado a obra “A Guerra dos Mundos” de Herbert Wells na rádio CBS, em 1938, o que teve tanta repercussão que rendeu a Welles o contrato com o estúdio RKO.

<sup>47</sup> William Hearst foi um magnata o qual dominou meios de comunicação nos Estados Unidos no final do século XIX. Pioneiro no chamado “*Yellow journalism*” (jornalismo amarelo, equivalente no Brasil à “imprensa marrom”), após a depressão, em 1929, sua influência sobre o país e império declinaram. Fonte: BIO. **William**

ideais estadunidenses, e, demitido do estúdio RKO, sua produção sobre o Brasil jamais fora terminada.

Filmes que ridicularizaram os inimigos dos Aliados também foram produzidos como objeto de propaganda. No filme *Der Fuhrer's Face* (A Face do Fuhrer)<sup>48</sup> de 1942, o Pato Donald tem um pesadelo em que é um soldado nazista e trabalha em uma fábrica de munição. A obra inicia com cinco soldados cantando uma música sobre saudar o *Fuhrer* “bem na cara do *Fuhrer*”, seus intérpretes são claramente alusões a Hiroito, Hermann Göring, Joseph Goebbels e Benito Mussolini. Trechos em que o suposto Hiroito diz serem “Super-homens arianos e puros” e em que o suposto Mussolini diz que “deixariam a *Nazilândia* se pudessem”, mostram nos primeiros minutos da animação que se trata de caricaturas, as quais acordarão Donald em sua casa repleta de símbolos nazistas.

Em seu emprego – referência evidente ao filme “Tempos Modernos”<sup>49</sup> de Charles Chaplin, lançado em 1936 – Donald trabalha exaustivamente, saudando o ditador todas as inúmeras vezes em que sua foto aparece na linha de montagem, e, chega ao ponto de o personagem ficar de ponta-cabeça e saudar Hitler com seu rabo. Após o que parece serem horas intermináveis de seu expediente controlado por alto-falantes, Donald tem uma síncope e começa a delirar com bombas, balas e imagens de Hitler. Posterior à crise do personagem, o expectador descobre que não passava de um pesadelo. O quarto de Donald, dessa vez, está decorado com símbolos estadunidenses e a Estátua da Liberdade em sua janela é beijada pelo pato enquanto ele diz: “Eu adoro ser cidadão dos Estados Unidos”. Na sequência Hitler aparece e um tomate é jogado “bem em sua cara”. A animação ganhou o Oscar pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de melhor curta de animação e melhor canção.

No filme *The Great Dictator* (O Grande Ditador)<sup>50</sup> de Charles Chaplin, Benito Mussolini tem sua caricatura encarnada em “Benzino Napaloni”, um ditador desastrado o qual governa “Bactéria” (Itália fascista) e pretende dominar também “Osterlich” (Áustria). Hynkel

---

**Randolph Hearst.** Disponível em: <<http://www.biography.com/people/william-randolph-hearst-9332973>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

<sup>48</sup> *DER FUEHRER'S FACE (A FACE DO FUHRER)*. Direção de Jack Kinney. Produção de Walt Disney. Intérpretes: Clarence Nash, Billy Bletcher. Roteiro: Joe Grant, Dick Huemer. Música: Oliver Wallace Burbank: Walt Disney Productions, 1942. (8 min.), son., color.

<sup>49</sup> *MODERN TIMES (TEMPOS MODERNOS)*. Direção de Charles Chaplin. Produção de Patriciu Santans. Intérpretes: Charlie Chaplin, Paulette Goddard, Henry Bergman, Stanley Sandford, Chester Conklin. Roteiro: Charles Chaplin. Música: Charles Chaplin. Century City: United Artists, 1936. (87 min.), son., P&B.

<sup>50</sup> *THE GREAT DICTATOR (O GRANDE DITADOR)*. Direção de Charles Chaplin. Produção de Charles Chaplin. Intérpretes: Charles Chaplin, Paulette Goddard, Jack Oakie. Roteiro: Charles Chaplin. Música: Charles Chaplin. [s.l.]: United Artists, 1940. (124 min.), son., P&B.

– personagem central do filme se traduz na sátira de Hitler e é interpretado por Chaplin – também deseja dominar o país, e, após várias cenas em que os personagens travam uma disputa de egos, ambos começam uma guerra de comida (acalorada quando comem mostarda inglesa). O embate se finaliza quando Hinkel, persuadido por seu ministro “Garbistch”, decide assinar o acordo. Mais do que pelas críticas e sátiras, o filme é reconhecido pelo discurso comovente de Chaplin – dessa vez no papel de um barbeiro disfarçado de Hynkel – onde os direitos humanos, a ajuda ao próximo, liberdade, e, principalmente, a democracia são exaltados.

É essencial ressaltar que uma obra satírica torna-se um instrumento de poder brando também ao moldar a agenda de seu inimigo. Nas palavras de Nye, “You can restrict my preferences by setting the agenda in such a way that my more extravagant wishes seems too unrealistic to pursue”<sup>51</sup> (NYE, 2004, p. 7), isto é, ao tornar os ideais nazistas ridículos e extravagantes aos olhos alheios, não haverá adeptos à sua causa fora de sua esfera de influência direta.

No imediato pós-guerra, entre os anos 1945 e 1947, as agências do governo voltadas para a América Latina passaram por algumas modificações. Por ordem do presidente, em 1945, a OCIAA passou a chamar-se apenas “*Office of Inter-American Affairs*” (OIAA) e o cargo de coordenador de Rockefeller, foi substituído pelo de diretor, assumido pelo arquiteto (e amigo pessoal de Rockefeller), Wallace K. Harrison. As atividades econômicas que competiam ao escritório foram transferidas para o *Board of Economic Warfare* (Conselho de Economia de Guerra) e as atividades culturais transferidas para o Departamento de Estado dos EUA. Em 1946 a OIAA, bem como suas divisões – a exemplo da Divisão de Cinema –, foi abolida, e sua última atividade – fornecer informações gerais ao governo sobre a América Latina – também foi transferida ao Departamento de Estado<sup>52</sup>.

Mesmo com o fim das divisões de controle cinematográfico voltadas para a América Latina, as produções dos estúdios estadunidenses continuaram alinhadas à política externa – a qual ainda estava se reconfigurando até o início da Guerra Fria, em 1947. Os ideais instantâneos sustentados pelo maior vencedor da Segunda Guerra Mundial eram

---

<sup>51</sup> “Você pode restringir minhas preferências de modo que meus desejos mais extravagantes parecem irrealistas para serem perseguidos”. (Tradução nossa)

<sup>52</sup> Fonte: National Archives. **Records of the Office of Inter-American Affairs (RG 229)**. Disponível em: <<http://www.archives.gov/research/holocaust/finding-aid/civilian/rg-229.html>>. Acesso em: 05 maio 2015.

[...] uma liderança ativa dos Estados Unidos para conduzir o sistema, criando as condições para a sua projeção, estando refletida diretamente na estratégia da condução da ordem. [...] tal estratégia e o ativismo e a liderança global a ela associados foram inicialmente lançados por Wilson, concretizando-se em definitivo no pós-1945, associando aberta e diretamente a prioridade de preservação de um ambiente internacional estável à segurança e ao progresso dos Estados Unidos, sustentando e mantendo um equilíbrio de poder mundial estável, dentro do qual nenhum país ameaçasse a posição e os interesses americanos (PECEQUILO, 2011, p. 126).

As novas obras evidenciavam essa liderança, entretanto, mesmo com a guerra vencida e o fim da OCIAA, seguiam os antigos padrões de exaltação da Política de Boa Vizinhança e a imagem dos Estados Unidos como os únicos que poderiam defender o continente. Para que o gosto da vitória sobre os nazistas e a ameaça que eles representavam não se esvaísse tão cedo, ainda, para que todos soubessem que os Estados Unidos não cessaram sua luta pela estabilidade mundial, os novos filmes eram carregados de símbolos sobre a autoridade do país.

Em 1946 foi lançado o filme *Notorious*<sup>53</sup> (no Brasil, “Interlúdio”), o qual trouxe o aclamado diretor Alfred Hitchcock à frente da obra. Este convidou a atriz Ingrid Bergman para viver a personagem Alicia Hubberman, espiã alemã residente em Miami, filha de um espião nazista que é recrutada por um agente federal estadunidense (Cary Grant) para ajudar a dizimar um cartel de nazistas escondidos no Rio de Janeiro. A história gira em torno do triângulo amoroso entre a espiã, o agente federal e o líder nazista, entretanto, mesmo o filme não tendo conquistado premiações significantes, foi fiel às diretrizes da política externa estadunidense.

A primeira evidência da implantação de elementos de poder brando é a escolha da filha de um espião nazista para trabalhar para o governo, o que reflete a submissão que os EUA agora esperavam da Alemanha. Alicia Hubberman não é o exemplo de *lady* regido pelo Código Hays, a personagem deixa a entender no início do filme que teve uma relação íntima com o agente federal no passado, apresenta problemas com álcool e mesmo desaprovando as atitudes do pai, não o entrega. Entretanto, arrisca sua vida em prol dos Estados Unidos, simbolizando que o país perdoaria aqueles que aceitassem sua autoridade e trabalhasse em favor de seus ideais.

---

<sup>53</sup> NOTORIOUS (INTERLÚDIO). Direção de Alfred Hitchcock. Produção de Alfred Hichcock. Intérpretes: Cary Grant, Ingrid Bergman, Claude Rains. Roteiro: Ben Hecht. Música: Roy Webb. Nova Iorque: Rko Radio Pictures, 1946. (101 min.), son., P&B.

Nesse seguimento, o cenário do final da Segunda Guerra Mundial proporcionou novos símbolos a serem incorporados aos filmes, por exemplo, a presença de elementos que remetiam às armas nucleares<sup>54</sup> ou o enobrecimento de aliados em potencial. Parte da trama de *Interlúdio* é em torno do urânio escondido em garrafas de vinho que os nazistas contrabandeavam no Rio de Janeiro.

A aparição deste elemento no filme foi oportuna, uma vez que meses antes os Estados Unidos haviam lançado a chamada *Little Boy* (Menininho) sobre Hiroshima, e agora a população estava ciente de que para fabricar uma bomba atômica era necessário urânio. Destarte, o urânio de posse dos nazistas deixa margem para o entendimento de que o Eixo também realizou testes com esse elemento e seria passível de engendrar e utilizar uma bomba atômica. Nesse caso, era preferível que a bomba fosse utilizada pelos Estados Unidos unicamente para vencer a guerra, do que deixar o mundo vulnerável à utilização desse recurso por outros Estados.

Quanto ao enobrecimento de seus aliados, pode-se afirmar que a cidade escolhida para o esconderijo dos nazistas também não foi aleatória. De acordo com Pecequilo (2011), ainda em 1945 o relacionamento entre os EUA e a América Latina aparentava estar se preparando para entrar em uma nova fase, onde “[...] à reavaliação da política externa norte-americana em nível global corresponderia também uma em sua política hemisférica, avançando-se perspectivas e possibilidades de intercâmbio” (PECEQUILO, 2011, p. 119). Em 1946 os Estados Unidos juntamente à América Latina preparavam o primeiro tratado de segurança mútua da história mundial, o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), celebrado em 1947, no Rio de Janeiro. A cidade ainda foi presenteada com um marco no cinema quando, depois de mostrar um cenário boêmio no Rio de Janeiro, é introduzida a primeira cena onde um beijo passou a marca de três segundos imposta pelo Código Hays<sup>55</sup>. Por fim, ao prender nazistas no Brasil, os Estados Unidos salientaram que estavam dispostos a defender o continente como seria acordado futuramente no TIAR.

---

<sup>54</sup> De acordo com Pecequilo (2011, p. 129), no âmbito pós-Segunda Guerra Mundial, o poder político e diplomático dos EUA estava concentrado em criar novas iniciativas estratégicas e exaltar seu poder militar e o monopólio das armas nucleares.

<sup>55</sup> Para *burlar* o Código Hays em uma cena de beijo, Hitchcock utilizou artifícios como a troca de carícia e diálogos entre os personagens, e, a mudança de cenário durante a cena. Esse desafio de Hitchcock à censura foi praticado por vários outros diretores, de acordo com Ann Kaplan, já na década de 1950, os filmes “mostram antigos códigos se desmoronando, prontos para ruir mas ainda se agüentando (*sic*). A sexualidade respingava por todo lado sem ser entretanto reconhecida [...]” (KAPLAN 1995, p. 19 apud LOURO, 2008, p. 83). O Código Hays foi tornando-se obsoleto até ser completamente abolido em 1968. Fonte: DIRKS, Tim. **Notorious 1946**. Disponível em: <<http://www.filmsite.org/noto.html>>. Acesso em: 21 abr. 2015; LOURO, Guacira Lopes. **Cinema e sexualidade. Educação e Realidade**, [S.l.], v. 33, n. 1, p. 81-98. jan/jun/2008.

### 3.2 Guerra Fria: o cinema em defesa da exaltação dos valores e ideais da política externa

O engajamento dos EUA como um orientador da política global não só levou o Estado a negligenciar a cooperação hemisférica como a priorizar outros novos aliados, como o Japão. Segundo Pecequilo

[...] o abandono do eixo isolacionista no sistema internacional e o engajamento efetivo dos Estados Unidos vieram acompanhados de uma deterioração no relacionamento hemisférico, colocando-o em posição secundária na agenda externa norte-americana. Apesar de algumas iniciativas no pós-guerra, e de propostas pontuais, logo o relacionamento recaiu em um padrão de negligência, voltando-se rapidamente ao intervencionismo e a interferências de décadas passadas. (PECEQUILO, 2011, p. 119).

Abandonando políticas anteriores à Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos passaram a trabalhar com o objetivo de maximizar seu poder de interferência em todas as possíveis regiões do mundo, o que também fez parte da política de contenção à União Soviética apresentada por Harry S. Truman (1945-1953), em 1947, a qual deu início à Guerra Fria. As propostas de Truman<sup>56</sup> levaram seu país à *pax americana* – período de hegemonia entre o imediato pós-guerra ao meio da década de 1950 –, e, para que esta fosse garantida, os Estados Unidos lideravam iniciativas econômicas, políticas e diplomáticas na Europa e, posteriormente, na Ásia.

O regime de governo estadunidense impedia que outras nações, tanto inimigas como aliadas, prosperassem no sistema internacional ao ponto de se tornarem ameaças à hegemonia dos EUA. Desse modo, durante a Guerra Fria, um de seus novos aliados foi o Japão. Para conquistar sua confiança, os Estados Unidos investiram na sua recuperação e – por conseguinte – na reforma política da sociedade japonesa. Com isso o país foi fortalecido e se tornou uma base regional de influência dos EUA no Pacífico – tropas e bases norte-americanas foram implantadas no Japão. Não obstante, ao se aliar aos Estados Unidos, o país asiático não fez parte do escopo de atração da União Soviética (PECEQUILO, 2011, p. 172, 174).

---

<sup>56</sup> De acordo com Truman (1947 apud PECEQUILO, 2011, p. 143), os planos dos Estados Unidos para o mundo durante a contenção visavam à ajuda aos povos livres os quais resistiam ao comunismo e um modo de vida livre regido por instituições livres, eleições livres, governo representativo e liberdade de discurso, religião e da opressão política.

A parceria entre os dois países culminou na assinatura do *Japan-US Security Treat* (Tratado de Segurança Japão-EUA – JUST) em 1952, desde então o país manteve sua política externa pareada a dos Estados Unidos, como pode ser observado no preâmbulo do JUST

Japan and the United States of America, Desiring to strengthen the bonds of peace and friendship traditionally existing between them, and to uphold the principles of democracy, individual liberty, and the rule of law, Desiring further to encourage closer economic cooperation between them and to promote conditions of economic stability and well-being in their countries, Reaffirming their faith in the purposes and principles of the Charter of the United Nations, and their desire to live in peace with all peoples and all governments, Recognizing that they have the inherent right of individual or collective self-defense as affirmed in the Charter of the United Nations, Considering that they have a common concern in the maintenance of international peace and security in the Far East, Having resolved to conclude a treaty of mutual cooperation and security [...] (TRATADO DE SEGURANÇA JAPÃO-EUA [JUST], 1952)<sup>57</sup>.

Segundo Pecequillo (2011, p. 175), com a compatibilidade de princípios, o Japão pôde se desprender de questões internacionais de segurança e focar-se na sua economia, o que a autora considera um ato de submissão à estratégia de intervenção mundial dos EUA. Por sua vez as produções de Hollywood da década de 1950 fizeram jus à posição de seu governo. Filmes como “*The Geisha Boy*”<sup>58</sup> e “*Sayonara*”<sup>59</sup> (no Brasil, respectivamente, “O Rei dos Mágicos” e “Sayonara”) foram lançados com roteiros sobre o Japão<sup>60</sup>.

Na trama de *Sayonara*, o Major “Lloyd Ace Guver” (Marlon Brando) chega a uma base da Força Aérea Americana no Japão e se apaixona pela dançarina Hana-Ogi (Miiko Taka), a qual conheceu através de seu amigo, cabo Joe Kelly (Red Buttons).

---

<sup>57</sup> “Japão e os Estados Unidos da América, Desejando reforçar os laços de paz e amizade tradicionalmente existentes entre eles, e para apoiar os princípios de democracia, liberdade individual, e o Estado de direito, Desejando além encorajar o reforço da cooperação econômica entre eles e promover condições de estabilidade econômica e de bem estar em seus países, Reafirmando ambas as crenças nos propósitos e princípios da Carta das Nações Unidas e ambos os desejos de viver em paz com todos os povos e todos os governos, Reconhecendo que eles têm o direito inerente de autodefesa individual ou coletiva como afirmado na Carta das Nações Unidas, Considerando que eles entraram em consenso comum na manutenção da paz internacional e segurança do Extremo Oriente. Tendo resolvido concluir um tratado de cooperação e segurança mútua. [...]”. (Tradução nossa)

<sup>58</sup> THE GEISHA BOY (O REI DOS MÁGICOS). Direção de Franklin Tashlin. Produção de Jerry Lewis. Intérpretes: Jerry Lewis, Marie Mcdonald, Suzanne Pleshette. Roteiro: Frank Tashlin, Rudy Makoul. Música: Walter Scharf. Hollywood: Paramount Pictures, 1958. (99 min.), son., color.

<sup>59</sup> SAYONARA (SAYONARA). Direção de Joshua Logan. Produção de William Goetz. Intérpretes: Marlon Brando, Patricia Owens, James Garner, Martha Scott, Miiko Taka, Miyoshi Umeki, Red Buttons, Ricardo Montalban. Música: Franz Waxman, Irving Berlin. Burbank: Warner Bros., 1957. (147 min.), son., color.

<sup>60</sup> *Sayonara* foi fortemente aclamado pela crítica, indicado a dez Oscars e acabou contemplado com quatro, inclusive o de “Melhor atriz coadjuvante” para a japonesa Myioshi Umeki.

O início do filme deixa evidente o ponto central de sua trama: o casamento entre pessoas de etnias diferentes. Joe Kelly foi afastado do Japão por ter uma noiva japonesa, Katsumi (Myioshi Umeki), entretanto, ao apelar para seu congressista, recebe a autorização para voltar e casar-se com Katsumi. Durante o filme o casal sofre muito preconceito<sup>61</sup> dos superiores de Joe Kelly, o que os leva a cometer suicídio quando o cabo descobre que terá de voltar aos Estados Unidos sem poder levar sua esposa. Tocado pelo infortúnio de seu amigo, o Major Ace pede Hana-Ogi em casamento.

Segundo Naoko Shibusawa (2010, p. 48, 50 apud KOVNER, 2012, p. 66) filmes sobre casamentos entre japonesas e estadunidenses ajudaram a criar um debate nacional sobre a carência de tolerância racial nos EUA. Sarah Kovner, autora do livro *Occupying power: Sex workers and servicemen in postwar Japan*<sup>62</sup>, argumenta que os símbolos apresentados nos filmes<sup>63</sup> ocupam a lacuna entre ambos os Estados rejeitando a identidade racial que supostamente separa suas culturas. De acordo com Nye (2011, p. 122), “[...] quando valores são amplamente compartilhados, eles podem proporcionar uma base para o poder brando que funciona em múltiplas direções, tanto para os Estados Unidos como dos Estados Unidos para outros países”. Assim, uma obra criada antes da década de 1960, a qual retrata oficiais da Força Aérea casando-se com japonesas reflete a imagem de um país o qual deseja conhecer e aprofundar suas relações com o Japão, aspirando à estima de seus civis, entretanto, sem perder a posição de liderança, uma vez que o papel de líder da família – no cinema da década de 1950 – era desenvolvido sempre pelo marido.

No filme “O Rei dos Mágicos”, o mágico “Grande Wooley” (Jerry Lewis) vai para o Japão entreter soldados e pilotos dos Estados Unidos. Em uma de suas performances o mágico faz com que o japonês órfão Mitsuo (Robert Hirono) ria pela primeira vez desde a morte dos pais. Para agradecer ao mágico pela façanha, a tia do menino o leva até Wooley

---

<sup>61</sup> O preconceito enfrentado por soldados estadunidenses que queriam se casar com japonesas era parte da cultura norte-americana. A maioria dos estados dos EUA possuíam leis contra o casamento entre pessoas de diferentes etnias, esse cenário só foi revertido em 1967, pela Suprema Corte dos Estados Unidos, durante o processo “*Loving versus Virginia*”. Richard Loving e sua esposa Mildred Loving processaram o estado de Virginia ao serem presos em sua própria casa por terem se casado – Richard era branco e sua esposa afro-americana. Fonte: YOUNGE, Gary. **Marriage equality and the civil rights inheritance**. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2012/feb/24/marriage-equality-civil-rights-inheritance>>. Acesso em: 03 maio 2015.

<sup>62</sup> KOVNER, Sarah C. **Occupying power: Sex workers and servicemen in postwar Japan**. Stanford: Stanford University Press, 2012.

<sup>63</sup> Segundo Krovner, a obra *Sayonara* apresenta símbolos dicotômicos os quais revelam problemas entre a fraternidade dos dois Estados, como por exemplo, os quartéis *versus* o teatro extremamente detalhado; o exótico Japão *versus* a ostentação da força militar; o uniforme *versus* o bem elaborado *kimono* e o Inglês propriamente proferido *versus* o Inglês com um sotaque forte dos japoneses. (KROVNER, 2012, p. 66).

para conhecê-lo. Ambos tornam-se tão próximos ao ponto de que Mitsuo segue Wooley quando chega a hora de voltar para os EUA. Já em solo estadunidense, ambos se encontram, porém o mágico é acusado de sequestro. Ao final do filme Mitsuo retorna ao Japão e Wooley o segue decidindo, no caminho, se estabelecer no país como mágico.

Novamente o elemento de poder brando está presente não somente no papel de liderança do mágico estadunidense, o qual apresenta zelo e esperança ao menino órfão, como na técnica utilizada pelo filme: a atração por meio da benignidade. Em seu livro “O futuro do poder”, Nye utiliza o conceito de Alexander Vuving, ao dizer que no âmbito dos Estados há três aspectos de qualidades do agente (ator) e da ação os quais são necessários para o exercício da atração. Entre os aspectos encontra-se a benignidade, uma característica sobre o relacionamento de um ator com o outro, a qual gera simpatia, confiança e credibilidade (VUVING, 2009, p. 7-8 apud NYE, 2011, p. 128). Por conseguinte é possível constatar que tanto “O Rei dos Mágicos” como “Sayonara” são filmes que subsidiaram a propagação do poder brando em prol da política externa dos Estados Unidos no Japão para gerar confiança e simpatia.

Entre as décadas de 1960 e 1970 os Estados Unidos passaram por uma série de crises. Pecequilo (2011, p. 187) expõe que na década de 1960, tanto os EUA como a União Soviética começaram a perder espaço na hierarquia do poder mundial. Já no final dos anos 1960 a intensificação da interdependência e dos fluxos transnacionais, somados à ascensão de ONG's, organismos e instituições internacionais levou ao enfraquecimento das superpotências, as quais já haviam passado por crises domésticas no assassinato de Kennedy (1961-1963) e na deposição de Krushev (1953-1964). Por conseguinte, na década de 1970 os EUA experimentaram a perda no setor econômico, diminuindo sua produção mundial, não obstante, o país ainda colheu os frutos<sup>64</sup> da Coexistência Pacífica<sup>65</sup> (1963-1969) com a União Soviética.

Não obstante, a vitória de John F. Kennedy nas eleições de 1960 significaria o início de uma nova Era para a política internacional estadunidense. Tanto em sua campanha como

---

<sup>64</sup> De acordo com Pecequilo (2011, p. 203), houve um acúmulo de crises na política externa norte-americana, ocasionado pela vitória comunista nas guerras civis da Etiópia e Angola; pela invasão da URSS no Afeganistão; pelas revoluções iranianas e sadinistas e; pela segunda crise do petróleo.

<sup>65</sup> Durante o período da Coexistência Pacífica tanto a União Soviética quanto os EUA procuraram evitar a conquista e intervenção de zonas que poderiam levar ao enfrentamento direto entre as potências. Múltiplos motivos levaram as potências a procurar a autopreservação, entre eles, as transformações internacionais que ocasionaram na perda de espaço de ambos no sistema internacional, e, internamente, crises como a troca de seus líderes e o desgaste econômico. Todavia, é imprescindível ressaltar que durante o período de Coexistência Pacífica, nenhum dos Estados deixou de investir em defesa ou em novas regiões de influência.

em seus primeiros discursos como presidente, foi possível identificar que Kennedy assumiria políticas mais ofensivas quando a contenção da expansão do comunismo. Em seu primeiro Discurso sobre o Estado da União<sup>66</sup>, em janeiro de 1961, Kennedy enumera pontos que explicitam sua vontade de fortalecer a posição dos EUA no sistema internacional frente aos regimes comunistas

[...] I feel I must inform the Congress that our analyses over the last ten days make it clear that – in each of the principal areas of crisis – the tide of events has been running out and time has not been our friend. In Asia, the relentless pressures of the Chinese Communists menace the security of the entire area – from the borders of India and South VietNam to the jungles of Laos, struggling to protect its newly-won independence. **We seek in Laos what we seek in all Asia, and, indeed, in all of the world – freedom for the people and independence for the government [...].** And this Nation shall persevere in our pursuit of these objectives [...]. [...] Our greatest challenge is still the world that lies beyond the Cold War – but the first great obstacle is still our relations with the Soviet Union and Communist China [...]. [...] (para combatê-los) **First, we must strengthen our military tools.** We are moving into a period of uncertain risk and great commitment in which both the military and diplomatic possibilities require a Free World force so powerful as to make any aggression clearly futile [...]. [...] Finally, while our attention is centered on the development of the noncommunist world, we must never forget our hopes for the ultimate freedom and welfare of the Eastern European peoples. [...] [...] We cannot escape our dangers – neither must we let them drive us into panic or narrow isolation. In many areas of the world where the balance of power already rests with our adversaries, the forces of freedom are sharply divided. [...] [...] Life in 1961 will not be easy. Wishing it, predicting it, even asking for it (liberdade), will not make it so. There will be further setbacks before the tide is turned. But turn it we must. **The hopes of all mankind rest upon us** – not simply upon those of us in this chamber, but upon the peasant in Laos, the fisherman in Nigeria, the exile from Cuba, the spirit that moves every man and Nation who shares our hopes for freedom and the future (KENNEDY, 1961, grifo nosso).<sup>67</sup>

<sup>66</sup> Conhecido como “Mensagem Anual”, o Discurso do Estado da União é realizado pelo presidente dos Estados Unidos para o Congresso, em ordem de reportar a atual conjuntura de seu Estado e expressar as medidas políticas que assumirá durante o ano que seguirá. Seu discurso é televisionado para toda a nação. Fonte: SHOGAN, Colleen J. **The President’s State of the Union Address: Tradition, Function, and Policy Implications.** [s.l.]: Congressional Research Service Report, 2015. Disponível em: <<http://www.fas.org/sgp/crs/misc/R40132.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.

<sup>67</sup> “Eu sinto que devo informar ao Congresso que nossa análise nos últimos dez dias deixa claro que – em cada uma das principais áreas em crise – a boa maré de eventos tem se esgotado e o tempo não tem sido nosso amigo. Na Ásia, a pressão implacável dos Comunistas Chineses ameaça a segurança de toda a área – das fronteiras da Índia e Vietnã do Sul às selvas de Laos, sofrendo para proteger sua recém-conquistada independência. Nós procuramos em Laos o que nós procuramos em toda a Ásia, e, certamente, em todo o mundo – liberdade para os povos e independência para o governo [...]. E essa Nação perseverará na nossa busca por esses objetivos [...]. [...] Nosso maior desafio ainda é um mundo que está além da Guerra Fria – mas o primeiro grande obstáculo ainda é nossas relações com a União Soviética e a China Comunista [...]. [...] (Para combatê-los) Primeiro, nós devemos fortalecer nossas ferramentas militares. Nós estamos nos dirigindo para um período de riscos incertos e grande compromisso em que ambas – possibilidades militares e diplomáticas – requerem uma força para um Mundo Livre tão poderosa que fará qualquer agressão claramente fútil. [...] Finalmente, enquanto nossa atenção está centrada no desenvolvimento de um mundo não comunista, nós nunca devemos esquecer nossas esperanças para uma liberdade definitiva e bem-estar dos povos da Europa Oriental. [...] Nós não podemos escapar dos nossos perigos – nem eles devem nos levar ao pânico ou estreitar nosso isolamento. Em muitas áreas do mundo onde o equilíbrio de poder já está com nossos adversários, as forças da liberdade estão acentuadamente divididas [...]. [...] A vida em 1961 não será fácil. Desejando, premeditando, até mesmo pedindo (liberdade), não será o suficiente. Haverá novos retrocessos até que a maré abaixe. Mas nós devemos abaixá-la. A esperança de toda a

Fiel ao seu discurso, Kennedy aumentou os recursos destinados ao setor de defesa de seu Estado, o que levou a União Soviética a fazer o mesmo, acirrando a corrida armamentista. Seguindo o exemplo de seus antecessores, o presidente também priorizou combater frentes comunistas, ao invés de apenas combater apenas a União Soviética, e, com o intuito de conter o escopo de influência da URSS, interviu diretamente na política externa de países de Terceiro Mundo.

A política externa de Kennedy culminou na Coexistência Pacífica, quando em 1962, durante a Crise dos Mísseis, os EUA e a União Soviética chegaram em vias de enfrentar-se diretamente, o que poderia acarretar na destruição de ambos. Todavia, a Coexistência Pacífica não impediu que as potências continuassem a expandir suas zonas de influência no Terceiro Mundo – nomeada pelo presidente estadunidense de “Política de Novas Fronteiras”. Esta consistia em “impedir o avanço do comunismo, apoiando quando necessário, inclusive com a intervenção militar direta, os movimentos contra-revolucionários (*sic*).” (PECEQUILO, 2011, p. 188). A intervenção militar direta, citada por Pecequilo, era feita pelos chamados “boinas verdes”, integrantes do exército estadunidenses, os quais lutavam contra guerrilhas consideradas pelos EUA como a primeira fase do desenvolvimento do comunismo.

Destarte, objetivando executar sua “Política de Novas Fronteiras” – e expor internacionalmente que conter o comunismo era sua prioridade –, os Estados Unidos envolveram-se na Segunda Guerra da Indochina<sup>68</sup> para ajudar o Vietnã do Sul a combater o Norte comunista. A princípio, o governo estadunidense considerou que a guerra poderia ser facilmente resolvida com a intervenção dos EUA, todavia, os ataques aéreos mostraram-se ineficazes, obrigando a potência a se envolver diretamente – através do envio de forças terrestres – prolongando o conflito por mais catorze anos. Ao todo, a Guerra do Vietnã se estende por três mandatos presidenciais dos Estados Unidos – John Kennedy (1961-1963), Lyndon Johnson (1963-1969) e Richard Nixon (1969-1974) –, quando chegou ao fim, com a retirada das últimas tropas militares estadunidenses de Saigon, em 1975.

Dentre todas as implicações quanto ao Vietnã, Pecequilo (2011, p. 189), considera que foi a primeira ruptura entre o poder Executivo, o Congresso e a opinião pública, desde o início

---

humanidade repousa sobre nós – não simplesmente em nós que estamos nessa câmara, mas no camponês em Laos, no pescador na Nigéria, no exilado de Cuba, no espírito que move todo homem e Nação que compartilha nossas esperanças para a liberdade e o futuro”. (Tradução nossa)

<sup>68</sup> Em 1954, a Primeira Guerra da Indochina foi encerrada e o Vietnã dividido entre Vietnã do Sul e Vietnã do Norte, entretanto, essa resolução não foi o suficiente para cessar a pressão sobre a unificação do país, assim começou a Segunda Guerra da Indochina, em 1959.

da política de contenção à União Soviética. Os gastos com o Vietnã afetaram a economia doméstica, o que levou a população estadunidense a questionar a política externa de seu país. No campo militar, os erros de estratégia (como a falta de uma estratégia para pôr fim ao conflito), o número de baixas<sup>69</sup> e o despreparo em não deixar que o conflito expandisse para territórios vizinhos – como o Laos – levaram os EUA a vivenciar o fenômeno da superexpansão imperial, o desgaste da política externa do país e o fim da *pax americana*.

A Guerra do Vietnã foi retratada no filme “*The Deer Hunter*”<sup>70</sup> (no Brasil, “O Franco Atirador”). Atualmente é considerado um dos melhores filmes da história, entretanto em seu lançamento foi alvo de críticas por ter uma visão limitada sobre a Guerra do Vietnã, além de ser ambíguo, exagerado e excessivo (RUSHING; FRENTZ, 1980, p. 392; DIRKS, *online*)<sup>71</sup>. O enredo do filme se passa em volta de três amigos de famílias russas, mas que vivem na Pensilvânia, Michael (Robert de Niro), Steven (John Savage) e Nick (Christopher Walken).

O início do filme retrata valores de amizade e família, por exemplo, nas cenas do casamento de Steven; no pedido de casamento de Nick à Linda (Meryl Streep); e, no vínculo entre Michael e Nick – selado quando este pede a Michael que não o abandone no Vietnã. Todos esses laços são propositalmente explorados no princípio do filme para que o espectador se solidarize com os personagens e sinta-se pessoalmente abalado com toda a dor que passam no Vietnã.

A partir de então os três são enviados para o Vietnã e o filme passa a retratar detalhadamente todo o sofrimento físico e psicológico que os estadunidenses passaram durante a guerra. Cenas de tortura, luta pela vida e completo desgaste emocional demonstram um roteiro que demoniza o Vietnã do Norte e arruína a vida dos três amigos. De acordo com Dirks (*online*), os vietnamitas são retratados como desprezíveis, assassinos sádicos e racistas. Um dos momentos mais delicados do filme reflete o dano psicológico irreversível provocado

<sup>69</sup> Mais de 58 mil soldados estadunidenses e 1,1 milhão de vietnamitas morreram durante a Guerra do Vietnã. Fonte: LE, Quynh. **40 anos depois: Dez coisas que você talvez não saiba sobre a Guerra do Vietnã**. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/04/150430\\_vietna\\_guerra\\_fatos\\_pai](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/04/150430_vietna_guerra_fatos_pai)>. Acesso em: 12 maio 2015.

<sup>70</sup> THE DEER HUNTER (O FRANCO ATIRADOR). Direção de Michael Cimino. Produção de Barry Spikings, Michael Deeley, Michael Cimino, John Peverall. Intérpretes: Robert de Niro, John Cazale, John Savage, Meryl Streep, Christopher Walker. Música: Stanley Myers. Los Angeles: Universal Pictures, EMI Films, 1978. (182 min), son., color.

<sup>71</sup> RUSHING, Janice Hocker; FRENTZ, Thomas S.. "The Deer Hunter": Rhetoric of the warrior. **The Quarterly Journal Of Speech**. [s.l.], p. 392-406. dez. 1980. Disponível em: <[http://www.joshiejuice.com/articles/deer\\_hunter.pdf](http://www.joshiejuice.com/articles/deer_hunter.pdf)>. Acesso em: 14 maio 2015.

<sup>72</sup> DIRKS, Tim. **The Deer Hunter 1978**. Disponível em: <<http://www.filmsite.org/deer.html>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

pelo Vietnã, o que leva um dos amigos – Nick – a atirar em sua própria cabeça antes de voltar aos EUA. O filme termina com seu funeral na Pensilvânia e os personagens cantando “Deus abençoe a América”.

A maioria dos elementos da obra inclui uma alusão à política externa dos EUA. O fato de serem descendentes de russos, felizes no país para onde imigraram e tiveram o direito de celebrar o casamento de Stanley com uma cerimônia Ortodoxa Russa, demonstra a liberdade religiosa tanto pregada pelos EUA. No discurso de Nixon em 1973, por exemplo, é possível mais uma vez, ver o quanto seu país engrandecia o direito à liberdade (inclusive religiosa, como visto anteriormente na política de Roosevelt) “Vamos construir uma estrutura de paz no mundo na qual os fracos estão tão seguros quanto os fortes – na qual **cada um respeite o direito do outro de viver em um sistema diferente**” (NIXON, 1973 apud PECEQUILO, 2011, p. 200, grifo nosso).

O impacto da violência mostrada no filme e advinda somente dos vietnamitas instiga o espectador à piedade aos estadunidenses e incita o ódio contra o Vietnã que só teria feito com que os soldados estadunidenses sofressem. Por conseguinte esta violência resultara na morte de dois homens de bem e na destruturação de suas famílias. Outra característica do roteiro é utilizada para reforçar a perspectiva estadunidense, qual seja, o recurso da descaracterização do inimigo, pois em nenhum momento do filme é explorada a personalidade de algum personagem vietnamita. Todos são retratados como sendo iguais em personalidade e quase que indistintos fisicamente uns dos outros, com isso espera-se que não se desperte a compreensão de nenhum espectador.

Desse modo, um filme que expõe apenas um lado de uma guerra – não obstante, um lado vitimado –, exerce a função de poder brando ao arruinar qualquer tipo de expressão de carisma a respeito do inimigo. Nas palavras de Nye (2011, p. 136), “Os atores (Estados) não só tentam influenciar um ao outro direta ou indiretamente mediante o poder brando; também competem para negar um ao outro atrativos e legitimidade, criando assim um ambiente incapacitante na opinião pública do outro país e/ou aos olhos de entidades externas relevantes”.

### **3.3 Pós-Guerra Fria: a transição do líder benevolente ao herói impulsivo**

Destarte, em 1980, Ronald Reagan celebrou sua vitória nas eleições presidenciais, e assumiu o cargo em janeiro de 1981 e permaneceu até janeiro de 1989. Após duas décadas de desgaste dos Estados Unidos, a política externa fora configurada pela administração Reagan para que os EUA retomassem a confiança em si como líder no sistema internacional. Segundo Pecequilo (2011, p. 205), sua missão consistia na promoção da paz e liberdade global, sustentadas pela imagem do excepcionalismo norte-americano; e para que sua representação hegemônica não se dissipasse em meio às transformações no cenário internacional, era necessário combater a União Soviética e seu ideal comunista. Dessa maneira, os Estados Unidos foram encaminhando para o fim da Guerra Fria, o qual é dividido em duas fases: a retomada da disputa com a URSS e a abertura do diálogo entre as duas nações.

A primeira fase é caracterizada pela identificação da fraqueza da União Soviética, a qual vivia o fenômeno de superextensão, teorizado por Paul Kennedy, em 1987, e não possuía mais recursos para sustentar sua posição no sistema internacional devido aos gastos no setor militar e à crise doméstica que enfrentava. Assim, os EUA aproveitaram-se desse momento para prosseguir com as tensões regionais<sup>73</sup> e fortalecer-se militarmente ao ponto de a União Soviética não conseguir competir com os Estados Unidos. Já a segunda fase é caracterizada pela abertura do diálogo entre as nações e o esgotamento de recursos da União Soviética, que iniciou seu recuo em 1987 com a criação do “Novo Pensamento”<sup>74</sup>. (PECEQUILO, 2011, p. 13-14). O final da Guerra Fria representou não só o final da competição entre capitalismo e socialismo, mas consolidou a hegemonia estadunidense e, principalmente, seu engajamento internacional.

É pertinente destacar que a última década da Guerra Fria representou a decadência da União Soviética, não apenas pelos esforços da superpotência rival, mas por suas próprias falhas. De acordo com Pecequilo (2011, p. 208), a União Soviética aproveitou-se da crise que pairou sobre os EUA na década de 1970, para expandir-se, entretanto, devido às suas próprias crises internas e o envolvimento com a Guerra do Afeganistão (1979-1989), o país também vivenciou a superextensão imperial.

---

<sup>73</sup> Lugares onde havia conflitos de influência de ambas as potências, principalmente nos chamados países de Terceiro Mundo.

<sup>74</sup> Pecequilo, (2011, p. 213) retrata o Novo Pensamento como o marco do abandono dos objetivos da URSS de derrotar o capitalismo e de continuar a expansão do socialismo. Até mesmo a segurança, a partir de então, seria almejada por Gorbachev por meio da cooperação, através de estruturas comuns e de compromissos. Forças militares também teriam o investimento reduzido para atingirem o *status* de apenas “suficientes”.

As tensões no Afeganistão iniciaram quando o Secretário Geral do partido comunista Partido Democrático do Povo do Afeganistão (PDPA)<sup>75</sup>, Nur Muhammad Taraki, assumiu a presidência do país, em 1978, e, iniciou reformas de cunho social – inspiradas em ideais soviéticos – que incomodaram a parte conservadora da população afegã. Esta acreditava que as medidas tomadas por Taraki afrontavam preceitos da tradição afegã.

Já em 1979, a revolta da população com os ideais comunistas de Taraki havia se disseminado por todo o país. Para tentar contê-los a repressão imposta pelo Primeiro-Ministro, Amin, ao seu povo envolvia torturas e execuções, o que acarretou que um grupo de rebeldes – os chamados *mujahideen*<sup>76</sup> – a lutassem contra o governo, com atitudes igualmente brutais. O governo soviético alertou ao presidente afegão que cessasse as reformas e dispensasse Amin do cargo de Primeiro-Ministro, em ordem de evitar o caos no Afeganistão. Consciente da decisão do presidente Taraki, Amin o assassinou e acusou o governo soviético de conspirar contra o Afeganistão.

De acordo com Gasper (2001), o posicionamento de Amin fora o suficiente para que Moscou o assassinasse e o substituísse pelo líder Parcham, Karmal. Ainda, segundo Gasper (2001), “Within a few days (após o estabelecimento de Karmal como presidente), the number of Soviet troops in Afghanistan had reached 80,000. The figure later climbed to more than 100,000. What was to be nearly a decade of Russian occupation had begun”<sup>77</sup>. Destarte, a resistência *mujahideen*, contra soldados soviéticos e a República Democrática do Afeganistão, intensificou com o subsídio que recebiam de países como o Paquistão, Arábia Saudita e Estados Unidos. Somente em 1985, quando Mikhail Gorbachev (1985-1991) assumiu o poder na União Soviética que os primeiros indícios sobre o encerramento da Guerra do Afeganistão começaram<sup>78</sup>.

<sup>75</sup> O PDPA era dividido entre duas facções, a Khalq – encabeçada pelo Taraki e pelo Primeiro-Ministro do Afeganistão, Hafizullah Amin – e a Parcham, encabeçada por Babrak Karmal, nomeado embaixador do país em Praga, com a ascensão de Taraki.

<sup>76</sup> O termo *mujahideen* refere-se, na cultura islã, aos indivíduos que lutam em nome do islamismo. Esse termo foi popularizado durante a Guerra do Afeganistão, quando os *mujahideen* combateram a União Soviética, ao obterem fornecimento bélico de países como o Paquistão, Irã e dos Estados Unidos. Estes também eram chamados por Reagan de “*freedom fighters*” (lutadores da liberdade). Fonte: ZALMAN, Amy. **Mujahideen**. Disponível em: <<http://terrorism.about.com/od/m/g/Mujahideen.htm>>. Acesso em: 13 maio 2015.

<sup>77</sup> “Em poucos dias (após o estabelecimento de Karmal como presidente) o número de tropas soviéticas no Afeganistão havia atingido o marco de 80 mil. Posteriormente esse número cresceu para mais de 100 mil. O que se tornaria o início da década da ocupação russa”. (Tradução nossa)

<sup>78</sup> Todavia, o envio de mais tropas soviéticas para o Afeganistão em ordem de pacificar a região fez com que o ano de 1985 fosse o mais sanguinário da Guerra. Fonte: BBC NEWS. **Timeline: Soviet war in Afghanistan**. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/2/hi/south\\_asia/7883532.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7883532.stm)>. Acesso em: 13 maio 2015.

Segundo Reuveny e Prakash (1999, p. 698), no final dos anos 1986 havia a percepção da profundidade do impacto da Guerra do Afeganistão na União Soviética. O antimilitarismo cresceu nas repúblicas não russas, e a guerra se tornou um símbolo da aversão dessas repúblicas a Moscou. Os autores concluem o argumento apontando que o exército soviético era “[...] the glue that held the diverse Soviet Republics together”<sup>79</sup> (REUVENY; PRAKASH, 1999, p. 698). Desse modo, a derrota no Afeganistão abriu espaço para o questionamento sobre a capacidade de sobrevivência da União Soviética.

Ronald Reagan tinha ciência de que a Guerra do Afeganistão culminaria no desgaste da política externa da URSS. Em seu Discurso do Estado da União, em janeiro de 1988, o presidente falou abertamente sobre seu suporte à resistência à União Soviética

[...] in Afghanistan, the freedom fighters are the key to peace. We support the Mujahidin. There can be no settlement (da Guerra) unless all Soviet troops are removed and the Afghan people are allowed genuine self-determination. I have made my views on this matter known to Mr. Gorbachev. But not just Nicaragua or Afghanistan—yes, everywhere we see a swelling freedom tide across the world: freedom fighters rising up in Cambodia and Angola, fighting and dying for the same democratic liberties we hold sacred. Their cause is our cause: freedom (REAGAN, 1988)<sup>80</sup>.

Ainda que Reagan continuasse a discursar contra a União Soviética, em dezembro de 1987, foi assinado – por ambas as superpotências – o *Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty* (Tratado das Forças Nucleares de Alcance Intermediário – INF), o qual previa a redução da produção de mísseis de médio alcance. Após a celebração do tratado, somados ambos os Estados desmontaram cerca de 2250 mísseis de médio alcance<sup>81</sup>. No mesmo ano a União Soviética também reduziu o número de suas tropas.

Destarte, em dezembro de 1988, em uma de suas últimas entrevistas como presidente – concedida para a Universidade de Virgínia – Reagan se referiu à União Soviética e seu

<sup>79</sup> “[...] a cola que segurou diversas repúblicas soviéticas juntas”. (Tradução nossa)

<sup>80</sup> “[...] no Afeganistão os lutadores da liberdade são a chave para a paz. Nós apoiamos os *mujahideen*. Não pode haver finalização (da Guerra) a não ser que as tropas soviéticas sejam removidas e o povo afegão tenha permissão para ter autonomia genuína. Eu fiz com que meu ponto vista sobre essa questão fosse ciente pelo Sr. Gorbachev. Mas não apenas Nicarágua ou Afeganistão – sim, em toda a parte vemos uma onda de liberdade crescendo pelo mundo: lutadores da liberdade ascendendo no Camboja e Angola, lutando e morrendo pelas mesmas liberdades democráticas que nos são sagradas. Nossa causa é a causa deles: liberdade”. (Tradução nossa)

<sup>81</sup> Fonte: ALTMAN, Max. 1987 – **Gorbachev anuncia que URSS está pronta para banir armas atômicas**. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/27456/hoje+na+historia+1987+gorbachev+anuncia+que+urss+esta+pronta+para+banir+armas+atomicas.shtml>>. Acesso em: 13 maio 2015.

Chefe de Estado em tom de amizade. Segundo o presidente, “[...] (as relações EUA-URSS) once marked by sterility and confrontation, this relationship is now characterized by dialog – realistic, candid dialog – serious diplomatic progress, and the sights and sounds of summitry. All of this is heady, inspiring”<sup>82</sup>.

Se os discursos de Reagan sobre a União Soviética falavam em diplomacia e diálogo com a URSS, Hollywood ainda aproveitava-se da Era de tensão entre os EUA e a União Soviética para lançar um de seus filmes mais violentos. A terceira obra da sequência Rambo<sup>83</sup> – Rambo III<sup>84</sup> – foi lançada em maio de 1988. No filme, o veterano Rambo deixa sua vida em um templo budista para lutar no Afeganistão ao lado dos *mujahideen* contra a União Soviética, para resgatar seu amigo, o Coronel Trautman (Richard Crenna) – capturado e refém do exército soviético.

Para salvar o Coronel Trautman, Rambo tenta convencer um grupo de *mujahideen* a ajudá-lo. Estes viviam em uma vila próxima à base onde mantinham Trautman preso. É relevante destacar que o Afeganistão é exaltado como um lugar de guerreiros resistentes e de tradições muito fortes, contudo, o Estado está sucumbindo às atrocidades soviéticas. Durante uma reunião com os *mujahideen*, o líder do grupo fala sobre episódios de estupro às mulheres afegãs, e morte de inúmeras crianças e bebês que não são relatados pela mídia no exterior.

Durante o filme, Rambo consegue libertar o Coronel e outros prisioneiros de guerra afegãos, derrotando sozinho toda a base militar soviética. Juntos, Rambo e Trautman tentam andar até a fronteira do Paquistão – aliado dos EUA contra a União Soviética durante a Guerra do Afeganistão –, mas são surpreendidos por um ataque do Coronel soviético que manteve Trautman preso. Quando os personagens declaram-se vencidos são salvos pelo grupo de *mujahideen*, que os ajudam a eliminar toda a tropa soviética instalada naquela região. O

---

<sup>82</sup> “[...] (a relação EUA-URSS) uma vez marcada pela esterilidade e confronto, agora é uma relação caracterizada pelo diálogo – diálogo realista, cândido – um sério progresso diplomático, e às vistas e sons da formação de uma cúpula. Tudo isso é inebriante, inspirador”. (Tradução nossa)

<sup>83</sup> O primeiro filme, da série de quatro filmes, “*Rambo – First Blood*” (no Brasil, Rambo – Programado Para Matar) – foi lançado em 1982. O personagem principal da série é um veterano da Guerra do Vietnã, interpretado por Sylvester Stallone, o qual ao longo de quatro filmes – ao não se adaptar à vida de volta aos Estados Unidos longe de confrontos – retorna a lutar pelo país, novamente no Vietnã, no Afeganistão e no Myanmar.

<sup>84</sup> RAMBO III (RAMBO III). Direção de Peter Macdonald. Produção de Buzz Feitshans, Mario Kassar, Andrew G. Vajna. Intérpretes: Sylvester Stallone, Richard Crenna. Roteiro: Sylvester Stallone, Sheldon Lettich. Música: Jerry Goldsmith. Counter City: Carolco Pictures, 1988. (102 min.), son., color.

filme termina com Trautman e Rambo despedindo-se dos *mujahideen* dizendo “*Insh’Allah*”, do árabe, “Se for da vontade de Alá”<sup>85</sup>.

Em seu livro “*Soft Power – The means to sucess in world politics*”, Nye argumenta que, durante a Guerra Fria, a União Soviética nunca representou uma ameaça aos EUA na questão “poder brando”. Contudo, o poder brando soviético não foi completamente nulo. Bilhões foram gastos na diplomacia pública do país, onde a ciência, as artes e esportes eram aclamados, enquanto informações errôneas sobre o Ocidente eram disseminadas.

O lançamento do *Sputnik*, por exemplo, levou algumas nações europeias a considerarem a URSS mais avançada cientificamente do que os EUA. Não obstante, os melhores bailarinos mundiais vinham de companhias russas como o *Bolshoi*, e os esportistas russos garantiram que a União Soviética somasse mais medalhas de ouro do que os EUA nos Jogos de Inverno (NYE, 2004, p. 74).

No entanto, a cultura popular soviética não é tão bem sucedida, como os EUA, na exportação de elementos atraentes, como a promoção de filmes, moda ou músicas. Nye também expõe que a incoerência da política externa russa – ser contra o imperialismo, entretanto, invadir a Hungria (1956), e a Tchecoslováquia (1968) – teve um efeito negativo no poder brando do país.

A falta de efetividade do poder brando soviético tornou fácil para que produções cinematográficas estadunidenses elaborassem o estereótipo russo como sendo frio, bruto, e que utiliza seus ideais comunistas para conquistar países como o Afeganistão e ultrajar sua cultura, bem como reprimir os povos desses países.

No filme *Rambo III*, além de utilizar o estereótipo do vilão soviético, a força militar dos Estados Unidos também é excessivamente exaltada. A guerra é retratada como parte da tradição afegã<sup>86</sup>, e, por isso, seu povo é considerado muito resistente, todavia, apenas um veterano de guerra estadunidense conseguiu o que todo um grupo de *mujahideen* não conseguiu: aniquilar a União Soviética daquela região.

Ao continuar degradando a imagem de países em conflito com os EUA, e ao continuar a aclamar o poder duro do país, os filmes estadunidenses demonstraram que mesmo com o

<sup>85</sup> Fonte: AL-AMMAR, Ibrahim. ‘*Insha Allah*’. Disponível em: <<http://www.arabnews.com/news/715716>>. Acesso em: 19 maio 2015.

<sup>86</sup> Na cena em que conversa com Rambo, o líder do grupo de *mujahideens*, declarou que para eles a guerra contra a União Soviética era uma “guerra santa”.

fim de agências de controle das produções cinematográficas e mesmo com o iminente fim da Guerra Fria, o recurso de servir ao Estado através da propaganda de sua política externa jamais seria abandonado.

Em 1989, George Bush (1989-1993) assume o cargo de presidente dos Estados Unidos. Este manteve em suas prioridades a liderança internacional, não só para que os EUA pudessem garantir um sistema internacional sem ameaças de guerra, mas para que pudesse evitar a emergência de uma nova potência, principalmente na Eurásia. A propagação do mercado livre, bem como a luta contra ameaças transnacionais, a exemplo do terrorismo, narcotráfico e imigração ilegal também faziam parte de sua política externa. O início de uma nova Era – nesse caso, a de cooperação onde os Estados deveriam ser regidos por valores e princípios comuns – foi denominado “a nova ordem mundial”. (PECEQUILO, 2011, p. 294, 303).

Entretanto Bush e seus assessores não tiveram estratégias o bastante para que pudessem lidar com as consequências de uma nova ordem mundial. As guerras com operações mundiais haviam terminado, o que não significou que os conflitos regionais cessariam. O desempenho dos EUA na Guerra do Golfo foi o suficiente para que Saddam Hussein (1979-2003) retirasse as tropas do Iraque do Kuwait<sup>87</sup>, mas não para tirá-lo do poder. Outro exemplo de intervenção internacional mal sucedida foi a atuação na Somália, em 1993, através de uma operação da ONU de ajuda humanitária, a qual resultou no recuo dos EUA quando sua ajuda fora repudiada pela opinião pública internacional. Estes e outros acontecimentos somados à crescente desaprovação doméstica (PECEQUILO, 2011, p. 305) resultaram na eleição de Clinton para presidente, em 1992.

Bill Clinton foi presidente dos Estados Unidos entre os anos de 1993 e 2001. Sua política externa tinha como cerne a promoção da democracia. Conforme Pecequilo destaca,

[...] o seu principal conteúdo, a promoção da democracia, recuperou as preocupações da república de expandir o experimento, inserindo o ativismo e o idealismo wilsoniano do século XX. Além disso, existia uma preocupação em dotar a liderança norte-americana de um papel central para a expansão, colocando-a no centro do sistema, que, segundo essas visões, seria mais estável, pacífico e seguro com a disseminação generalizada dos valores da democracia e do livre mercado. Afinal, as democracias não vão à guerra umas com as outras e também tendem a tornar-se Estados mais cooperativos e propensos à parceria (PECEQUILO, 2011, p. 313).

---

<sup>87</sup> Segundo Pecequilo (2011, p. 302) o real motivo para que os EUA entrassem na Guerra do Golfo, obviamente não era a defesa da democracia do Kuwait, e sim, a contenção do surgimento do Iraque como uma potência regional e a defesa das reservas de petróleo do país.

O engajamento de Clinton garantiu seu envolvimento na guerra da Bósnia e Herzegovina, quando o Acordo de paz entre as nações – Acordo de Dayton<sup>88</sup> – foi sustentado pelos Estados Unidos e celebrado em Ohio em 1995. Os Estados Unidos também investiram na expansão da Organização do Tratado do Atlântico do Norte – OTAN – onde interferiu na questão de Kosovo através de ajuda humanitária. Segundo Pecequilo (2011, p. 331), com o governo Clinton foi iniciada a fase de intervenção dos EUA por meio de ajuda humanitária – como pode ser observado no discurso de Clinton sobre o Acordo de Dayton, na Bósnia, em novembro de 1995:

But nowhere has the argument for our leadership been more clearly justified than in the struggle to stop or prevent war and civil violence. **From Iraq to Haiti, from South Africa to Korea, from the Middle East to Northern Ireland, we have stood up for peace and freedom because it's in our interest to do so and because it is the right thing to do.** Now, that doesn't mean we can solve every problem. My duty as President is to match the demands for American leadership to our strategic interest and to our ability to make a difference. America cannot and must not be the world's policeman. We cannot stop all war for all time, but we can stop some wars. We cannot save all women and all children, but we can save many of them. We can't do everything, but we must do what we can. **There are times and places where our leadership can mean the difference between peace and war, and where we can defend our fundamental values as a people and serve our most basic, strategic interests.** My fellow Americans, in this new era there are still times when America and America alone can and should make the difference for peace (CLINTON, 1995, grifo nosso).<sup>89</sup>

É importante lembrar que para manter-se hegemônico, os Estados Unidos precisavam não só intervir em países em conflito – em ordem de manter a liderança em certas regiões –,

<sup>88</sup> O Acordo de Dayton foi celebrado em 1995 na cidade homônima em Ohio, Estados Unidos. Este foi intermediado por Bill Clinton e colocou fim na Guerra da Bósnia, a qual durou quarenta e dois meses, entre sérvios, croatas e muçulmanos. Entre as resoluções do Acordo foi estabelecida a República Sérvia da Bósnia e a Federação da Bósnia-Herzegovina; e, cada grupo teria representação política por meio de cotas. Fonte: CONCEIÇÃO, Andrea Freitas da. **Os Acordos de Dayton na prática: O desafio dos sete primeiros anos de construção de um Estado multiétnico dividido ao meio.** 2005. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Cap. 4. Disponível em: <[http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7888/7888\\_5.PDF](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7888/7888_5.PDF)>. Acesso em: 04 maio 2015.

<sup>89</sup> “Mas nenhum lugar tem o argumento, para que nossa liderança seja claramente justificada, do que na luta para cessar ou prevenir a guerra ou a guerra civil. Do Iraque ao Haiti, da África do Sul à Coreia, do Oriente Médio ao Norte da Irlanda, nós nos levantamos pela paz e liberdade porque é de nosso interesse fazê-lo e porque é o certo a ser feito. Agora, isso não significa que podemos resolver cada problema. Meu trabalho como Presidente é combinar as demandas da liderança americana ao nosso interesse estratégico e à nossa habilidade de fazer a diferença. A América não pode e não deve ser o policial do mundo. Nós não podemos cessar todas as guerras por todo o tempo, mas nós podemos cessar algumas guerras. Nós não podemos salvar todas as mulheres e crianças, mas nós podemos salvar muitos deles. Nós não podemos fazer tudo, mas nós devemos fazer o que podemos. Há vezes e lugares que a nossa liderança pode significar a diferença entre paz e guerra, e onde nós podemos defender nossos valores fundamentais como um povo, e servir aos nossos interesses estratégicos primordiais. Meus companheiros americanos, nessa nova Era ainda há vezes em que a América e a América sozinha pode e deve fazer a diferença pela paz”. (Tradução nossa)

mas precisavam de um plano de segurança contra países hostis à sua própria política externa, como a Coreia do Norte e a China, assim, foi retomado o projeto Guerra Nas Estrelas<sup>90</sup>, o qual fomentava a ideia de uma nação invencível.

Essa liderança, não só por meio de intervenções humanitárias, mas pela disseminação de valores, é exaustivamente abordada no filme “*Independence Day*”<sup>91</sup> (mesmo título no Brasil). O filme foi lançado em 1996 e conta com um roteiro simples, aparentemente sem maiores pretensões além do entretenimento.

O filme retrata uma invasão alienígena hostil, a qual tem sua base *estacionada* na órbita da Terra, mais especificamente, em cima da Casa Branca. A partir de então, os Estados Unidos trabalham para proteger a Terra com uma equipe a qual conta com o Capitão Hiller (Will Smith), o técnico em comunicação, o qual descobre que os extraterrestres atacarão a Terra – David (Jeff Goldblum), o presidente Thomas Whitmore (Bill Pullman), e o veterano de guerra alcoólatra e pai de três filhos, Russell (Dan Lauria). Após poucas investidas contra os alienígenas, os Estados Unidos os vencem.

O enredo parece comum, entretanto são inúmeros símbolos de valores, ideais e objetivos da política externa estadunidense ilustrados no filme. Por exemplo, a primeira sugestão da Casa Branca ao verificar que se tratava de um ataque à Terra, é de explodir a nave extraterrestre com bombas nucleares, ao que especialistas alertam o presidente dos danos que uma explosão nuclear poderia causar ao mundo.

Posteriormente, quando a nave alienígena é explodida por Russell – à custa de sua vida – o presidente Whitmore enfatiza para a base do exército norte-americano que agora eles sabem derrotar os alienígenas e ordena que a base “*spread the word*” – em português, “espalhar a palavra” –, ou seja, dê a receita ao mundo sobre como derrotar extraterrestres. Imediatamente seus oficiais começam a espalhar o ocorrido para todo o mundo. Não utilizar bomba nuclear e mostrar como os Estados Unidos preocuparam-se em instruir o mundo a derrotar a ameaça à Terra, são elementos que subsidiam a política externa de Clinton ao

---

<sup>90</sup> O projeto Guerra nas Estrelas foi iniciado no governo de Reagan, o qual era um sistema contra ataques nucleares que poderiam advir da nação soviética. O projeto também fora conhecido como Iniciativa de Defesa Estratégica, e tinha como fundamento a não proliferação de armas nucleares, as quais contrariavam o ideal pacífico do país (PECEQUILO, 2011, p. 209).

<sup>91</sup> INDEPENDENCE DAY (INDEPENDENCE DAY). Direção de Roland Emmerich. Produção de Dean Devlin. Intérpretes: Will Smith, Jeff Goldblum, Bill Pullman, Margaret Colin, Vivia A. Fox, Mary McDonnell, Judd Hirsch, Robert Loggia, Randy Quaid, James Rebhorn, Harry Connick Jr. Roteiro: Dean Devlin, Roland Emmerich. Música: David Arnold. Century City: 20th Century Fox, 1996. (145 min.), son. color.

enaltecer a cooperação transnacional e fazer alusão ao princípio estadunidense contra armas e testes nucleares.

Em seu livro “O paradoxo do poder americano”, Nye faz uma abordagem sobre a decadência moral e divisão cultural pelas quais seu país estava passando, e menciona indicadores culturais como a gravidez na adolescência, o divórcio e a criminalidade para evidenciar que, mesmo esses índices tendo subido desde a década de 1950, na década de 1990 eles haviam recuado (NYE, 2002, p. 137-138). Todavia, a cultura estadunidense passava por um período em que era mal vista aos arredores do mundo, viviam um pessimismo cultural, o qual segundo Nye, era fruto também da tendência dos meios de comunicação de enfatizar apenas as más histórias. Ainda, de acordo Nye,

[...] existe uma conexão entre divisões culturais e o nosso poder suave. Um decréscimo na qualidade de vida cultural americana poderia reduzir o nosso poder suave, caso a acrimônia das nossas brigas familiares provocasse descontentamento a outros ou a dramatização excessiva das nossas falhas levasse outros a diminuírem seu respeito pelo nosso exemplo nacional (NYE, 2002, p. 139)<sup>92</sup>.

Destarte, são retratados no filme casos que exemplificam a subversão da imagem da família estadunidense: a personagem coadjuvante Jasmine (Vivica A. Fox) caracteriza-se não apenas por ser namorada do Capitão Hiller, mas por ser *stripper* e mãe solteira; David, por sua vez, também não é apenas o técnico o qual ajuda os EUA contra a ameaça alienígena, mas o ex-marido da assessora de imprensa do presidente dos Estados Unidos, e; Russell, não é respeitado como veterano de guerra por ser alcoólatra e pai solteiro de três adolescentes. Estes são modelos familiares que não passariam pela censura do Código Hays durante sua vigência em décadas anteriores.

Todavia, cada família encontra sua resignação no final do filme. Quando Russell morre para explodir a nave, seu filho o observa da base militar estadunidense e finalmente orgulha-se do pai. Na última cena todos assistem à nave alienígena pegando fogo, David beija sua ex-esposa, evidenciando que reataram seu casamento. Hiller está com o filho de Jasmine no colo, o que induz o espectador a acreditar que a partir de então eles constituirão uma família. Desse modo, núcleos familiares são reconstruídos com a finalidade de reduzir o

---

<sup>92</sup> Por tratar-se de uma citação de uma edição portuguesa do livro “O Paradoxo do Poder Americano”, não só algumas palavras possuem a grafia diferente, como o conceito “poder brando” é substituído por “poder suave”.

pessimismo cultural de que as famílias estadunidenses estariam cada vez mais desestruturadas.

Não obstante, o presidente Whitmore representa a liderança justa, que vê sua família sacrificada com a morte de sua esposa, mas não deixa de combater os extraterrestres. Este tem seu momento de glória ao discursar para sobre como após o ataque, o dia quatro de julho seria agora conhecido como o dia da independência do mundo, o qual lutou para não ser destruído. Todavia, apenas militares e estudos estadunidenses são conduzidos contra a nave invasora, ou seja, aparentemente os únicos a lutarem foram os Estados Unidos, os quais tomaram para si a frente de uma questão de ordem mundial<sup>93</sup>.

A obra do diretor Roland Emmerich apresenta os três aspectos da atração aos Estados, enumeradas por Vuving (2009, p. 7 apud NYE, 2011, p. 128), quais sejam, 1) carisma, quando o público é atraído por se identificar com os personagens que representam pessoas comuns, pessoas que poderiam ser qualquer civil; 2) benignidade, apresentada por meio de todos os sacrifícios dos personagens, bem como seu altruísmo uns para com os outros; e, 3) competência, qualidade esta exaltada quando os EUA derrotam os extraterrestres. O filme mesmo não tendo sido tão bem recebido pelos críticos recebeu inúmeros prêmios e é um exemplo clássico quando se trata de expor os valores estadunidenses através de Hollywood.

Por mais que os Estados Unidos cumprissem com sua agenda internacional para que sua imagem de “Nação mais favorecida” fosse imaculada, durante o governo de George W. Bush (2001-2009) o Estado sofreu o maior ataque desde *Pearl Harbor*, em 1941. Os atentados de 11 de setembro de 2001 fizeram com que a política externa dos Estados Unidos, antes em favor da liberdade, paz e democracia, fosse distorcida em prol da exibição da força de represália do país. Assim, todos os discursos vistos nas políticas e obras anteriores, acabaram por esvair e dar lugar a discursos sobre retaliação.

Desse modo, dias depois do atentado, a política externa estadunidense abriu suas portas para a operação Liberdade Duradoura, a qual contava com três objetivos, conforme Pecequilo expõe:

---

<sup>93</sup> O filme *Independence Day* mostra, por um instante, cenas de outros países sendo avisados de que os EUA atacariam a nave extraterrestre, entretanto não revela se outros países ou organizações também planejaram um ataque.

Três objetivos foram estabelecidos como prioritários: a destruição da Al Qaeda (e a prisão de seus líderes como Osama Bin Laden) e do regime talibã que o apoiava no Afeganistão; a reconstrução política e econômica do Afeganistão pós-talibã; e, por fim, a eliminação do terrorismo em escala mundial (PECEQUILO, 2011, p. 385).

Esses objetivos não seriam cumpridos sem o apoio dos aliados dos Estados Unidos. O primeiro-ministro da Grã-Bretanha, Tony Blair, envolveu-se diretamente no conflito e assumiu a posição de porta-voz da investida contra o Afeganistão, sob o interesse de aumentar sua influência na Ásia e na própria Europa, onde outros países como Japão, França e Alemanha mantinham seu apoio aos Estados Unidos.

Com a entrada dos EUA no Afeganistão, a conquista de sua capital e o apoio da Aliança do Norte<sup>94</sup>, os problemas do país foram encobertos pela queda do Talibã e a instituição de Hamid Karzai (2004-2014) como presidente interino do período de transição do país<sup>95</sup> – onde aprovou-se uma Constituição a qual protegia a igualdade de gênero e a liberdade política. Desse modo, é possível considerar que parte dos novos objetivos do governo Bush estavam concluídos – mesmo sem a captura de Bin Laden –, todavia, o último objetivo jamais fora alcançado em sua vigência, e, por conseguinte, fora o alicerce do início da Guerra Preventiva iniciada pelo presidente, e do desprestígio ao poder brando estadunidense.

Lançado em 2008, o filme “*Iron Man*”<sup>96</sup> (no Brasil, “Homem de Ferro”), retrata a história do personagem Tony Stark, já conhecido dos desenhos animados e séries de televisão. No enredo da versão cinematográfica Tony (Robert Downey Jr.) vai para o Afeganistão para o teste e apresentação da última arma desenvolvida pelas Indústrias Stark, o míssil “*Jericho*” (Jericó). No Afeganistão, Stark é sequestrado pela organização terrorista Dez Anéis, a qual quer que ele e seu outro refém Dr. Yinsen, cientista do Oriente Médio, construam outro *Jericho* para a organização. Durante o tempo em que permanece em cativeiro, Stark e Yinsen constroem uma réplica do “reator Ark” (que impede que estilhaços do míssil *Jericho* chegue ao seu coração), o que garante que Tony Stark derrote os terroristas e volte para Nova Iorque.

<sup>94</sup> A Aliança do Norte é formada por três grupos étnicos diferentes, o qual se unem com a única finalidade de combater o Talibã. Um dos líderes do grupo é o presidente deposto Burhanuddin Rabbani, o qual também representa o Afeganistão na ONU. Fonte: SYMON, Fiona. **Análise: a Aliança do Norte no Afeganistão**. 2001. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2001/010924\\_aliancanorte.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2001/010924_aliancanorte.shtml). Acesso em: 25/04/2015

<sup>95</sup> Em 2004, Karzai tornou-se presidente do Afeganistão com 55% dos votos.

<sup>96</sup> IRON MAN (HOMEM DE FERRO). Direção de Jon Favreau. Produção de Avi Arad, Kevin Feige. Intérpretes: Robert Downey Jr., Terrence Howard, Jeff Bridges, Shaun Toub, Gwyneth Paltrow. Roteiro: Mark Fergus, Hawk Ostby, Art Marcum, Matt Holloway. Música: Ramin Djawadi. Los Angeles: Marvel Studios, Fairview Entertainment, 2008. (126 min.), son. color. Legendado. Baseado na história em quadrinhos de 1963, “Homem de Ferro”, de Stan Lee, Larry Lieber, Don Heck, Jack Kirby.

Já nos Estados Unidos, após meses recriando a armadura que utilizara no Afeganistão, Stark descobre que o CEO de sua empresa, Obadiah Stane (Jeff Bridges) fornecia armamento para a organização Dez Anéis e pediu para que eles matassem Stark. A partir da descoberta de Stark o embate entre ele e Stane começa. Na sequência, ambos lutam na frente de toda a cidade Nova Iorque, Tony derrota Stane e passa a ser conhecido como o “Homem de Ferro”.

Na versão original, escrita por Stan Lee, em 1963, para revistas em quadrinhos (HQs), Tony Stark é vítima de uma granada e sequestrado no Vietnã. Entretanto, com os acontecimentos da década de 2000, foi mais conveniente que seus malfeitores fossem afegãos. A linha do poder brando segue a do filme “*The Deer Hunter*”, todavia, a população afegã é vista como vítima dos terroristas, uma alusão ao Talibã.

O fato que motiva Tony a utilizar sua armadura pela primeira vez é a notícia na televisão, sobre os refugiados afegãos em condições desesperadoras sob o comando da organização Dez Anéis. A notícia tem o intuito de instigar Tony quanto ao que está acontecendo no Estado, entretanto a repórter enfatiza incessantemente a situação precária da comunidade e as atrocidades cometidas pela organização, com imagens que parecem reais de um povo em sofrimento. Uma das falas da jornalista que chama atenção é sobre a falta de interferência internacional na conjuntura do Afeganistão. Inquieto quanto ao que está havendo, ciente de que tudo isso foi provocado também pelo envio de suas armas ao país, o Homem de Ferro parte para o Afeganistão a tempo de impedir que um chefe de família afegão seja morto pelos terroristas na frente de sua esposa e filhos. Destarte, a afirmação sobre a falta de ajuda internacional somada ao desempenho do Homem de Ferro em salvar parte daquela comunidade, leva um espectador menos atento aos acontecimentos internacionais a presumir que a atuação dos EUA no Afeganistão, mais do que para vingança, foi de cunho humanitário.

A personalidade de Tony Stark e suas poses refletem convenientemente a nova imagem dos Estados como um país que ostenta seu poder duro e age conforme as próprias regras, entretanto, em favor do que ele julga ser o bem comum. Tony Stark ficou milionário através da indústria bélica do pai, e não se redime por isso em nenhum momento deixando de apreciar menos sua fortuna. No entanto, o herói impulsivo é retratado em seus filmes como um personagem que não faz mal às pessoas de bom caráter – ou que ele presume serem de bom caráter.

Por fim, já no final do filme, Stark recebe recomendações de uma divisão fictícia de inteligência do governo dos EUA, a Superintendência Humana de Intervenção, Espionagem,

Logística e Dissuasão (S.H.I.E.L.D.), sobre não revelar sua identidade como Homem de Ferro. No entanto, Stark não segue a orientação e durante uma coletiva de imprensa assume ser o Homem de Ferro. Essa postura de desobediência seria inconcebível em décadas anteriores, entretanto, como visto anteriormente, o próprio Estados Unidos, durante a guerra do Iraque, atacou o país sem um mandato da ONU.

Ainda, segundo Nye, “Some neoconservatives argued that the solution was to avoid the UN and to deny its legitimacy. For some, thwarting the UN was a gain. They viewed the Iraq War as a ‘twofer’: it removed Saddam and damaged the UN”<sup>97</sup> (NYE, 2004, p. 28). Ou seja, durante a gestão Bush pôde-se ouvir a voz de neoconservadores que não concordavam com a submissão a um órgão que poderia limitar as ações dos EUA no campo internacional, igualmente, Tony Stark se recusa, a princípio, a fazer parte de um órgão que poderia limitar suas ações como Homem de Ferro.

Nye escreveu em seu livro “*Soft Power – The means to success in world politics*”, um subcapítulo sobre como a imagem dos Estados Unidos havia deteriorado aos olhos internacionais. O autor previne seu Estado de que mensagens e imagens são transmitidas não só pela cultura, mas por políticas domésticas e externas. Destarte Nye também alega que o poder brando não é constante, variando com tempo e lugar (NYE, 2008, p. 44). Assim, Hollywood já não podia fabricar personagens principais extremamente humildes e complacentes, isso já não fazia parte da realidade da atuação externa do país.

O Homem de Ferro é o primeiro de muitos heróis, os quais surgiram nos anos seguintes, a passar a demonstrar aspectos de intemperança, insolência e defeitos, como todo ser humano e como seu Estado natal. Esses heróis são melhor retratados por uma série de filmes produzidos pela *Marvel Studios* a partir do “Homem de Ferro”. Entre as novas produções destacam-se incontáveis elementos de poder brando em favor da política externa estadunidense, seja nos diálogos ou nos recursos visuais. Outro ponto a ser destacado é que os novos heróis atraíram o carisma mundial não no governo de George Bush, mas no de seu sucessor, o qual prometeu em sua campanha como presidenciável uma *mudança na qual todos podem acreditar*.

---

<sup>97</sup> “Alguns neoconservadores argumentaram que a solução era evitar a ONU e negar sua legitimidade. Para alguns, contrariar a ONU foi um ganho. Eles viam a Guerra do Iraque como um ganho duplo: removeu o Saddam e prejudicou a ONU”. (Tradução nossa)



#### 4 A POLÍTICA EXTERNA CONTEMPORÂNEA ESTADUNIDENSE

O Relatório de Estratégia de Segurança Nacional está previsto na Lei Goldwater-Nichols do Departamento de Reorganização da Defesa desde 1986. Este é escrito pelo presidente dos Estados Unidos, em ordem de publicar os interesses e objetivos do governo para a segurança nacional<sup>98</sup>. Em maio de 2010, Barack Obama publicou seu Relatório, denominado *A Blueprint For Pursuing The World That We Seek* (em português, Um Esboço Para Buscar o Mundo Que Nós Almejamos) – neste estão escritos objetivos para a política doméstica e externa dos Estados Unidos.

Ao analisar o Relatório de 2010, foi identificado que parte das prioridades do presidente Obama tem o intuito de reparar falhas do governo de seu antecessor, quais sejam, remover as tropas do Iraque e garantir a soberania do Estado, por meio do fortalecimento da parceria dos EUA com o governo iraquiano e sua população; promover um maior envolvimento com as comunidades muçulmanas e incentivar a cooperação internacional; e, reforçar as relações entre os EUA e seus aliados.

Durante o governo de George Bush, a liderança mundial estadunidense foi questionada internacionalmente não só por seus opositores, mas por seus aliados. Como visto no capítulo um, cooperar com os Estados Unidos em sua guerra ao terror tornou-se uma decisão falha, ou, nas palavras de Nye (2004, p. 27), “a vote loser”<sup>99</sup>. Outra justificativa para incentivar a cooperação mundial é que as ações de Bush geraram descrédito da comunidade internacional na capacidade dos Estados Unidos de ser condescendente aos organismos que ele mesmo criou, tal como a ONU.

De acordo com Wallerstein, o primeiro ponto a ser observado é quais as consequências do declínio americano causado pelo governo de Bush. O próprio autor averigua que, “The first is the manifest reduction of U.S. ability to control the world situation, and in particular the loss of trust by the erstwhile closest allies of the United States in its behavior” (WALLERSTEIN, 2013, s.p.).<sup>100</sup>

<sup>98</sup> Fonte: National Security Strategy US. **National Security Strategy Archive**. Disponível em: <<http://nssarchive.us/national-security-strategy-2010/>> Acesso em: 22 maio 2015.

<sup>99</sup> “um voto perdido”. (Tradução nossa)

<sup>100</sup> “A primeira é a manifestação da redução da habilidade dos EUA de controlar a situação mundial, e em particular a perda de confiança dos outrora aliados mais próximos do comportamento americano”. (Tradução nossa)

As imprudências de Washington no Oriente Médio refletiram na perda de anos de diplomacia nos governos anteriores ao de George Bush. Ainda, segundo Wallerstein,

Whatever the United States tries to do in the Middle East today, it loses. At present none of the strong actors in the Middle East (and I do mean none) take their cues from the United States any longer. This includes Egypt, Israel, Turkey, Syria, Saudi Arabia, Iraq, Iran, and Pakistan (not to mention Russia and China) (WALLERSTEIN, 2013, s.p.).<sup>101</sup>

Desse modo, pode-se afirmar que as prioridades da Estratégia de Segurança Nacional foram desenvolvidas com o intuito de renovar a compreensão mundial sobre a liderança estadunidense. Essa renovação mostrou-se necessária com a rejeição mundial a qual o governo de seu antecessor passou. Desse modo, a retórica de Obama foi chamada de “estratégia de engajamento” – esta abandona antigos estigmas<sup>102</sup> do governo Bush para buscar soluções de conciliação e cooperação internacional em meio a conflitos e ameaças.

Em contraponto, a estratégia de política internacional de Obama mostra semelhança nos objetivos de presidentes como Clinton – por exemplo, na promoção da democracia e direitos humanos por meio de operações de paz multilaterais e mediação de conflitos, e; no intuito de reforçar o Tratado de Não-Proliferação Nuclear (CLINTON, 1994, p. 7, 11). Também se assemelha aos objetivos de Reagan, ao almejar a evolução e propagação tecnológica e o aprimoramento das relações bilaterais com países do Oriente Médio (REAGAN, 1987, p. 10, 18).

Todavia, a atuação de Obama no que tange à política externa de seu país mostrou-se, muitas vezes, contraproducente. As inúmeras prioridades de seu Relatório ficaram à margem de suas ações, as quais – como pode ser constatado ao longo deste capítulo – promoveram a democracia; os direitos humanos; e, o engajamento com a comunidade muçulmana e Estados não democráticos, por vezes, apenas nos comoventes discursos do presidente.

---

<sup>101</sup> “O que quer que seja que os Estados Unidos tentem fazer no Oriente Médio hoje em dia, eles perdem. Atualmente nenhum ator forte do Oriente Médio (e eu realmente quero dizer nenhum) pede conselhos aos Estados Unidos. Isso inclui Egito, Israel, Turquia, Síria, Arábia Saudita, Irã e Paquistão (para não mencionar Rússia e China).” (Tradução nossa)

<sup>102</sup> Segundo Vianna (2010, p. 113), o governo de George Bush ficou conhecido como “o governo do medo”, no qual termos como “eixo do mal” (Irã-Síria-Coréia do Norte) e “terroristas muçulmanos” (termo o qual implica que muçulmanos são necessariamente terroristas) foram amplamente utilizados pelo, então, líder estadunidense. O autor também argumenta que houve a exploração da díade “bem” e “mal” – parte da caracterização do fundamentalismo cristão do ex-presidente.

Ainda, de acordo com Wallerstein, “the conclusion of the internal debate in the Obama administration has been a super-ambiguous compromise, in which President Obama seems vacillating rather than forceful” (WALLERSTEIN, 2013, s.p.).<sup>103</sup>

#### 4.1 As controvérsias da política externa de Barack Obama

A promoção da democracia e dos direitos humanos no exterior é abordada na Doutrina Obama como imprescindível, pois, de acordo com o presidente, governos os quais respeitam esses valores tendem a ser mais pacíficos e legítimos (OBAMA, 2010). Ainda, segundo o Relatório de Estratégia de Segurança Nacional,

[...] We also do so (defesa da expansão dos direitos humanos e valores democráticos) because their success abroad fosters an environment that supports America’s national interests. Political systems that protect universal rights are ultimately more stable, successful, and secure. As our history shows, the United States can more effectively forge consensus to tackle shared challenges when working with governments that reflect the will and respect the rights of their people, rather than just narrow interests of those in power (OBAMA, 2010, p. 37).<sup>104</sup>

A política para o avanço dos direitos universais foi desenvolvida através da elaboração de determinados objetivos. São esses: o engajamento bilateral com regimes não democráticos<sup>105</sup>; o apoio aos direitos das mulheres; o trabalho para a disseminação desses valores junto, não somente a outros governos, como às instituições não governamentais e fóruns multilaterais, para fortalecer instituições – como o Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas – e garantir que indivíduos ou Estados que violem os direitos humanos sejam devidamente responsabilizados por seus atos; e, o impulso à disseminação de novas tecnologias como subsídio à liberdade de expressão e transparência governamental.

<sup>103</sup> “A conclusão do debate interno na administração de Obama tem sido um compromisso super -ambíguo, no qual o presidente Obama parece vacilante ao invés de contundente”. (Tradução nossa)

<sup>104</sup> “[...] Nós também o fazemos (defesa da expansão dos direitos humanos e valores democráticos) porque o sucesso destes no exterior cria um ambiente que apoia o interesse nacional da América. Sistemas políticos que protegem nossos direitos universais são em última análise mais estáveis, bem sucedidos, e seguros. Como nossa história mostra, os Estados Unidos podem, de forma mais eficaz, criar um consenso para enfrentar desafios compartilhados quando trabalhando com governos que reflitam a vontade e respeito pelos direitos do povo, ao invés de apenas os interesses daqueles no poder.” (Tradução nossa)

<sup>105</sup> Esse engajamento dá-se em ordem de abrir um diálogo sobre os direitos humanos e representar uma oposição política pacífica, e mesmo em caso de rejeição à abertura de diálogo, os Estados Unidos alegam utilizar como recurso as diplomacias públicas e privadas com base em incentivos e desincentivos para acabar com a repressão em tais regimes (OBAMA, 2010, p. 38).

O primeiro mandato do governo de Obama, no entanto, apresentou ações contraproducentes às práticas em defesa da democracia e direitos humanos. Um exemplo é a não revogação do Ato Patriota<sup>106</sup>, criado pelo governo de George Bush em 2001. Em 2003, ainda enquanto candidato ao Senado, quando indagado sobre o Ato Patriota pela *National Organization of Women* (Organização Nacional das Mulheres – ONM), Obama o declarou como “desnecessário e perigoso” (OBAMA, 2003 apud HUTCHINSON, 2009). Todavia, a administração de seu primeiro mandato não apenas não revogou o Ato, como pediu ao Congresso que renovasse três partes do Ato que expirariam no final de 2009, sendo estas permissivas quanto à interceptação de meios de comunicação, à apreensão de determinados registros de empresas e ao monitoramento de terroristas suspeitos de estarem agindo sozinhos contra o Estado (CONERY, 2009).

De acordo com o analista político Earl Ofari Hutchinson, do jornal *Huffington Post*, o Ato é falho ao não mostrar uma interpretação sobre o que ou quem é considerado um terrorista – o que fica por conta do investigador –, bem como, por também não informar quanto tempo um indivíduo ou organização serão investigados, e, não oferecer nenhum tipo de proteção aos investigados (HUTCHINSON, 2009).

Desse modo, não só a privacidade dos residentes nos Estados Unidos (cidadãos estadunidenses ou não) está comprometida, como a tecnologia que Obama exaltou em sua Doutrina, que deveria oferecer liberdade de expressão e comunicação irrestrita com o mundo (OBAMA, 2010, p. 39) é passível de ser grampeada por órgãos do governo estadunidense. Caso um residente do país seja espionado e tenha suas mensagens e ligações interpretadas de maneira errônea, esta tecnologia pode levá-lo à prisão.

O Ato Patriota não viola constitucionalmente nos EUA os direitos humanos, apesar de ser acusado por instituições não governamentais, como a *American Civil Liberties Union* (União Americana Pelas Liberdades Cívicas – ACLU), de ser um instrumento utilizado por

---

<sup>106</sup> O *USA Patriot Act* (Ato Patriota dos EUA) é o acrônimo de "*Uniting and Strengthening America Act by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism*" (em português, Unindo e Fortalecendo o Ato da América Provendo Ferramentas Apropriadas Requeridas para Interceptar e Obstruir o Terrorismo). Este foi promulgado pelo Congresso em 2001, a pedido do presidente George Bush após os atentados de 11 de setembro, e visa prevenir futuros ataques terroristas. Dentre as medidas previstas pelo Ato, é permitido que investigadores interceptem qualquer meio de comunicação (comunicação por fio, oral e eletrônica) de pessoas e organizações os quais julgam estar violando leis criminais federais ou estaduais, ou, serem consideradas uma ameaça à vida humana. Fonte: The United States Department of Justice Website. **The USA PATRIOT Act: Preserving Life and Liberty**. Disponível em: <<http://www.justice.gov/archive/ll/highlights.htm>>. Acesso em: 22 maio 2015.

autoridades para abusar dos direitos civis<sup>107</sup>. Entretanto, outra questão de suma importância no governo de Obama é severamente acusada pela comunidade internacional de desprezar a soberania dos Estados e os direitos humanos.

O *Guantánamo Bay Detention Camp* (Campo de Detenção da Baía de Guantánamo) foi fundado em 2002 na baía homônima, na ilha de Cuba. De acordo com o ACLU, desde sua abertura mais de oitocentos presos passaram pelas celas de Guantánamo. A organização também alega que muitos foram e são submetidos a torturas e outros tratamentos brutais. Em seu Relatório em 2010, Obama afirmou que o campo de detenção seria fechado para “[...] to deny violent extremists one of their most potent recruitment tools [...]”<sup>108</sup>. De acordo com o *site* BBC Brasil, o fechamento da prisão é impossibilitado pelo Congresso estadunidense, o qual aprovou “uma série de obstáculos para impedir o fechamento da prisão em curto prazo” (BBC BRASIL, 2013)<sup>109</sup>.

Em 2009, Barack Obama emitiu a Ordem “*Closure Of Guantánamo Detention Facilities*” (Fechamento das Instalações da Detenção Guantánamo), onde foi declarado,

Merely closing the facilities without promptly determining the appropriate disposition of the individuals detained would not adequately serve those interests (segurança nacional e política externa). To the extent practicable, the prompt and appropriate disposition of the individuals detained at Guantánamo should precede the closure of the detention facilities at Guantánamo (OBAMA, 2009).<sup>110</sup>

Isso posto, a Ordem do presidente segue com instruções sobre como dispor dos detentos. Em 2013, no discurso sobre a “*National Defense Authorization Act*”<sup>111</sup> (Ato de Autorização de Defesa Nacional) para o ano fiscal de 2014, Obama expôs que nos últimos anos o Congresso promulgou restrições injustificáveis e onerosas para impedir a transferência

<sup>107</sup> Mais informações em: <https://www.aclu.org/myths-and-realities-about-patriot-act>. Acesso em: 23 maio 2015.

<sup>108</sup> “[...] negar aos extremistas violentos uma de sua mais potente ferramenta de recrutamento [...]”. (Tradução nossa)

<sup>109</sup> Outros argumentos para o não fechamento de prisão são defendidos por uma maioria conservadora, os quais argumentam que caso haja transferência dos presos para presídios de segurança máxima nos EUA, estas poderiam ser alvo de ataques para facilitar a fuga dos prisioneiros de Guantánamo. Fonte: BBC BRASIL. **Por que Obama não consegue fechar Guantánamo?** Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130502\\_guantanamo\\_obama\\_ru](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130502_guantanamo_obama_ru)>. Acesso em: 24 maio 2015.

<sup>110</sup> “Meramente fechar as instalações sem prontamente determinar a apropriada disposição dos indivíduos detentos não serve adequadamente àqueles interesses (segurança nacional e política externa). Na medida do possível, a pronta e apropriada disposição dos indivíduos detentos em Guantánamo deve preceder o fechamento das instalações de detenção em Guantánamo”. (Tradução nossa)

<sup>111</sup> Lei a qual especifica o orçamento do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Cada Ato deve ser promulgado pelo presidente dos Estados Unidos anualmente.

dos presos em Guantánamo. Apesar dos esforços do presidente para fechar a prisão – e de seu reconhecimento sobre os custos faraônicos para mantê-lo, assim como, a mancha em sua política internacional não só com outros Estados, mas com outros atores internacionais –, Guantánamo segue com 136 presos<sup>112</sup>.

Antagônico ao Ato Patriota e às tentativas frustradas de encerrar as atividades de Guantánamo, é inegável o sucesso do presidente Obama quanto à questão da igualdade de gêneros. Em seu *website* “*Change.gov*” – *slogan* da campanha política de seu primeiro mandato –, há uma página inteiramente dedicada às realizações e metas do presidente em favor das mulheres em setores como saúde, economia, segurança nacional e educação<sup>113</sup>.

Não obstante, em seu *website* pessoal, Barackobama.com, o presidente também aborda a posição de liderança das mulheres no mundo. Ainda, parte de sua organização filantrópica, *Organizing For Action* (em português, similar a “Organizar Para Ação”), é destinada a coordenar a comunidade *Women’s Leadership Corps* (em português similar a, “Liderança das Mulheres em Corporações”). Esta tem como princípio construir um sistema de apoio à liderança feminina por todo o país e agir contra os problemas que afetam a vida das mulheres<sup>114</sup>.

Em seu primeiro mandato, a liderança feminina foi destacada com a nomeação de Hillary Clinton como Secretária de Estado em 2009. As opiniões sobre a então Secretária divergem na mídia estadunidense no que concerne aos feitos conquistados por Clinton. De acordo com Susan B. Glasser, em seu artigo *Was Hillary Clinton a Good Secretary of State? And Does It Matter?* – para a *Politico Magazine* –, sob o controle extremo da política externa dos Estados Unidos exercido por Barack Obama, Hillary Clinton era extremamente cautelosa e teve uma posição ativa em questões como o processo de paz promovido por Obama no Oriente Médio. Consequentemente não se destacou em nenhuma questão diplomática,

<sup>112</sup> Fonte: WELLE, Deutsche. **ONGs de direitos humanos dizem que Brasil deveria receber presos de Guantánamo**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/ongs-de-direitos-humanos-dizem-que-brasil-deveria-receber-presos-de-guantanamo-9568.html>>. Acesso em: 24 maio 2015.

<sup>113</sup> Um dos feitos de Obama para a questão de igualdade de gênero enumerado pelo *site* é a promulgação do *Equal Pay Act*, no estado Illinois, para que homens e mulheres recebam igualmente ao exercer o mesmo ofício. O presidente também promulgou o *Prevention First Act*, o qual destina fundos para a educação sexual e para a assistência às vítimas de estupro. Outras questões defendidas pelo presidente abarcam o investimento em pequenas empresas lideradas por mulheres; aumento da presença feminina em postos de trabalho nos campos de ciência e tecnologia; investimento em programas de assistência às vítimas de violência doméstica, etc.

<sup>114</sup> Fonte: ORGANIZING FOR ACTION. **Stand with Women**. Disponível em: <<https://www.barackobama.com/women/>>. Acesso em: 25 maio 2015.

dedicando-se a problemas considerados por Glasser como brandos, a exemplo da educação e poder feminino.<sup>115</sup>

Contrário ao artigo de Glasser, o professor de relações exteriores, Walter Russell Mead, escreveu ao jornal *Washington Post* um artigo homônimo ao de Glasser, onde ele exalta a capacidade política de Hillary, e lembra que ela não controla a política internacional do governo, apenas implementa ideias providas pelo presidente<sup>116</sup>. Mead também relembra a atuação de Clinton na Conferência Mundial das Mulheres<sup>117</sup>, em Pequim em 1995, de acordo com o autor “It reflects her convictions about the nature of American power and the direction of history”<sup>118</sup>.

Hillary Clinton também popularizou o conceito “poder inteligente”, quando falou sobre a forma de poder em seu discurso de aceitação para o cargo de Secretária do Estado, em janeiro de 2009. De acordo com a então Secretária,

[...] We must use what has been called smart power, the full range of tools at our disposal -- diplomatic, economic, military, political, legal, and cultural -- picking the right tool or combination of tools for each situation. With smart power, diplomacy will be the vanguard of our foreign policy. This is not a radical idea. The Ancient Roman poet Terence declared that ‘In every endeavor, the seemly course for wise men is to try persuasion first.’ The same truth binds wise women as well (CLINTON, 2009).<sup>119</sup>

<sup>115</sup> Fonte: GLASSER, Susan B.. **Was Hillary Clinton a Good Secretary of State? And does it matter?** Disponível em: <[http://www.politico.com/magazine/story/2013/12/was-hillary-clinton-a-good-secretary-of-state-john-kerry-2016-100766\\_Page2.html#.VWeGp9JViko](http://www.politico.com/magazine/story/2013/12/was-hillary-clinton-a-good-secretary-of-state-john-kerry-2016-100766_Page2.html#.VWeGp9JViko)>. Acesso em: 25 maio 2015.

<sup>116</sup> Em ambos os artigos, Barack Obama é visto como extremo controlador da política externa estadunidense. De acordo com Aaron David Miller, o qual negociou a paz no Oriente Médio durante o mandato de cinco presidentes (não especificados por Glasser), Obama é o presidente mais controlador da política externa dos EUA, desde Nixon. Não obstante, Mead aborda em seu artigo que em muitas questões a posição de Hillary Clinton fora ignorada por Obama (tais questões também não são especificadas). Nessa questão, a entrevista de Clinton para Jeffrey Goldberg, editor da revista *The Atlantic* em agosto de 2014, teve bastante repercussão em virtude das primeiras críticas apresentadas pela ex-Secretária ao governo Obama. Fonte: GOLDBERG, Jeffrey. **Hillary Clinton: 'Failure' to Help Syrian Rebels Led to the Rise of ISIS**. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/international/archive/2014/08/hillary-clinton-failure-to-help-syrian-rebels-led-to-the-rise-of-isis/375832/>>. Acesso em: 25 maio 2015.

<sup>117</sup> Em seu discurso na Conferência Mundial das Mulheres em Pequim, Hillary Clinton – enquanto primeira-dama do ex-presidente Bill Clinton – abordou temas delicados, como o infanticídio feminino por pais que querem um filho e a submissão de mulheres ao aborto em decorrência da política chinesa de uma criança por família. Sua atuação na Conferência foi elogiada por membros democratas e republicanos da delegação estadunidense enviada à Pequim. Fonte: TYLLER, Patrick E.. **Hillary Clinton, in China, details abuse of women**. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1995/09/06/world/hillary-clinton-in-china-details-abuse-of-women.html>>. Acesso em: 25 maio 2015.

<sup>118</sup> “Isso reflete as convicções dela sobre a natureza do poder americano e a direção da história”. (Tradução nossa)

<sup>119</sup> “[...] Nós precisamos utilizar o que tem sido chamado de poder inteligente, de todas as ferramentas ao nosso dispor – diplomática, econômica, militar, política, legal e cultural – escolhendo a ferramenta certa ou combinação de ferramentas para cada situação. Com o poder inteligente, a diplomacia será a vanguarda da nossa

Por irresolução do Departamento de Estado dos Estados Unidos, ou por uma série de ações incoerentes do presidente, a diplomacia por meio do poder inteligente perdeu forças ao longo do primeiro mandato de Obama, principalmente no que se refere às relações com o Oriente Médio e os objetivos elaborados para o avanço da democracia e direitos humanos.

O discurso de Obama no Cairo<sup>120</sup>, em 2009, foi efetivo até a queda do ditador Hosni Mubarak (1981-2011), e a transição do Egito para um Estado democrático. Com a posse e deposição de Mohamed Morsi (2012-2013), a onda de violência no Egito tornou-se alarmante aos olhos internacionais. Entretanto, para os Estados Unidos representou mais uma oportunidade de controle no Oriente Médio encoberta pelo ideal de promoção da democracia. De acordo com Lima (2013), os Estados Unidos repassam ao Egito 1,5 bilhão de dólares anualmente, dinheiro destinado aos generais do país<sup>121</sup>. Não obstante, segundo Elise Labott (2013) – correspondente de Relações Exteriores para o *site* CNN, os Estados Unidos não consideraram a deposição de Morsi um golpe cívico-militar por parte dos militares<sup>122</sup> e suspenderam apenas parte da ajuda financeira<sup>123</sup> enviada ao Egito.

Nesse caso, a promoção da democracia ou dos direitos humanos foi explicitamente abandonada pelos Estados Unidos ao apoiar um exército agora conhecido internacionalmente por suas barbáries e massacres. Somente no dia 14 de agosto de 2013, 648 pessoas foram mortas pelo exército egípcio em um manifesto nas ruas do Cairo por apoiadores da Irmandade Muçulmana e de Mohamed Morsi<sup>124</sup>. A retórica dos Estados Unidos de apenas reduzir a ajuda financeira ao país, ao invés de suspendê-la é mais uma mancha no governo de Barack Obama, que também pode ser responsabilizado pela série de ataques que ocorreram no Egito.

---

política exterior. Essa não é uma ideia radical. O antigo poeta romano Terence declarou que ‘Em todo esforço, a conduta correta para homens sábios é tentar a persuasão primeiro’.”. (Tradução nossa)

<sup>120</sup> Em seu discurso em 2009, Barack Obama falou, também, sobre parte de sua origem muçulmana, sobre um novo começo entre as relações dos EUA para com os muçulmanos e sobre tolerância e dignidade. Fonte: ESTADÃO. **Veja a íntegra do discurso de Barack Obama no Egito**. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/oriente-medio,veja-integra-do-discurso-de-barack-obama-no-egito,382488>>. Acesso em: 27 maio 2015.

<sup>121</sup> Fonte: LIMA, José Antonio. **Massacre no Egito é humilhação para Obama**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/massacre-no-egito-e-humilhacao-para-obama-5698.html>>. Acesso em: 27 maio 2015

<sup>122</sup> Fonte: VEJA. **EUA suspendem parte da ajuda ao exército egípcio**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/estados-unidos-cortam-parte-de-ajuda-bilionaria-ao-exercito-egipcio/>>. Acesso em: 27 maio 2015.

<sup>123</sup> De acordo com Labott, apenas US\$ 260 milhões e parte do suprimento militar enviado ao Egito foi suspenso pela administração do governo Obama. Fonte: LABOTT, Elise. **U.S. suspends significant military aid to Egypt**. 2013. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2013/10/09/world/meast/us-egypt-aid/>. Acesso em: 13/06/2015

<sup>124</sup> Fonte: A NOVA DEMOCRACIA. **Egito: exército espalha o terror**. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-116/4902-egito-exercito-espalha-o-terror>>. Acesso em: 27 maio 2015.

Outro exemplo da incongruência do governo Obama nas questões internacionais é a posição do país quanto à guerra civil da Síria. Os protestos no Estado começaram em 2011, na cidade de Deera, no sul da Síria, após a morte de jovens contrários ao governo. Todavia, a repressão aos civis imposta pelo atual presidente Bashar al-Assad (2000-atualmente) catalisou as manifestações, e em pouco tempo todo o país possuía grupos de manifestantes pedindo a renúncia de al-Assad.

Já em 2013, mais de cem mil civis haviam sido mortos pelo governo. No mesmo ano, relatos de que o governo usava armas químicas contra a população *rebelde* causou uma movimentação nos ânimos internacionais. A princípio os Estados Unidos, de acordo com Luiz Carlos Bresser-Pereira, “escaldados pelo desastre político (e humano), que foi a Guerra do Iraque, revelaram-se menos entusiasmados” (PEREIRA, 2011) com a ideia de uma intervenção armada. Entretanto, em setembro de 2013, em seu Discurso Semanal, o presidente Barack Obama anunciou que os Estados Unidos interviriam militarmente na Síria,

[...] I announced that, as Commander in Chief, I decided that the United States should take military action against the Syrian regime. [...] I know that the American people are weary after a decade of war, even as the war in Iraq has ended, and the war in Afghanistan is winding down. That’s why we’re not putting our troops in the middle of somebody else’s war. But we are the United States of America. [...] Failing to respond to this outrageous attack would increase the risk that chemical weapons could be used again; that they would fall into the hands of terrorists who might use them against us [...] (OBAMA, 2013).<sup>125</sup>

Stephen Zunes, professor de Política e Análise do Oriente Médio escreveu ao projeto *Foreign Policy in Focus*, em 2012, uma longa análise sobre o quão equivocada seria uma ação militar dos Estados Unidos na Síria. Entre os argumentos expostos pelo autor está toda a história de hostilidades<sup>126</sup> entre ambos os Estados, o que torna a invasão militar dos EUA, para mediar o conflito, inapropriada.

<sup>125</sup> “Eu anunciei que, como Comandante-em-Chefe, eu decidi que os Estados Unidos devem tomar ações militares contra o regime sírio. [...] Eu sei que o povo americano está muito cansado após uma década de guerra, mesmo que a guerra no Iraque tenha terminado, e que a guerra no Afeganistão esteja cessando. É por isso que não colocaremos as tropas americanas no meio da guerra de outrem. Mas nós somos os Estados Unidos da América. [...] Falhar ao responder a esse ataque ultrajante aumentaria o risco de armas químicas serem usadas novamente; de elas caírem nas mãos de terroristas que possam utilizá-las contra nós [...]”. (Tradução nossa)

<sup>126</sup> Zunes cita o apoio estadunidense a Israel na colonização do sudoeste sírio; os ataques dos EUA à uma aldeia fronteiriça no leste sírio em 2008, ocasionando inúmeras mortes de civis; as sanções imposta ao país pelos EUA em 2003, entre outros fatos que marcam uma história de inimizade entre ambos os Estados. (ZUNES, 2012).

De acordo com Zunes, a intervenção dos Estados Unidos seria benéfica ao regime de al-Assad, “which has decades of experience manipulating the Syrian people’s strong sense of nationalism to its benefit” (ZUNES, 2012)<sup>127</sup>. O regime sírio argumentaria que os Estados Unidos é o maior fornecedor de armamento aos regimes ditatoriais e sua luta pela democracia é apenas uma justificativa para depor regimes opositores à influência de Washington na região.

Todavia, não foi preciso a intervenção militar dos Estados Unidos. Um dia antes da votação do Congresso sobre o envio de tropas à Síria, o presidente russo, Vladimir Putin (2012-atualmente) sugeriu uma ação diplomática em que a Síria entregasse seu arsenal de armas químicas a uma comissão das Nações Unidas. Destarte, no mesmo mês foi adotada pelo Conselho de Segurança da ONU, a Resolução 2118. Essa determina que a Organização Para a Proibição de Armas Químicas (OPAQ) supervisionaria a destruição do programa de armas químicas do governo sírio.

De acordo com Oliveira (2014, p. 15), a comunidade internacional mostrou-se resistente à intervenção militar dos Estados Unidos, por reconhecerem os limites do país e por receio de que a Síria acabasse como o Iraque ou o Afeganistão. Desse modo, nesse primeiro momento “[...] A linguagem da força cedeu espaço a uma solução diplomática e pacífica” (OLIVEIRA, 2014, p. 15).

O descrédito internacional às resoluções propostas pelos Estados Unidos pode ser observado na declaração de Putin, em 2013, ao povo estadunidense, para o jornal *The New York Times*,

[...] The potential strike by the United States against Syria, despite strong opposition from many countries and major political and religious leaders, including the pope, will result in more innocent victims and escalation, potentially spreading the conflict far beyond Syria’s borders. A strike would increase violence and unleash a new wave of terrorism. [...] Syria is not witnessing a battle for democracy, but an armed conflict between government and opposition in a multireligious country. (PUTIN, 2013).<sup>128</sup>

<sup>127</sup> “o qual tem décadas de experiência em manipular o forte senso de nacionalismo da população síria em seu benefício”. (Tradução nossa)

<sup>128</sup> “[...] O ataque em potencial dos Estados Unidos contra a Síria, apesar da forte oposição de muitos países e grandes líderes políticos e religiosos, incluindo o Papa, resultará em mais vítimas inocentes e agravamento (da situação), potencialmente espalhando o conflito para além das fronteiras sírias. Um ataque aumentaria a violência e causaria uma nova onda de terrorismo. [...] A Síria não está presenciando uma batalha pela democracia, mas um conflito armado entre o governo e oposição em um país multirreligioso”. (Tradução nossa)

Até os dias atuais o Pentágono não enviou tropas terrestres à Síria, entretanto, de acordo com o jornal *Estadão online* (2015), os Estados Unidos enviaram tropas militares à Turquia, Catar e Arábia Saudita – Estados opositores ao governo de al-Assad – para treinar rebeldes da Síria, contra al-Assad, selecionados por estes Estados<sup>129</sup>.

Outra temática tratada por Obama no Relatório de Estratégia de Segurança Nacional foi a não proliferação de armas nucleares, de acordo com o presidente, “[...] to hold nations like Iran and North Korea accountable for their failure to meet international obligations” (OBAMA, 2010, p. 4).<sup>130</sup> O Relatório também enumera tópicos para conter o alastramento de armas nucleares, a princípio por receio de acabarem de posse de organizações terroristas. No entanto, reitera que,

“[...] As long as any nuclear weapon exist, the United States will sustain a safe, secure and effective nuclear arsenal, both to deter potential adversaries and to assure U.S. allies and other partners that they can count on America’s security commitments” (OBAMA, 2010, p. 23).<sup>131</sup>

A postura quanto a não proliferação desagradou ao Irã, o qual apresentou uma carta à ONU questionando as intenções de Washington quanto à República Islâmica. Mohammad Jazai, representante do país na ONU, argumenta que os Estados Unidos não tem provas de que o Irã possua armas nucleares e, no entanto, o tem como alvo. Esse argumento parte do princípio da Doutrina Obama de não usar o arsenal nuclear somente contra nações não nucleares ou complacentes com o Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP) (OBAMA, 2010, p. 23).

Jazai também alega que, desse modo, os Estados Unidos deixam explícita sua intenção de utilizar seu arsenal nuclear, e que essa conduta deveria ser punida pela ONU, uma vez que viola o TNP<sup>132</sup> – o qual o Irã é um dos signatários. No mesmo ano, o presidente iraniano

<sup>129</sup> Fonte: ESTADÃO CONTEÚDO. **Senadores dos EUA se reúnem com autoridades da Arábia Saudita e do Catar**. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,senadores-dos-eua-se-reunem-com-autoridades-da-arabia-saudita-e-do-catar,1621561>>. Acesso em: 27 maio 2015.

<sup>130</sup> “[...] para assegurar que nações como Irã e Coréia do Norte sejam responsáveis por seu fracasso em cumprir com obrigações internacionais”. (Tradução nossa)

<sup>131</sup> “[...] Enquanto qualquer arma nuclear existir, os Estados Unidos manterá arsenal nuclear salvo, seguro, e efetivo, para deter adversários em potencial e para assegurar aos aliados dos EUA e outros parceiros de segurança, que eles podem contar com os compromissos de segurança da América”. (Tradução nossa)

<sup>132</sup> Fonte: PRESSE, France. **Irã denuncia na ONU "chantagem nuclear" dos Estados Unidos**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u720578.shtml>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

Mahmoud Ahmadinejad (2005-2013) declarou que seu país expandiria seu programa nuclear, independente das sanções impostas pela ONU ao Irã<sup>133</sup> (VISENTINI, 2010, p. 5).

Em 2013, Hassan Rohani (2013-atualmente) ganhou as eleições no Irã, e incorporou suas propostas de “interação construtiva” com a comunidade internacional, a fim de tirar o Irã do isolamento e abolir suas sanções<sup>134</sup>. Destarte, em novembro de 2013, foi feito um acordo entre Irã, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Rússia, China e Alemanha, o qual congela o programa nuclear do Irã por vinte e cinco anos e permite que a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) faça inspeções minuciosas nas instalações militares iranianas para garantir que o país cumpra o acordo. Em troca, as sanções contra o Irã seriam retiradas gradativamente, de acordo com a conduta do país em relação ao acordo.

Atualmente, as partes envolvidas no acordo têm até o dia 30 de junho de 2015 para apresentar um texto definitivo sobre o compromisso de ambas as partes. Todavia, é imprescindível ressaltar que jamais foi provado que o programa nuclear iraniano não fosse inteiramente voltado para fins pacíficos.

O historiador estadunidense Gareth Porter, especialista em conflitos no Oriente Médio e Sudeste Asiático, argumenta que o relatório da AIEA em 2008 mostrou uma documentação detalhada fornecida pelo Irã, a qual sanava todas as questões da Agência quanto ao programa nuclear iraniano, assim, a AIEA certificou-se que as investigações sobre o programa estavam resolvidas. Todavia, Porter também argumenta que a pressão dos Estados Unidos sobre Mohamed ElBaradei, diretor-geral da AIEA, fez com que esse relatório não fosse concluído, seguindo com mais investigações ao Irã (PORTER, 2014, s.p.).

Devido à posição geopolítica do Irã – fronteiro com três países que possuem armamento nuclear, quais sejam, Índia, Paquistão e Israel –, a posse de arsenal nuclear traria um equilíbrio geoestratégico para o Oriente Médio, principalmente em relação a Israel, hegemônico militarmente na região. Ainda, no presente século, controlar o ciclo nuclear pode garantir que um Estado destaque-se no cenário internacional, assim, o apoio de países ao Irã, como o Brasil, é justificado pela atual conjuntura internacional, na qual *coincidentemente*

---

<sup>133</sup> De acordo com Visentini (2010, p. 5) “a resolução 1737 do Conselho de Segurança da ONU de 2006 impôs sanções ao Irã, barrando toda e qualquer assistência externa ao seu programa nuclear, as resoluções 1747 em 2007 e 1803 em 2008 estenderam sanções a entidades econômicas e congelaram a cooperação financeira internacional com o país”.

<sup>134</sup> Fonte: AGÊNCIA EFE. **Reformista, Rohani surpreende e vence eleições no Irã**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/reformista-rohani-surpreende-e-vence-eleicoes-presidenciais-no-ira>>. Acesso em: 01 maio 2015

todos os Estados com poder de veto no Conselho de Segurança da ONU fazem parte do chamado “clube nuclear” (GERMER et al, 2010, p. 8; VISENTINI, 2010, p. 7).

## 4.2 O cinema na Era de Barack Obama

O cinema na Era de Barack Obama tem a maior projeção da história estadunidense. Essa expansão foi edificada em parceria com o governo ao longo dos anos.

De acordo com Govil (2007, p. 127) pôde-se verificar a intenção dos Estados Unidos em dominar o cinema mundial desde 1994, quando a *Motion Picture Exports Association of America* removeu a palavra “America” – bem como “exports” – de seu nome para tornar-se “*Motion Picture Association*”. O autor reitera que, “[...] a justificativa para a cruzada de Hollywood no século XXI baseou-se em uma mistura de prestidigitação, retórica belicosa e necessidade de uma irreduzível procura por alvos a conquistar” (GOVIL, 2007, p. 124).

Os alvos de Hollywood atualmente são conquistados com a grande audiência dos chamados *blockbusters*. O termo foi originado em 1940 pela mídia estadunidense para descrever bombas aéreas capazes de devastar todo um quarteirão. Rapidamente o termo começou a ser utilizado por indústrias de entretenimento para se referir a uma produção de sucesso, a qual poderia devastar seus concorrentes<sup>135</sup>.

O alcance de um *blockbuster* comparado a outros filmes é colossal. Em 2014 foi publicada pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE) uma tabela de “Filmes Exibidos por País de Origem”. A tabela mostra que os Estados Unidos lançaram 244 títulos no Brasil e alcançaram um público de mais de 127 milhões de pessoas, o que totalizou uma renda bruta de R\$1.624.008.231,58. Já o próprio Brasil lançou 180 filmes, atingiu um público de pouco mais de 19 milhões de pessoas, totalizando uma renda bruta de R\$221.867.124,81 – mais de um bilhão e quatrocentos mil Reais a menos que os Estados Unidos<sup>136</sup>. Como pode ser observado na Tabela 1.

<sup>135</sup> Fonte: FINSLAB.COM. **Blockbuster**. Disponível em: <<http://finslab.com/enciclopedia/letra-b/blockbuster.php>>. Acesso em: 31 maio 2015.

<sup>136</sup> Fonte: Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual. **Filmes Exibidos por País de Origem**. Disponível em: <[http://oca.ancine.gov.br/filmes\\_bilheterias.htm](http://oca.ancine.gov.br/filmes_bilheterias.htm)>. Acesso em: 31 maio 2015.

Tabela 1 – Filmes exibidos no Brasil por país de origem - 2014

<b>País de Produção</b>	<b>Títulos</b>	<b>%</b>	<b>Público</b>	<b>%</b>	<b>Renda Bruta</b>	<b>%</b>
<b>EUA</b>	244	36,6%	127.909.078	82,2%	1.624.008.231,58	83,0%
<b>Brasil</b>	180	27,0%	19.059.156	12,3%	221.867.124,81	11,3%

Fonte: Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual – OCA.

O governo dos Estados Unidos, ciente deste alcance faz o que pode para proteger as *majors*. De acordo com Wasko (2007, p. 39) “[...] as organizações trabalham em colaboração com o Departamento de Estado e o Escritório do U.S. Trade Representative para monitorar barreiras comerciais e etc.”. Ainda, também protegem as *majors* nas negociações em organizações mundiais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC).

Essa proteção justifica-se não só pela força que uma produção cinematográfica possui – levando-se em conta seus patrocinadores, *merchandise*, e produtos feitos a partir de filmes, como roupas, acessórios, brinquedos, etc. – mas pela magnitude da difusão de seus diálogos e recursos audiovisuais se comparados às ações do governo.

Um exemplo da propagação da política externa em um *blockbuster* em relação à propagação da política externa em uma ação do presidente – como, ao proferir um discurso – é a diferença do alcance de espectador entre os mesmos.

De acordo com o Sean Sullivan, para o jornal *Washington Post*, o Discurso para a União de Barack Obama, em 2014, contou com apenas 33 milhões de espectadores na televisão<sup>137</sup>. O mesmo discurso está no canal da Casa Branca no *site* Youtube e conta com 528 mil visualizadores. Parte dos tópicos abordados pelo presidente é a retirada gradual das tropas do Afeganistão; a completa evasão de soldados do Iraque; e, a não imposição de novas sanções ao Irã. Segundo Obama,

For the sake of our national security, we must give diplomacy a chance to succeed. [...] if Iran’s leaders do seize the chance, then Iran could take an important step to rejoin the community of nations, and we will have resolved one of the leading security challenges of our time without the risks of war (OBAMA, 2014).<sup>138</sup>

<sup>137</sup> Fonte: SULLIVAN, Sean. **Obama’s State of the Union attracts 33.3 million viewers, fewest since 2000**. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/blogs/post-politics/wp/2014/01/29/obamas-state-of-the-union-attracts-33-3-million-viewers-fewest-since-2000/>>. Acesso em: 31 jun. 2015.

<sup>138</sup> “Para o bem da nossa segurança nacional, precisamos dar à diplomacia uma chance para suceder. [...] se os líderes iranianos aproveitarem essa chance, então o Iran poderá dar um passo importante para reintegrar a

A defesa do Irã foi abordada no filme *White House Down*<sup>139</sup> (no Brasil, “O Ataque”), no qual o presidente James Sawyer (Jamie Foxx) está negociando um tratado de paz com o Oriente Médio, mas é surpreendido por um grupo de paramilitares contrários ao tratado. Estes são impedidos por John Cale (Channing Tatum) – policial de Washington – de matar o presidente e atacar cidades no Oriente Médio.

O discurso de Obama e o enredo do filme compartilham o foco na paz no Oriente Médio, entretanto, o segundo arrecadou mundialmente mais de duzentos milhões de Dólares em bilheteria<sup>140</sup>, o que claramente mostra a dimensão a qual o roteiro (consequentemente a ideia principal do roteiro) atingiu internacionalmente.

Outro filme o qual difunde elementos da política externa de Barack Obama é “Os Vingadores”, produzido pela Marvel Studio, em 2012. Tratando-se de criar personagens característicos aos governos vigentes a Marvel Studio certamente se destaca. De acordo com Itzkoff, do jornal nova-iorquino *New York Times*,

Marvel, which has produced comics in various forms since 1939, is a company that teems with talent while it is confined by its traditions and is enjoying a hard-fought moment in the spotlight while it grapples with larger difficulties afflicting the publishing world<sup>141</sup> (ITZKOFF, 2011, [s.p.]).<sup>142</sup>

A produtora começou sua trajetória cinematográfica em 1944, com o filme “Capitão América”<sup>143</sup>, baseado em seus quadrinhos, o qual, no contexto Segunda Guerra Mundial também foi um grande elemento de *soft power*. A tradição mencionada por Itzkoff também

comunidade das nações, e nós teremos resolvido um dos maiores desafios de segurança do nosso tempo, sem risco de guerra. (Tradução nossa)

<sup>139</sup> WHITE HOUSE DOWN (O ATAQUE). Direção de Roland Emmerich. Produção de Roland Emmerich, Bradley J. Fischer, Harald Kloser, James Vanderbilt, Larry Franco, Laeta Kalogridis. Intérpretes: Channing Tatum, Jamie Foxx, Maggie Gyllenhaal, Jason Clarke, Richard Jenkins, James Woods. Roteiro: James Vanderbilt. Música: Harald Kloser, Thomas Wanker. Los Angeles: Centropolis Entertainment, Mythology Entertainment, Columbia Pictures, 2013. (131 min.), son., color.

<sup>140</sup> Fonte: THE NUMBERS. **White House Down**. Disponível em: <<http://www.the-numbers.com/movie/White-House-Down#tab=summary>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

<sup>141</sup> Marvel, a qual tem produzido histórias em quadrinhos em várias formas desde 1939, é uma companhia que esbanja talento enquanto está confinada por suas tradições e está desfrutando de um árduo momento nos holofotes enquanto luta contra grandes dificuldades afligindo o mundo das publicações.

<sup>142</sup> ITZKOFF, Dave. Modern Marvel. **The New York Times**. Nova Iorque, [s.p.]. mar. 2011. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2011/03/27/movies/marvel-faces-a-mighty-foe-publishing-world-uncertainties.html?pagewanted=all&module=Search&mabReward=relbias:r,\[\"RI:6\", \"RI:14\"\]&\\_r=0](http://www.nytimes.com/2011/03/27/movies/marvel-faces-a-mighty-foe-publishing-world-uncertainties.html?pagewanted=all&module=Search&mabReward=relbias:r,[\)>. Acesso em: 15 jun. 2014.

<sup>143</sup> CAPITÃO AMÉRICA (CAPTAIN AMERICA). Direção: Elmer Clifton, John English. Produção: William J. O'sullivan. Realização de Republic Pictures. Intérpretes: Dick Purcell, Lorna Gray, Lionel Atwill, Charles Trowbridge, Russell Hicks, George J. Lewis, John Davidson, e Outros. Roteiro: Jack Kirby, Joe Simon, Royal Cole, Harry Fraser, Joseph Poland, Ronald Davidson, Basil Dickey, Jesse Duffy, Grant Nelson. Música: Mort Glickman. Hollywood: Republic Pictures, 1944. (243 min.), son., color.

tange à personalidade dos heróis da Marvel, sempre defendendo seu país independente de qualquer motivação pessoal contrária aos seus atos em prol da sociedade.

De acordo com o site Adoro Cinema, o filme quebrou recordes como a maior arrecadação de estreia, com US\$207,4 milhões já no primeiro final de semana de exibição mundial<sup>144</sup>, e alcançou a terceira maior bilheteria mundial da história do cinema, como pode ser observado na Tabela 2<sup>145</sup>.

Tabela 2 – As cinco maiores bilheterias da história mundial do cinema

<b>Filme</b>	<b>Frozen – Uma Aventura Congelante</b>	<b>Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte 2</b>	<b>Os Vingadores</b>	<b>Titanic</b>	<b>Avatar</b>
<b>Bilheteria nos EUA</b>	US\$400,7 milhões	US\$381 milhões	US\$623,3 milhões	US\$658,6 milhões	US\$760,5 bilhões
<b>Bilheteria nos demais países</b>	US\$873 milhões	US\$947,1 milhões	US\$888,4 milhões	US\$1,52 bilhão	US\$2,02 bilhões
<b>Total</b>	US\$1,270 bilhão	US\$1,320 bilhão	US\$1,510 bilhão	US\$2,180 bilhões	US\$2,780 bilhões

Fonte: As maiores bilheterias da história do cinema - Francisco Russo; Renato Hermsdorff.

O enredo da obra segue a receita do *American way of life* disseminado após a Segunda Guerra: uma ameaça à Terra e o destino do mundo recai às mãos dos Estados Unidos.

Os personagens principais aparecem gradativamente. Uma das primeiras cenas mostra a S.H.I.E.L.D. sendo atacada pelo vilão Loki<sup>146</sup> (Tom Hiddleston), o qual busca pelo *Tesseract*. Este foi introduzido no universo dos Vingadores no filme Capitão América, e era utilizado por nazistas para construir armas de destruição em massa, por ser uma fonte

<sup>144</sup> ADORO CINEMA. **Bilheterias Estados Unidos: Confirma os números impressionantes de Os Vingadores.** Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-100419/>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

<sup>145</sup> Fonte: FRANCISCO RUSSO; RENATO HERMSDORFF (S.l.). Adoro Cinema. **As maiores bilheterias na história do cinema.** 2014. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-108698/?page=17>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

<sup>146</sup> Loki é irmão do personagem Thor. Ambos são parte da mitologia nórdica e filhos do deus supremo da mitologia nórdica, Odín. Loki é o deus da trapaça e da travessura, e pode transformar-se em quem desejar.

ilimitada de energia autossustentável. O *Tesseract* caiu no oceano e foi reencontrado pela S.H.I.E.L.D. que o utilizava para experiências científicas.

Loki consegue pegar o *Tesseract* ao utilizar seu cetro para dominar agentes da Superintendência, o cientista Selvig (Stellan Skarsgard), e Clint Barton (Jeremy Renner) – o Vingador, Gavião-Arqueiro. Nessa sequência é importante perceber que o discurso de Loki é uma afronta aos valores estadunidenses. Quando indagado por Nick Fury (Samuel L. Jackson), diretor da S.H.I.E.L.D. se o deus planejava esmagar a Terra, Loki responde que vinha de um mundo *livre da liberdade* – a qual é a maior mentira do mundo. Já nessa cena o espectador entende que Loki pretende subordinar a Terra.

A escolha da palavra *liberdade* não é aleatória. O exercício da liberdade é garantido na famigerada “Primeira Emenda”<sup>147</sup> da Constituição norte-americana, além de ser parte dos discursos de Washington como justificativa para intervir na política de países não democráticos.

Na sequência, a personagem Natasha Romanoff (Scarlett Johansson), a Viúva-Negra, é introduzida na história. De acordo com o *site* oficial da Marvel, Natasha foi treinada pela inteligência soviética, antes de tornar-se agente nos Estados Unidos. A lealdade da agente por seu novo país é refletida já em sua primeira cena, quando Natasha interroga um General russo, Georgi Luchov. No meio do interrogatório a agente recebe uma ligação de um dos agentes da S.H.I.E.L.D., Phil Coulson (Clark Gregg), e é designada a levar o Dr. Banner (Mark Ruffalo) de volta à Superintendência.

A mudança da caracterização cinematográfica dos russos – de inimigos que ameaçam os Estados Unidos e seus aliados, para um aliado em potencial –, faz parte dos filmes da Era de Obama, e de sua Doutrina. Segundo o presidente, “We will continue to deepen our cooperation with other 21<sup>st</sup> century centers of influence – including China, India and Russia – on the basis of mutual interest and mutual respect” (OBAMA, 2010, p. 23).<sup>148</sup>

---

<sup>147</sup> “O Congresso não legislará no sentido de estabelecer uma religião, ou proibindo o livre exercício dos cultos; ou cerceando a liberdade de palavra, ou de imprensa, ou o direito do povo de se reunir pacificamente, e de dirigir ao Governo petições para a reparação de seus agravos”. (CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, Emenda I) Fonte: BIBLIOTECA VIRTUAL DE DIREITOS HUMANOS. **Constituição dos Estados Unidos da América - 1787**. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-à-criação-da-Sociedade-das-Nações-até-1919/constituicao-dos-estados-unidos-da-america-1787.html>>. Acesso em: 01 maio 2015.

<sup>148</sup> “Nós continuaremos a aprofundar nossa cooperação com outros centros de influência do século XXI – incluindo China, Índia e Rússia – fundamentado no interesse mútuo e no respeito mútuo”. (Tradução nossa)

Joseph Nye (2004, p. 74) argumenta que os filmes e músicas estadunidenses entraram na Rússia com grande profundidade, entretanto, o contrário não aconteceu. Aproveitando-se da estratégia de Obama de aprofundar suas relações com a Rússia, exibir em um *blockbuster* a parceria entre dois países pode ajudar Obama a conquistar a população russa – a qual rendeu 17.9 milhões de dólares para a bilheteria d’Os Vingadores em sua estreia no país<sup>149</sup>.

Seguinte à aparição da Viúva Negra, o personagem Dr. Banner, Hulk, aparece cuidando de enfermos na Índia – outro país o qual Obama visou aprofundar sua parceria. O diálogo entre os dois faz com que o cientista fique surpreso por saberem de sua localização. A Viúva Negra replica que eles o têm espionado para seu próprio bem, mantendo pessoas que queriam o mal de Banner longe. Se a população estadunidense (e mundial) estava irritada com as atitudes do governo de espioná-los, retratar no filme que isso pode ser em ordem de proteger alguém, pode fomentar argumentos de quem é a favor do Ato Patriota, por exemplo.

Na sequência Nick Fury aparece em reunião com o Conselho de Segurança Mundial. Na cena, o fato de a segurança mundial estar inteiramente nas mãos dos Estados Unidos fica evidente quando um dos cônsules questiona Fury sobre deixar o destino da Terra às mãos d’Os Vingadores. Outra fala de um dos cônsules chama a atenção por salientar que uma guerra não é vencida por sentimentos. Assim, pode-se constatar que os EUA consideram que os atos de desrespeito aos direitos humanos em uma guerra são inevitáveis.

Na mesma cena, o fortalecimento da cooperação com as Nações Unidas pode ser observado. De acordo com a Doutrina Obama, “We are intensifying efforts with partners on and outside the U.N. Security Council to ensure timely, robust and credible Council action to address threats to peace and security” (OBAMA, 2010, p. 46).<sup>150</sup> Ainda, de acordo com Nye (2008, p. 77), líderes precisam saber administrar seu círculo de conselheiros para manter um nível efetivo de informação e influência. Entretanto, isso não significa necessariamente seguir todos os conselhos desse círculo. Apenas ouvi-los pode manter certo nível de influência.

O próximo Vingador mostrado no filme é o Capitão América (Chris Evans), o qual ainda sofre com as lembranças da Segunda Guerra Mundial e com o impacto de ter acordado “no futuro”. Em seguida há uma longa sequência de cenas protagonizada por Tony Stark e,

<sup>149</sup> Fonte: SEGERS, Frank. **Foreign Box Office: 'The Avengers' Dominates Overseas, Grossing More Than \$440 Million In 12 Days.** Disponível em: <<http://www.hollywoodreporter.com/news/foreign-box-office-avengers-american-pie-reunion-five-year-engagement-320755>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

<sup>150</sup> “Nós estamos intensificando nossos esforços com parceiros dentro e fora do Conselho de Segurança das Nações Unidas para assegurar uma ação oportuna, robusta e creditável para abordar as ameaças contra a paz e segurança . (Tradução nossa)

Pepper Potts (sua namorada e presidente de sua companhia, interpretada por Gwyneth Paltrow), mostrando o projeto de reforma da Torre Stark. A sequência é interrompida pela chegada do agente Phil Coulson convocando Tony para fazer parte da Iniciativa Vingadores<sup>151</sup>.

A liderança d'Os Vingadores é dividida entre o Capitão América e o Homem de Ferro. Enquanto o primeiro representa a liderança justa que zela pela proteção dos civis, e, até mesmo, mostra-se um cristão convicto; o segundo, como abordado no capítulo anterior, retrata o poder militar dos Estados Unidos e a liderança que não aceita questionamentos.

O filme prossegue com os heróis chegando à base da S.H.I.E.L.D. Inúmeros aparatos tecnológicos e militares são explorados. De acordo com Nye, os poderes duro e brando podem ser explorados através do recurso cibernético. Isso pode ocorrer de três formas, quais sejam, 1) utilizando o poder duro para atacar, ou ordenar o ataque, no campo virtual (esse ataque também pode levar à destruição física), ou, mudando a preferência de *hackers* e recrutando membros de organizações terroristas; 2) eliminando estratégias de um outro ator através do poder duro – pressionando a exclusão de ideias – ou através do poder brando – monitorando ISP's e *sites* de busca; 3) moldando preferências ao utilizar o poder duro para punir irregularidades, ou, ao disseminar informações para criar preferências (estimulação do nacionalismo) e normas de repulsa (NYE, 2011, P. 171). No filme a alta tecnologia apreciada por Nye e Obama retrata tanto o poder duro, ao ser utilizada para comandar ataques militares contra Loki e seus aliados; quanto o poder brando, ao ser utilizada para descobrir onde estava Loki, prendê-lo, e dar informações sobre o *Tesseract*.

Prosseguindo com o enredo de Os Vingadores, a próxima sequência de cenas relevante para a política externa estadunidense é a aparição pública de Loki em uma festa no Museu *Stuttgard*, na Alemanha. Loki retira o olho do cientista chefe do local para abrir um gabinete que contém irídio, necessário para estabilizar o *Tesseract*. Na sequência, já fora do museu, obriga os convidados da festa a se ajoelharem perante ele,

**LOKI:** Is not this simpler? Is this not your natural state? It's the unspoken truth of humanity, that you crave subjugation. The bright lure of freedom diminishes your life's joy in a mad scramble for power, for identity. You were made to be ruled. In the end, you will always kneel. As the words resonate to the kneeling crowd (um velho alemão recusa-se a ajoelhar).

---

<sup>151</sup> No filme Iron Man 2, Tony Stark é proibido de se tornar um Vingador, entretanto a S.H.I.E.L.D. pede que ele seja um dos conselheiros da Iniciativa Vingadores, o que, obviamente, o herói recusa.

**ELDER GERMAN MAN:** Not to men like you.

**LOKI:** There are no men like me.

**ELDER GERMAN MAN:** There are always men like you.

**LOKI:** Look to your elder, people. Let him be an example (Loki tenta executar o velho, entretanto ele é protegido pelo escudo do Capitão América).

**CAPTAIN AMERICA:** You know, the last time I was in Germany and saw a man standing above everybody else, we ended up disagreeing (THE AVENGERS, 2012, grifo do autor).<sup>152</sup>

Essa cena é claramente uma alusão ao discurso estadunidense de oposição aos regimes ditatoriais. Como visto anteriormente, mesmo almejando o engajamento com regimes não democráticos, no caso da rejeição à abertura de diálogo com os EUA, incentivos ou desincentivos serão adotados contra a repressão (OBAMA, 2010, p. 38). Essa é mais uma prioridade para difundir a democracia estadunidense. Segundo Nye (2008, p. 120), radicais islamitas retratam a democracia liberal representada pela corrupção, sexo e violência – posição que pode ser reforçada por filmes e pela televisão estadunidense. Retratar a democracia como defensora de um povo oprimido pela ditadura é uma forma de poder brando ao mudar a ideia de um espectador islâmico sobre o conceito estadunidense de “democracia liberal”.

É imprescindível ressaltar que na referida cena, o Capitão América não consegue capturar Loki sozinho, sendo necessária a intervenção dos poderes do Homem de Ferro.

Depois de os heróis capturarem Loki é a vez do último Vingador aparecer no filme. Thor (Chris Hemsworth), o deus nórdico do trovão, aparece para recapturar seu irmão e levá-lo para Asgard. Quando o Capitão América levanta-se para impedir que Thor leve Loki, a agente Romanoff pede para que ele tome cuidado, pois tanto Thor como Loki são deuses. A aspiração cristã do Capitão América fica evidente quando ele retruca que há apenas um Deus.

Obama escreveu em seu Relatório que a polarização de raças e religiões precisa ser galvanizada pelo senso de interesse comum (OBAMA, 2010, p. 13). Nesse ponto o filme é enfático quando Os Vingadores, mesmo representando mundos (consequentemente credos) diferentes trabalham em conjunto pelo bem da Terra.

---

<sup>152</sup> “**LOKI:** Não é tão simples? Não é o estado natural de vocês? É a verdade não dita da humanidade, que vocês desejam subjugação. A brilhante atração da felicidade diminui sua alegria pela vida em uma louca disputa por poder, por identidade. Vocês foram feitos para ser mandados. No final, vocês sempre se ajelham. (um velho alemão recusa-se a ajoelhar). **VELHO ALEMÃO:** Não para homens como você. **LOKI:** Não há homens como eu. **VELHO ALEMÃO:** Há sempre homens como você. **LOKI:** Olhem para o seu idoso. Deixem que ele seja um exemplo. (Loki tenta executar o velho, entretanto ele é protegido pelo escudo do Capitão América). **CAPTÃO AMÉRICA:** Você sabe a última vez que estive na Alemanha e vi um homem levantando-se sobre todos os outros, nós acabamos discordando”. (Tradução nossa)

Ainda, segundo Nye (2004, p. 56), ao propagar o poder brando pela admiração de valores, não é necessário fazer com que outros queiram imitar todos os modos os quais os Estados Unidos os implementam. Ou seja, somente o respeito e admiração pelos valores estadunidenses bastam para a efetividade da propagação da política externa por meio do poder brando, não é preciso obrigar outras nações a adotar os valores da nação estadunidense.

O filme segue com os Vingadores reunidos na base da S.H.I.E.L.D., além de falar sobre o *Tesseract* os heróis acabam por descobrir que os Estados Unidos utilizam sua energia para também fabricar armas de destruição em massa. Nick Fury argumenta que as armas foram necessárias após a invasão de *Asgard* à Terra<sup>153</sup>. Ainda, Nick Fury completa seu argumento dizendo que o mundo está repleto de pessoas que não podem ser controladas, o que justificaria a fabricação dessas armas. Como abordado anteriormente, Barack Obama certificou sua nação de que enquanto o mundo possuísse armas de destruição em massa os Estados Unidos não despojará de seu arsenal.

De acordo com Nye (2004, p. 61), para manter certo grau de ordem internacional, os Estados Unidos precisam influenciar governos e organizações quanto a vários problemas, um deles, a proliferação de armas de destruição de massa. Não obstante, quando o filme mostra que a Terra está ameaçada por inimigos que possuem esse tipo de armamento (e para combater seus inimigos é necessário que os Estados Unidos também tenham seu arsenal) está influenciando o espectador a acreditar que o arsenal de armas de destruição de massa dos Estados Unidos tem a finalidade de proteger a todos contra inimigos em potencial. O mesmo discurso utilizado pelo país ao exigir que o Irã disponha de seu projeto nuclear.

O filme segue com a invasão dos aliados de Loki à base da S.H.I.E.L.D. Com o conflito Banner torna-se Hulk e depois de um embate com Thor, cai em cima de um jato da S.H.I.E.L.D., o qual explode, arremessando-o para a Terra. Ao mesmo tempo, em outro conflito o agente Coulson é morto por Loki – o qual foge depois de atirar Thor pra fora da base, dentro da escotilha onde Loki estava preso.

Natasha consegue com que Barton, ainda aliado de Loki, recupere sua consciência e volte para o lado d’Os Vingadores. Enquanto isso, Tony Stark descobre que Loki utilizará a Torre Stark para ativar o *Tesseract* perante toda Nova Iorque.

Na sequência outro diálogo fomenta elementos da política externa de Obama. Tony chega à sua torre e encontra Loki. Ambos conversam sobre a ameaça que um representa para o outro,

---

<sup>153</sup> Essa invasão é retratada no filme Thor, de 2011.

**LOKI:** Please tell me you're going to appeal to my humanity.

**TONY:** Uh...actually, I'm planning to threaten you.

**LOKI:** You should have left your armor on for that.

[...] **LOKI:** The CHITAUURI are coming, nothing will change that. What have I to fear?

**TONY:** The Avengers. It's what we call ourselves, sort of like a team. 'EARTH'S MIGHTIEST HEROES' type of thing.

**LOKI:** Yes, I've met them.

**TONY:** Yeah, takes us a while to get any attraction, I'll give you that one.

**TONY:** But, let's do a head count here. Your brother, the demi-God; a super soldier, a living legend who kind of lives up to the legend; a man with breath-taking anger management issues; a couple of master assassins, and you, big fella, you've managed to piss off every single one of them.

**LOKI:** That was the plan.

**TONY:** Not a great plan. When they come, and they will, they'll come for you.

**LOKI:** I have an army.

**TONY:** We have a HULK.

**LOKI:** I thought the beast had wandered off.

**TONY:** You're missing the point. **There's no throne, there is no version of this, where you come out on top. Maybe your army comes and maybe it's too much for us, but it's all on you. Because if we can't protect the Earth, you can be damned well sure we'll avenge it** (THE AVENGERS, 2012, grifo nosso).<sup>154</sup>

O discurso de Tony Stark é extremamente bem colocado quando comparado à posição dos Estados Unidos em conflitos internacionais. A maior vingança dos Estados Unidos contra a al-Qaeda foi a captura e morte de Osama Bin Laden em 2011. Esse trunfo não desmantelou a organização terrorista e não foi o suficiente para cessar a histeria da população estadunidense quanto à segurança<sup>155</sup>, mas pôde diminuir o apoio internacional à organização al-Qaeda<sup>156</sup>.

<sup>154</sup> “**LOKI:** Por favor me fala que você não vai apelar para a minha humanidade. **TONY:** Uh... Na verdade eu estava planejando te ameaçar. **LOKI:** Você deveria ter continuado com a sua armadura para isso. [...] **LOKI:** Os Chitauri estão vindo, nada vai mudar isso. O que eu tenho a temer? **TONY:** Os Vinagdores. É como nos chamamos, uma espécie de equipe. ‘OS HERÓIS MAIS PODEROSOS DA TERRA’ tipo de coisa. **LOKI:** Sim. Eu os conheci. **TONY:** É, nos leva um tempo para ter alguma tração, eu te garanto essa. **TONY:** Mas, vamos fazer uma contagem aqui. Seu irmão, o semi-Deus; um super soldado, uma lenda viva que vive pela lenda; um homem com problemas de controle de raiva de tirar o fôlego; dois monstros assassinos, e você, amigão, você deu um jeito de irritar cada um deles. **LOKI:** Esse era o plano. **TONY:** Não uma grande plano. Quando eles vierem, e eles virão eles virão para você. **LOKI:** Eu tenho um exército. **TONY:** Nós temos um HULK. **LOKI:** Eu achei que a besta havia pulado fora. **TONY:** Você está perdendo o ponto. Não há trono, não há nenhuma versão disso onde você termina no topo. Talvez seu exército e talvez seja muito para nós, mas o peso está sobre você. Porque se nós não podemos proteger a Terra, você pode ter certeza que nós a vingaremos”. (Tradução nossa)

<sup>155</sup> Esse fato pode ser observado em uma pesquisa conduzida por professores da Universidade do Estado de Ohio um mês após a morte de Osama, “After Bin Laden's death, more Americans agreed that Muslims living in the United States ‘increased the likelihood of terrorist attack’ (27 vs. 34%) and ‘make America a more dangerous place to live’ (17% vs. 25%)”. (NISBET et al, 2011, p. 3).

<sup>156</sup> Uma pesquisa conduzida pelo *Pew Research Center*, no Egito, Jordânia, Paquistão, Líbano e Turquia reporta que um ano após a morte de Bin Laden a maioria da população muçulmana de tais Estados tem uma visão negativa da al-Qaeda. Entretanto, o centro de pesquisas reitera que isso não quer dizer que a aprovação da população muçulmana aos Estados Unidos tenha aumentado. Fonte: FOX, Lauren. **After bin Laden's Death, al Qaeda's Popularity Wanes**. Disponível em: <<http://www.usnews.com/news/blogs/washington-whispers/2012/04/30/after-bin-ladens-death-al-qaedas-popularity-wanes>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

Não obstante, após a morte de Bin Laden, Obama discursou à população estadunidense sobre os atentados ocorridos em 11 de setembro. No final de seu discurso sobre justiça e sobre a luta contra a al-Qaeda, o presidente reiterou que a morte de Bin Laden foi um lembrete à população de que o país pode fazer o que quer, não pelo poder o qual possuem, mas por serem uma nação sob Deus, indivisível e com liberdade e justiça para todos<sup>157</sup>.

Como visto anteriormente, Nye (2004, p. 22) alega que o terrorismo depende do suporte da massa tanto quanto da habilidade de destruir a capacidade do inimigo de lutar. Ao matar Osama Bin Laden, Obama reduziu o potencial da agenda de seu inimigo de atrair mais aliados à causa da al-Qaeda.

Destarte, após o diálogo de Loki com Tony Stark o filme encaminha-se para o fim. Obviamente Os Vingadores conseguem, após muita luta e destruição da cidade de Nova Iorque, conter os *Chitauri* e fechar o portal por onde eles entravam. Bem como, trazer o cientista Selvig à consciência. A S.H.I.E.L.D. permite que Thor leve Loki como prisioneiro, de volta ao seu mundo, *Asgard*.

Essa atitude pode ser considerada uma alusão à disposição dos prisioneiros de Guantánamo. Em obras cinematográficas de décadas anteriores, provavelmente a Inteligência estadunidense decidiria por matá-lo ou mantê-lo preso na Terra. Entretanto, com a propagação dos direitos humanos e a campanha de Obama para que a prisão seja fechada e os prisioneiros sejam, primordialmente, enviados ao seu país de origem, deixar que Loki seja julgado em seu próprio *mundo* também pode ser considerado uma forma de propagar a política externa de Obama. Para Nye (2004, p. 60) a manutenção de Guantánamo “[...] remains to be seen how lasting such damage will be to America's ability to obtain the outcomes it wants from other countries. At a minimum, it tends to make our preaching on human rights policies appear hypocritical to some people.”<sup>158</sup>

Por fim, nas últimas cenas do filme também há uma sequência a qual mostra notícias sobre Os Vingadores em vários computadores da S.H.I.E.L.D. Tais notícias mostram etnias do mundo inteiro agradecendo aos heróis dos Estados Unidos. Mais uma alusão ao posto de líder militar mundial dos Estados Unidos.

<sup>157</sup> Esse trecho do discurso de Obama é uma apologia à “Promessa de Fidelidade” escrita em 1982 por Frances Bellamy. Atualmente, em situações que envolvam patriotismo ou em escolas e universidades, os cidadãos estadunidenses recitam a Promessa. Fonte: US History. **The Pledge of Allegiance**. Disponível em: <<http://www.ushistory.org/documents/pledge.htm>>. Acesso em: 02 maio 2015.

<sup>158</sup> “Continua a ser visto como o quão durador tais danos serão para a habilidade da América obter os resultados que quer de outros países. No mínimo tende a fazer nossa pregação sobre as políticas dos direitos humanos parecerem hipócritas para algumas pessoas”. (Tradução nossa)



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da hipótese de que o filme *Os Vingadores*, de 2012, pode se caracterizar como um *blockbuster* e instrumento de poder brando para subsidiar elementos da política externa de Barack Obama, cabe trazer as seguintes considerações pautadas pelos elementos analisados no transcorrer desse trabalho.

Como abordado no primeiro capítulo, o conceito de poder brando surgiu na retórica de Joseph Nye de que a hegemonia mundial dos Estados Unidos não estava fadada ao fracasso com o final da Guerra Fria. O autor também argumenta que enquanto o país se beneficiasse de todas as formas de poder existentes, não declinaria.

Destarte, o poder brando ter sido conceituado pelo autor como o poder da cooptação. No capítulo 2 foram analisados os desdobramentos do poder brando, e constatado que ele pode ser propagado de inúmeras formas e por qualquer ator internacional. Ainda, o poder brando é utilizado para atingir um Estado ou outro ator internacional por meio da promoção de valores e ideais. Nesse caso, ações de agentes da política externa de um país, como ONG's internacionais ou o próprio presidente são cruciais. Deve-se ressaltar que a liderança de um presidente, quando contraproducente ou abusiva, é prejudicial à imagem de seu país e à propagação do poder brando. Esse caso pôde ser observado durante a gestão de George Bush (2001-2009). A Guerra ao Terror, no Oriente Médio, imposta pelo presidente, fez com que os Estados Unidos perdessem a posição de maior influente mundial<sup>159</sup>, bem como, parte de seus aliados.

O poder brando também é amplamente utilizado para atrair seguidores por meio da cultura de um Estado, com a exportação de filmes, marcas, músicas, séries entre outros; ou da promoção de intercâmbio cultural, onde civis de outros países estudam nos Estados Unidos e, por conseguinte, acabam adotando aspectos culturais estadunidenses para si e os disseminando em seu país de origem. Quanto à propagação da cultura, foi observado que, por

---

<sup>159</sup> Pecequillo (2011, p. 444) fala sobre parte dos fracassos estadunidenses durante o governo Bush, tal como a retórica internacional antiamericanista devido à ameaça de uma intervenção estadunidense, por consequência o início de uma corrida armamentista para que esses países – Irã e Coréia, por exemplo, – se defendam. Outro ponto é a exclusão dos Estados Unidos em arranjos cooperativos entre potências regionais. Nessa questão, Wallerstein (2013) argumenta que uma grande porcentagem da população já aceitou o declínio do poder de influência dos Estados Unidos, para o autor, este declínio é irreversível. Ainda, de acordo com Nye (2004, p. 43), a imagem dos Estados Unidos declinou na Era Bush mais do que de qualquer outro país. O autor fomenta seu argumento com uma pesquisa que mostra que em 2003 menos de 15% da população de países como Paquistão, Indonésia, Turquia e Jordânia tinha uma posição favorável aos Estados Unidos.

exemplo, no caso da Venezuela, impactou no consumo da população, a qual passou a preferir produtos estadunidenses aos nacionais.

Nye justifica essa preferência com o *American way of life*, o qual vem sendo difundido mundialmente desde 1920. Na presente pesquisa, foi constatado que um dos meios mais eficientes de transmitir o modo de vida estadunidense é pelo cinema. Os filmes estadunidenses são exportados pelo mundo inteiro, também em consequência da proteção que recebe de seu governo.

Essa proteção começou na década de 1940, com a criação de agências que regulamentavam a produção de obras cinematográficas. Mesmo depois da extinção dessas agências e dos códigos impostos pelas mesmas, por questões de patriotismo e incentivo financeiro, as chamadas *majors* continuaram a promover a política externa estadunidense em expansão imperial ao redor do mundo. A maior crítica para essa expansão é que muitas vezes a imposição dos filmes estadunidenses não deixam margem para que filmes nacionais possam ser promovidos. Como visto, por exemplo, no Brasil, os Estados Unidos foram líderes de bilheteria durante todo o ano de 2014 – em detrimento das obras cinematográficas nacionais.

O sucesso dos *blockbusters* também pode ser nocivo a outras nações por disseminar elementos da política externa dos EUA que muitas vezes não condizem com as ações do presidente. O estudo sobre o governo de Barack Obama constatou que muitas prioridades descritas em seu Relatório de Estratégia de Segurança Nacional em 2010, foram, de alguma forma, corrompidas.

Um exemplo é o objetivo promovido por Obama de engajamento com as comunidades muçulmanas. As ações do presidente de não cortar o financiamento ao exército do Egito, o qual vem hostilizando uma das maiores organizações islâmicas mundiais, a Irmandade Muçulmana, mostram descaso tanto com a comunidade muçulmana, quanto com os direitos humanos, supostamente defendidos pelos EUA. Outro exemplo é a falta de veracidade do presidente para com metas impostas por sua campanha como presidenciável. A oposição de Obama ao Ato Patriota não perdurou durante sua gestão como presidente, na qual, não obstante, foram renovadas três partes do Ato que expirariam em 2009.

Quanto ao apoio à igualdade de gêneros, as críticas de que o presidente controlava a diplomacia estadunidense em demasiado, ao ponto de impedir que ações fossem tomadas por sua Secretária de Estado, Hillary Clinton, demonstram que, mais uma vez, o presidente teve

ações contrárias aos seus discursos, e não confiou no poder de liderança de Hillary Clinton. Por conseguinte, Clinton ficou conhecida por ser cautelosa demais na gestão de Obama, e, para recuperar sua credibilidade, passou a dar entrevistas onde mostra desaprovação à atuação internacional do presidente.

Outras questões que envolvem política externa, Obama mostrou-se incapaz de resolver, como o fechamento de Guantánamo ou um acordo quanto ao programa nuclear iraniano. No caso do Irã, uma das falhas foi considerá-lo um possível inimigo por ter um arsenal de armas nucleares e alegar isso em sua Doutrina – sem que jamais fosse provado na AIEA que o Irã detém um arsenal de armas de destruição em massa. E, mesmo se o país estivesse investindo em armas nucleares, é hipocrisia do único Estado que utilizou desse armamento em uma guerra não permitir que outros Estados almejem o mesmo *status* militar.

A partir do exposto, a crítica de Wallerstein sobre Obama não ser contundente em sua administração revela-se bastante pertinente. Isso porque até o fim de seu primeiro mandato, o presidente não conseguiu alcançar seu objetivo de renovar a liderança estadunidense. Na presente pesquisa foi mostrado que em regiões como o Oriente Médio não só a credibilidade dos civis nos Estados Unidos não foi retomada, como os Estados do Oriente Médio não mais seguem conselhos advindos dos EUA. Até mesmo seus discursos perderam espectadores, tendo o menor desempenho desde o discurso para a União de Clinton em 2000<sup>160</sup>.

Também não é possível afirmar que o governo de Barack Obama utilizou todas as suas ferramentas para aplicar o poder inteligente em suas relações exteriores. No caso do Egito, por exemplo, Obama utilizou sua descendência muçulmana como instrumento para atrair a empatia da população, mas a ligação cultural entre o presidente e o povo egípcio não seguiu para além de seu discurso no Cairo, em 2009. Washington não cortou toda a ajuda econômica e militar ao país, para defender a população das barbáries do exército. A posição de solicitar ao Congresso permissão para invadir a Síria, antes que uma resolução diplomática fosse passada pela ONU, também demonstrou que o governo ignorou a aplicação do poder inteligente, sugerindo uma solução a qual envolvia unicamente o poder duro.

Todavia, a expansão de Hollywood não foi contida pelos erros dos presidentes ao longo da história dos Estados Unidos, as maiores bilheterias mundiais são de filmes que não

---

<sup>160</sup> Fonte: SULLIVAN, Sean. **Obama's State of the Union attracts 33.3 million viewers, fewest since 2000.** Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/blogs/post-politics/wp/2014/01/29/obamas-state-of-the-union-attracts-33-3-million-viewers-fewest-since-2000/>>. Acesso em: 31 jun. 2015.

completaram vinte anos de lançamento. Ainda, com *majors* como aliadas, elementos da política externa de Washington atingem não só os líderes internacionais, mas nações inteiras. O entretenimento mostra-se muito mais eficaz para impactar uma população, do que um discurso, por exemplo.

Quando as ações do governo estadunidense são interpretadas por heróis cinematográficos, são abrandadas e justificadas de acordo com um enredo, o qual, obviamente, não tem relação nenhuma com a realidade. Esse fato pôde ser observado no filme produzido pela *Marvel Studios*, *Homem de Ferro* (2008), e a intervenção do herói no Afeganistão. O filme não retratou, por exemplo, o sofrimento da população afegã causado pelas sanções impostas pela ONU.

No caso do filme “Os Vingadores”, também produzido pela Marvel, são inúmeros os elementos em prol dos objetivos da política externa de Barack Obama. Cada herói do filme representa *per se* um pilar defendido pelo presidente. O Capitão América representa a justiça e benignidade dos Estados Unidos, em contraposto, o Homem de Ferro representa a insubmissão e a defesa do desenvolvimento militar incontrolado por órgãos internacionais. O deus nórdico Thor remete o espectador à eterna aliança dos Estados Unidos com países da Europa. A Viúva Negra representa os laços a ser desenvolvidos com a Rússia, e a ascensão da liderança feminina como super-heroína<sup>161</sup>. O Dr. Banner, mesmo perdendo o controle de seus atos ao tornar-se o Hulk, é retratado ajudando uma comunidade extremamente pobre em Calcutá, e, em seu filme anterior, o cientista escondeu-se em uma favela no Rio de Janeiro, ajudando uma das moradoras do local, o que alude aos problemas de ordem mundial, como a pobreza, a qual Obama (2010, p. 13) espera combater com a ajuda de parceiros internacionais. Por fim, a luta contra o vilão Loki, claramente representa a luta dos Estados Unidos contra regimes não democráticos.

Além das características dos personagens, suas ações e diálogos também fomentam a política externa de Obama, portanto são instrumentos de poder brando, ao tentar convencer o público sobre a liderança hegemônica e poder de resolução de conflitos *universais* dos Estados Unidos. Um espectador menos atento às questões internacionais pode acreditar na veracidade do senso de justiça estadunidense retratado no filme, onde todas as ações nocivas, como criar armas de destruição em massa a partir do *Tesseract*, são justificadas por um bem

---

<sup>161</sup> Entretanto, a Viúva Negra sempre respeita as decisões de Nick Fury, e não questiona as ordens da S.H.I.E.L.D.

maior, tal qual, combater um inimigo que põe a vida de toda uma população em risco. Até mesmo as armas de Tony Stark têm seu apelo lesivo abrandado pelo fato de o personagem agora investir em energia limpa.

Esse mesmo espectador também pode acreditar nas boas intenções para com a população mundial dos serviços de inteligência norte-americano, os quais, no enredo, somente espionam e utilizam sua tecnologia para defender a população mundial. Essa “generosidade” é fomentada pelos personagens membros da S.H.I.E.L.D. – com a exceção da Viúva Negra –, todos são muito bons e complacentes, além de apresentarem um tom de ingenuidade, como o agente Phil Coulson e o Gavião-Arqueiro.

A difusão de elementos da política externa através de filmes é muito mais fixada na memória do espectador<sup>162</sup> do que ações e discursos do presidente no que tange à política externa estadunidense, as quais, em muitos países, cuja população não tem o hábito de acompanhar o desenvolvimento de questões internacionais, são vistas apenas em breves notícias em jornais, noticiários ou revistas.

Por fim, é imprescindível destacar que Hollywood também promove filmes que não propagam a política externa estadunidense, bem como, obras cinematográficas críticas ao governo. A maioria dessas obras não alcança o desempenho de um *blockbuster*, mas chegam a ser exportadas e atingir uma bilheteria mundial significativa. O documentário *Fahrenheit 9/11*<sup>163</sup> (homônimo no Brasil), escrito e dirigido por Michael Moore, aborda sobre os desdobramentos da guerra ao Iraque após os atentados de 11 de setembro de 2001 e sobre o envolvimento da família Bush com a família de Osama Bin Laden.

O roteiro que desafia Washington garantiu uma bilheteria mundial de mais de duzentos milhões de dólares<sup>164</sup>. O governo não pode censurar produções como *Fahrenheit 9/11* justamente devido à supracitada Emenda Constitucional nº1, a qual garante a liberdade da palavra, e o direito ao povo de criticar o governo. A interdição de produções adversas ao governo dos Estados Unidos, principalmente sua política externa, seria contraditória à sua maior propaganda: a disseminação da democracia.

<sup>162</sup> Esse espectador convive diariamente com produtos relacionados ao filme, os quais estampam os heróis e suas características/ações, bem como, com a participação dos atores na promoção dos filmes em programas televisivos, *premières* mundiais, e redes sociais virtuais.

<sup>163</sup> FAHRENHEIT 9/11. Direção de Michael Moore. Produção de Michael Moore, Jim Czarnecki, Kathleen Glynn. Roteiro: Michael Moore. Música: Jeff Gibbs. [S.l.]: Lions Gate Films, IFC Films, 2004. (122 min.), son. color.

<sup>164</sup> Fonte: THE NUMBERS. **Fahrenheit 9/11**. Disponível em: <http://www.the-numbers.com/movie/Fahrenheit-9-11#tab=box-office>. Acesso em: 15/06/2015

Nesse sentido, ainda que pese a ausência de dados empíricos que possam ratificar o fato de que os espectadores dos filmes saem do cinema assimilando completamente os valores estadunidenses neles inserido, como o próprio Nye saliente, o processo de construção da imagem de um Estado não se esgota em um ato isolado, mas na somatória de ações. Assim, torna-se plausível considerar que a quantidade de público dos *blockbusters* e suas bilheterias representam que os espectadores gostam do que estão assistindo e retornam para assistir filmes com a mesma temática – muitos dos filmes de super-heróis têm continuações, como o próprio *Os Vingadores*. Daí, estabelece-se o processo de construção de uma imagem positiva do ator – nesse caso, os Estados Unidos –, como fora proposto por Nye e que foi objeto de análise deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

ACLU, American Civil Liberties Union -. **Guantánamo Bay Detention Camp**. Disponível em: <<https://www.aclu.org/issues/national-security/detention/guantanamo-bay-detention-camp>>. Acesso em: 24 maio 2015.

ADORO CINEMA. **Bilheterias Estados Unidos: Confirma os números impressionantes de Os Vingadores**. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-100419/>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

AGÊNCIA EFE. **EUA são país com maior número de imigrantes, mostra estudo da ONU**. 2013. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/31162/eua+sao+pais+com+maior+numero+de+imigrantes+mostra+estudo+da+onu.shtml>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **Reformista, Rohani surpreende e vence eleições no Irã**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/reformista-rohani-surpreende-e-vence-eleicoes-presidenciais-no-ira>>. Acesso em: 01 maio 2015

AL-AMMAR, Ibrahim. **‘Insha Allah’**. Disponível em: <<http://www.arabnews.com/news/715716>>. Acesso em: 19 maio 2015.

ALTMAN, Max. **1987 – Gorbachev anuncia que URSS está pronta para banir armas atômicas**. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/27456/hoje+na+historia+1987+gorbachev+a+nuncia+que+urss+esta+pronta+para+banir+armas+atomicas.shtml>>. Acesso em: 13 maio 2015.

AMNESTY INTERNATIONAL. **USA: Close Guantánamo and end human rights hypocrisy**. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/articles/news/2014/01/usa-close-guantanamo-and-end-human-rights-hypocrisy/>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

A NOVA DEMOCRACIA. **Egito: exército espalha o terror**. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-116/4902-egito-exercito-espalha-o-terror>>. Acesso em: 27 maio 2015.

BIBLIOTECA VIRTUAL DE DIREITOS HUMANOS. **Constituição dos Estados Unidos da América - 1787**. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-à-criação-da-Sociedade-das-Nações-até-1919/constituicao-dos-estados-unidos-da-america-1787.html>>. Acesso em: 01 maio 2015.

BBC BRASIL. **Por que Obama não consegue fechar Guantánamo?** Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130502\\_guantanamo\\_obama\\_ru](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130502_guantanamo_obama_ru)>. Acesso em: 24 maio 2015.

BBC NEWS. **Timeline: Soviet war in Afghanistan**. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/2/hi/south\\_asia/7883532.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7883532.stm)>. Acesso em: 13 maio 2015.

BIO. **Nelson Rockefeller**. Disponível em: <<http://www.biography.com/people/nelson-rockefeller-9461384>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **William Randolph Hearst**. Disponível em: <<http://www.biography.com/people/william-randolph-hearst-9332973>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

BLIX, Hans. **Invasão ao Iraque sem a autorização da ONU foi um erro**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,invasao-do-iraque-sem-autorizacao-da-onu-foi-um-erro,484948>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Pobre Síria**. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/93266-pobre-siria.shtml#\\_=\\_](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/93266-pobre-siria.shtml#_=_)>. Acesso em: 27 maio 2015.

BUREAU OF EDUCATIONAL AND CULTURAL AFFAIRS. **About ECA**. Disponível em: <<http://eca.state.gov/about-bureau>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

CALLEO, David P.. **Beyond american hegemony: The future of Western alliance**. [s.l.]: A Twentieth Century Fund Book, 1987. Disponível em: <[https://www.scribd.com/fullscreen/177247606?access\\_key=key-1mo92jh98x2c2y0etdvb&allow\\_share=true&escape=false&view\\_mode=scroll](https://www.scribd.com/fullscreen/177247606?access_key=key-1mo92jh98x2c2y0etdvb&allow_share=true&escape=false&view_mode=scroll)>. Acesso em: 27 maio 2015.

CAPITÃO AMÉRICA (CAPTAIN AMERICA). Direção: Elmer Clifton, John English. Produção: William J. O'sullivan. Realização de Republic Pictures. Intérpretes: Dick Purcell, Lorna Gray, Lionel Atwill, Charles Trowbridge, Russell Hicks, George J. Lewis, John Davidson, e Outros. Roteiro: Jack Kirby, Joe Simon, Royal Cole, Harry Fraser, Joseph Poland, Ronald Davidson, Basil Dickey, Jesse Duffy, Grant Nelson. Música: Mort Glickman. Hollywood: Republic Pictures, 1944. (243 min.), son., color.

CHANGE.GOV. **Agenda Women**. Disponível em: <[http://change.gov/agenda/women\\_agenda/](http://change.gov/agenda/women_agenda/)>. Acesso em: 25 maio 2015.

CLINTON, William J. **Address on Bosnia**, realizado na Casa Branca, 27 de novembro de 1995. Disponível em: <<http://millercenter.org/president/clinton/speeches/speech-3929>>. Acesso em: 03 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **A National Security Strategy for a New Century**. Washington, DC: The White House, outubro. 1998.

CONCEIÇÃO, Andrea Freitas da. **Os Acordos de Dayton na prática: O desafio dos sete primeiros anos de construção de um Estado multiétnico dividido ao meio**. 2005. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Cap. 4. Disponível em: <[http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7888/7888\\_5.PDF](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7888/7888_5.PDF)>. Acesso em: 04 maio 2015.

CROTHES, Lane. **Globalization and american popular culture**. Plymouth: Roman & Littlefield Publishers Inc., 2013. Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=6pyQWpji3x4C&pg=PA205&lpg=PA205&dq=american+movies+to+venezuela&source=bl&ots=g1wIE6sSKO&sig=DtDWOmMmXYzyD5SK-J6Zp2Z8N50&hl=pt-BR&sa=X&ei=LwksVc-tAbiIsQS5goGwCw&ved=0CDIQ6AEwAzgK#v=onepage&q=american movies to venezuela&f=false>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

DER FUEHRER'S FACE (A FACE DO FUHRER). Direção de Jack Kinney. Produção de Walt Disney. Intérpretes: Clarence Nash, Billy Bletcher. Roteiro: Joe Grant, Dick Huemer. Música: Oliver Wallace Burbank: Walt Disney Productions, 1942. (8 min.), son., color.

DIRKS, Tim. **Notorious 1946**. Disponível em: <<http://www.filmsite.org/noto.html>>. Acesso em: 21 abr. 2015; LOURO, Guacira Lopes. **Cinema e sexualidade. Educação e Realidade**, [S.l.], v. 33, n. 1, p. 81-98. jan/jun/2008

\_\_\_\_\_. **The Deer Hunter 1978**. Disponível em: <<http://www.filmsite.org/deer.html>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

ESTADÃO. **Senadores dos EUA se reúnem com autoridades da Arábia Saudita e do Catar**. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,senadores-dos-eua-se-reunem-com-autoridades-da-arabia-saudita-e-do-catar,1621561>>. Acesso em: 27 maio 2015.

FANTASIA (FANTASIA). Direção de Samuel Armstrong, James Algar, Bill Roberts, Ben Sharpsteen, David D. Hand, Hamilton Luske, Jim Handley, Ford Beebe, T. Hee, Norm Ferguson, Wilfred Jackson. Produção de Walt Disney. Intérpretes: Leopold Stokowski, Orquestra da Filadélfia. Roteiro: Joe Grant, Dick Huemer. Burbank: Walt Disney Pictures, Rko Pictures, 1940. (125 min.), son., color.

FAN, Ying. Soft power: the power of attraction or confusion? **Place Branding And Public Diplomacy**, Basingstoke, v. 4, n. 2, p.147-158, nov. 2007. Disponível em: <[https://www.academia.edu/5185400/Soft\\_power\\_the\\_power\\_of\\_attraction\\_or\\_confusion](https://www.academia.edu/5185400/Soft_power_the_power_of_attraction_or_confusion)>. Acesso em: 29 mar. 2015.

FAHRENHEIT 9/11. Direção de Michael Moore. Produção de Michael Moore, Jim Czarnecki, Kathleen Glynn. Roteiro: Michael Moore. Música: Jeff Gibbs. [S.l.]: Lions Gate Films, IFC Films, 2004. (122 min.), son. color.

FINSLAB.COM. **Blockbuster**. Disponível em: <<http://finslab.com/enciclopedia/letra-b/blockbuster.php>>. Acesso em: 31 maio 2015.

FOLHA PRESS. **EUA e Irã tentam superar obstáculos para acordo nuclear histórico**. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/internacional/4074520/eua-e-ira-tentam-superar-obstaculos-para-acordo-nuclear-historico>>. Acesso em: 30 maio 2015.

FOX, Lauren. **After bin Laden's death, al Qaeda's popularity wanes**. Disponível em: <<http://www.usnews.com/news/blogs/washington-whispers/2012/04/30/after-bin-ladens-death-al-qaedas-popularity-wanes>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

FRANCISCO RUSSO; RENATO HERMSDORFF (S.l.). **Adoro Cinema. As maiores bilheterias na história do cinema**. 2014. Disponível em:

<<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-108698/?page=17>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

FROELICH, Ivani Vassoler. A Política Externa Americana e seus críticos: American Foreign Politics and its critics. **Revista Brasileira de Política Externa**, [S.l.], v. 2, n. 48, p.205-215, 2005.

GAZETA RUSSA. **Arsenal nuclear mundial**. Disponível em:

<[http://br.rbth.com/multimedia/infographics/2014/07/28/arsenal\\_nuclear\\_mundial\\_26665.htm](http://br.rbth.com/multimedia/infographics/2014/07/28/arsenal_nuclear_mundial_26665.htm)>. Acesso em: 27 jun. 2015.

GERMER, André et al. O Irã nuclear. **Revista das Ciências Militares**, Rio de Janeiro, v. 01, n. 21, p.01-08, fev. 2010. Disponível em:

<<http://www.eceme.ensino.eb.br/meiramattos/index.php/RMM/article/view/47/71>>. Acesso em: 01 maio 2015.

GLASSER, Susan B. **Was Hillary Clinton a good Secretary of State? And does it matter?** Disponível em: <[http://www.politico.com/magazine/story/2013/12/was-hillary-clinton-a-good-secretary-of-state-john-kerry-2016-100766\\_Page2.html#.VWeGp9JViko](http://www.politico.com/magazine/story/2013/12/was-hillary-clinton-a-good-secretary-of-state-john-kerry-2016-100766_Page2.html#.VWeGp9JViko)>. Acesso em: 25 maio 2015.

GOLDBERG, Jeffrey. **Hillary Clinton: 'Failure' to help syrian rebels led to the rise of ISIS**. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/international/archive/2014/08/hillary-clinton-failure-to-help-syrian-rebels-led-to-the-rise-of-isis/375832/>>. Acesso em: 25 maio 2015.

GOLDENBERG, Ilan. **It's time to stop talking about soft power**. Artigo para a revista *online* The American Prospect. Disponível em: <<http://prospect.org/article/its-time-stop-talking-about-soft-power>>. Acesso em: 29 mar. 2015

GONÇALVES, Mauricio R. **O cinema de Hollywood nos anos trinta, o American way of life, e a sociedade brasileira**. In: Maria Rosaria Fabris... [et al.]. (Org.). Estudos Socine de Cinema, Ano III 2001. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 533-546.

HAYS, W. [Carta] 15 set. 1939, Hollywood [para] MPPDA. INC. 1p. Escreve à Motion Pictures Producers and Distributors of America Inc. Escreve sobre propagandas e propagandas de ódio na indústria cinematográfica durante a Segunda Guerra Mundial.

HOBBS, Thomas. Dos direitos dos soberanos por instituição. In: MALMESBURY, Thomas Hobbes de. **Leviatã**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Cap. 18. p. 61-65. Tradução de: João Paulo Monteiro; Maria Beatriz Nizza da Silva. Disponível em:

<[http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh\\_thomas\\_hobbes\\_leviatan.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_thomas_hobbes_leviatan.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2015.

Hudson Institute. **Interview: Martha Bayles on popular culture and public diplomacy**. Disponível em: <<http://www.hudson.org/research/10533-interview-martha-bayles-on-popular-culture-and-public-diplomacy>>. Acesso em: 30 mar. 2015

HUTCHINSON, Earl Ofari. **Did Obama break his campaign promise of scrap the Patriot Act?** Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/earl-ofari-hutchinson/did-obama-break-his-campa\\_b\\_288112.html](http://www.huffingtonpost.com/earl-ofari-hutchinson/did-obama-break-his-campa_b_288112.html)>. Acesso em: 22 maio 2015.

INDEPENDENCE DAY (INDEPENDENCE DAY). Direção de Roland Emmerich. Produção de Dean Devlin. Intérpretes: Will Smith, Jeff Goldblum, Bill Pullman, Margaret Colin, Vivia A. Fox, Mary McDonnell, Judd Hirsch, Robert Loggia, Randy Quaid, James Rebhorn, Harry Connick Jr.

Roteiro: Dean Devlin, Roland Emmerich. Música: David Arnold. Century City: 20th Century Fox, 1996. (145 min.), son. color.

International Monetary Fund. **List of members.** 2012. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/np/sec/memdir/memdate.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

IRON MAN (HOMEM DE FERRO). Direção de Jon Favreau. Produção de Avi Arad, Kevin Feige. Intérpretes: Robert Downey Jr., Terrence Howard, Jeff Bridges, Shaun Toub, Gwyneth Paltrow. Roteiro: Mark Fergus, Hawk Ostby, Art Marcum, Matt Holloway. Música: Ramin Djawadi. Los Angeles: Marvel Studios, Fairview Entertainment, 2008. (126 min.), son. color. Legendado. Baseado na história em quadrinhos de 1963, "Homem de Ferro", de Stan Lee, Larry Lieber, Don Heck, Jack Kirby.

INTERNET MOVIE SCRIPT DATABASE (Org.). **The Avengers (2012).** Disponível em: <[http://www.imsdb.com/scripts/Avengers,-The-\(2012\).html](http://www.imsdb.com/scripts/Avengers,-The-(2012).html)>. Acesso em: 01 jun. 2015.

ITZKOFF, Dave. Modern Marvel. **The New York Times.** Nova Iorque, [s.p]. mar. 2011. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2011/03/27/movies/marvel-faces-a-mighty-foe-publishing-world-uncertainties.html?pagewanted=all&module=Search&mabReward=relbias:r,\["RI:6","RI:14"\]&\\_r=0](http://www.nytimes.com/2011/03/27/movies/marvel-faces-a-mighty-foe-publishing-world-uncertainties.html?pagewanted=all&module=Search&mabReward=relbias:r,[)>. Acesso em: 15 jun. 2014.

JESUS, Diego Santos Vieira de. Poder inteligente e acomodação: os EUA duran-te o governo Obama. **Conjuntura Internacional**, Belo Horizonte, v. 1, n. 11, p.09-17, 1º sem. 2014.

JOSÉ FUCS. **O poder das ONG's.** 2008. Artigo disponível *online* somente para a revista Época debate. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EMI10075-15254,00-EPOCA+DEBATE+O+PODER+DAS+ONGS.html>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

JOSEPH EPSTEIN (NY). The Wall Street Journal. **The late, great american WASP.** 2013. Disponível em: <<http://www.wsj.com/articles/SB10001424052702304367204579268301043949952>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

KENNEDY, John F. **State of the Union**, realizado perante o Congresso dos Estados Unidos, 30 de janeiro de 1961. Disponível em: <<http://millercenter.org/president/kennedy/speeches/speech-5945>>. Acesso em: 12 de maio 2015.

KENNEDY, Paul E. **The rise and fall of the great powers:** Economic change and military conflict from 1500 to 2000. New York: Random House, 1987.

KROVNER, Sarah C. **Occupying power: Sex workers and servicemen in postwar Japan**. Stanford: Stanford University Press, 2012.

LABOTT, Elise. **U.S. suspends significant military aid to Egypt**. 2013. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2013/10/09/world/meast/us-egypt-aid/>. Acesso em: 13/06/2015

LE, Quynh. **40 anos depois: Dez coisas que você talvez não saiba sobre a Guerra do Vietnã**. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/04/150430\\_vietna\\_guerra\\_fatos\\_pai](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/04/150430_vietna_guerra_fatos_pai). Acesso em: 12 maio 2015.

LIMA, José Antonio. **Massacre no Egito é humilhação para Obama**. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/massacre-no-egito-e-humilhacao-para-obama-5698.html>. Acesso em: 27 maio 2015

LUNDESTAD, G.. 'Imperial Overstretch', Mikhail Gorbachev, and the End of the Cold War. **Cold War History**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.1-20, ago. 2000. Informa UK Limited. DOI: 10.1080/713999912.

MACHIAVELLI, Niccolo. De quantas espécies são as milícias, e dos soldados mercenários. In: MACHIAVELLI, Niccolo. **O Príncipe**. Online: Ebooks Brasil, 2000. p. 72-85. Edição: Ridendo Castigat Mores; Tradução: Néelson Jahr Garcia. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/principe.pdf>. Acesso em: 28 maio 2015.

MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas: Papirus, 2006.

MEAD, Walter Russell. **Was Hillary Clinton a good Secretary of State?** Disponível em: [http://www.washingtonpost.com/opinions/was-hillary-clinton-a-good-secretary-of-state/2014/05/30/16daf9c0-e5d4-11e3-a86b-362fd5443d19\\_story.html](http://www.washingtonpost.com/opinions/was-hillary-clinton-a-good-secretary-of-state/2014/05/30/16daf9c0-e5d4-11e3-a86b-362fd5443d19_story.html). Acesso em: 25 maio 2015.

MELEIRO, Alessandra (Org.). **Cinema no mundo: Indústria, política e mercado**. São Paulo: Escrituras, 2007.

MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES DO JAPÃO. **Tratado de Cooperação e Segurança Mútua Entre o Japão e os Estados Unidos da América**, 28 de fevereiro de 1952. Disponível em: <http://www.mofa.go.jp/region/n-america/us/q&a/ref/1.html>. Acesso em: 01 maio 2015.

MODERN TIMES (TEMPOS MODERNOS). Direção de Charles Chaplin. Produção de Patriciu Santans. Intérpretes: Charlie Chaplin, Paulette Goddard, Henry Bergman, Stanley Sandford, Chester Conklin. Roteiro: Charles Chaplin. Música: Charles Chaplin. Century City: United Artists, 1936. (87 min.), son., P&B.

MOURA, Gerson. Os anos de neutralidade: (1939-1941). In: MOURA, Gerson. **Relações Exteriores do Brasil 1939-1950: Mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. p. 57-79. Disponível em: [http://funag.gov.br/loja/download/998-Relacoes\\_Exteriores\\_do\\_Brasil.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/998-Relacoes_Exteriores_do_Brasil.pdf). Acesso em: 18 abr. 2015.

NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS SERVICE. **Records of the Office of Inter-American Affairs (Rg 229)**. Washington, 1973. Disponível em: <<http://www.archives.gov/research/holocaust/finding-aid/civilian/rg-229.html>>. Acesso em: 05 maio 2015.

National Security Network. **About**. Disponível em: <<http://nsnetwork.org/about/>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

NISBET, Erik et al. **The Bin Laden effect: How american public opinion about muslim americans shifted in the wake of Osama Bin Laden's death 7/20/2011**. Durham: University Of New Hampshire, 2011. Disponível em: <<http://cola.unh.edu/survey-center/bin-laden-effect-how-american-public-opinion-about-muslim-americans-shifted-wake-osama>>. Acesso em: 02 maio 2015.

NOSSEL, Suzanne. Smart power. **Foreign Affairs**, Tampa, v. 83, n. 2, p.131-142, abr. 2004. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2004-03-01/smart-power>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

NOTORIOUS (INTERLÚDIO). Direção de Alfred Hitchcock. Produção de Alfred Hichcock. Intérpretes: Cary Grant, Ingrid Bergman, Claude Rains. Roteiro: Ben Hecht. Música: Roy Webb. Nova Iorque: Rko Radio Pictures, 1946. (101 min.), son., P&B.

NYE JR., Joseph S. **Bound to lead: The changing nature of american power**. Nova Iorque: Basic Books, 1990.

\_\_\_\_\_. Soft Power. **Foreign Policy**, [s.l.], (80): p.153-171, outono. 1990

\_\_\_\_\_. **Soft Power: The means to sucess in world politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.

\_\_\_\_\_. **O paradoxo do poder americano**. Lisboa: Gradiva, 2005.

\_\_\_\_\_. **The powers to lead**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. Get Smart: Combining Hard and Soft Power. **Foreign Affairs**, Tampa, v. 88, n. 4, s.p., jul. 2009. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/2009-07-01/get-smart>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá, 2011.

OBAMA, Barack. **A New Beginning**, realizado no Cairo, 04 de junho de 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/oriente-medio,veja-integra-do-discurso-de-barack-obama-no-egito,382488>>. Acesso em: 27 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **A blueprint for persuing the world that we seek**. Washington, DC: The White House, maio. 2010. Disponível em: <[https://www.whitehouse.gov/sites/default/files/rss\\_viewer/national\\_security\\_strategy.pdf](https://www.whitehouse.gov/sites/default/files/rss_viewer/national_security_strategy.pdf)>. Acesso em: 22 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **Remarks by the President on Osama Bin Laden**, realizado na Casa Branca, 02 de maio de 2011. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2011/05/02/remarks-president-osama-bin-laden>>. Acesso em: 03 jun. 2015

\_\_\_\_\_. **Closure of Guantanamo Detention Facilities**. Ordem Executiva. Disponível em: <[https://www.whitehouse.gov/the\\_press\\_office/ClosureOfGuantanamoDetentionFacilities](https://www.whitehouse.gov/the_press_office/ClosureOfGuantanamoDetentionFacilities)>. Acesso em: 23 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **Weekly Address: Calling for Limited Military Action in Syria**, realizado na Casa Branca, 07 de setembro de 2013. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2013/09/07/weekly-address-calling-limited-military-action-syria>>. Acesso em: 27 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **Statement by the President on H.R. 3304**, realizado na Casa Branca, 26 de dezembro de 2013. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2013/12/26/statement-president-hr-3304>>. Acesso em: 23 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **State of the Union Address**, realizado perante o Congresso, 28 de janeiro de 2014. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2014/01/28/president-barack-obamas-state-union-address>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual - OCA. **Filmes Exibidos por país de origem – 2014**. Publicado por: Agência Nacional do Cinema - ANCINE. Disponível em: <<http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/DadosMercado/2117-22052015.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2015.

OLIVEIRA, Ana Carolina Rosso de. O declínio norte-americano: sinais que vêm do Oriente Médio. In: CONGRESO URUGUAYO DE CIENCIA POLÍTICA, 5, 2014, Montevideo. **Anais**. Montevideo: Asociación Uruguay de Ciencia Política, 2014. p. 01 - 21. Disponível em: <[http://aucip.org.uy/docs/v\\_congreso/ArticulospresentadosenVcongresoAucip/AT17-PoliticaInternacional/RossodeOliveira\\_ODeclinioNorte-Americano.pdf](http://aucip.org.uy/docs/v_congreso/ArticulospresentadosenVcongresoAucip/AT17-PoliticaInternacional/RossodeOliveira_ODeclinioNorte-Americano.pdf)>. Acesso em: 26 maio 2015.

ORGANIZING FOR ACTION. **Stand with Women**. Disponível em: <<https://www.barackobama.com/women/>>. Acesso em: 25 maio 2015.

PANSARDI, M. V. O pensamento conservador norte-americano na educação: de Russel Kirk à Milton Friedman. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 04, n. 07, p. 253-267, jan-jun. 2009

PECEQUILO, Cristina Soreanu. Barack Obama e o Desafio da Liderança. **Meridiano**, [s.l.], v. 144, n. 47, p.18-20, jan. 2010.

\_\_\_\_\_. **A política externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2011.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. **O Poder das Imagens: Cinema e política nos governos de Adolf Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933-1945)**. São Paulo: Alameda, 2012.

PORTER, Gareth. **Só mentiras sobre o Irã “nuclear”**. Traduzido por: Vila Vudu. Disponível em: <<http://www.orientemidia.org/so-mentiras-sobre-o-ira-nuclear/>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

PRESSE, France. **Irã denuncia na ONU "chantagem nuclear" dos Estados Unidos**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u720578.shtml>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

PUBLIC DIPLOMACY WIKIA. **Hard Power**. Disponível em: <[http://publicdiplomacy.wikia.com/wiki/Hard\\_Power](http://publicdiplomacy.wikia.com/wiki/Hard_Power)>. Acesso em: 29 mar. 2015.

PUTIN, Vladimir V. **A Plea for Caution From Russia: What Putin Has to Say to Americans About Syria**. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2013/09/12/opinion/putin-plea-for-caution-from-russia-on-syria.html?\\_r=1](http://www.nytimes.com/2013/09/12/opinion/putin-plea-for-caution-from-russia-on-syria.html?_r=1)>. Acesso em: 27 maio 2015.

**Quatro liberdades: o discurso que emocionou os Estados Unidos**. Disponível em: <<http://iipdigital.usembassy.gov/st/portuguese/pamphlet/2013/10/20131002283945.html#axzz3XmOCpooM>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

RAMBO III (RAMBO III). Direção de Peter Macdonald. Produção de Buzz Feitshans, Mario Kassar, Andrew G. Vajna. Intérpretes: Sylvester Stallone, Richard Crenna. Roteiro: Sylvester Stallone, Sheldon Lettich. Música: Jerry Goldsmith. Counter City: Carolco Pictures, 1988. (102 min.), son., color.

RAMOS, Elvis Christian Madureira; FIGUEIREDO, Wellington dos Santos. Terrorismo: Um legado histórico e sua caracterização na plataforma midiática. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 16, n. 2, p.195-216, dez/jan. 2012. Disponível em: <[http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXVI\\_2/agb\\_xvi2\\_versao\\_internet/AGB\\_xvi2\\_07.pdf](http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXVI_2/agb_xvi2_versao_internet/AGB_xvi2_07.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2015.

Reagan, Ronald. **National Security Strategy of the United States**. Washington, DC: The White House, janeiro, 1987. Disponível em: <<http://nssarchive.us/national-security-strategy-1987/>>. Acesso em: 22 de maio 2015

\_\_\_\_\_. **State of the Union**, realizado perante o Congresso dos Estados Unidos, 25 de janeiro de 1988. Disponível em: <<http://millercenter.org/president/reagan/speeches/speech-5684>>. Acesso em: 13 maio 2015.

REUVENY, Rafael; PRAKASH, Aseem. The Afghanistan war and the breakdown of the Soviet Union. **Review Of International Studies**. Cambridge, p. 693-708. out. 1999. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=33767&fileId=S0260210599006932>>. Acesso em: 13 maio 2015.

RUSHING, Janice Hocker; FRENTZ, Thomas S.. "The Deer Hunter": Rhetoric of the warrior. **The Quarterly Journal Of Speech**. [s.l.], p. 392-406. dez. 1980. Disponível em: <[http://www.joshiejuice.com/articles/deer\\_hunter.pdf](http://www.joshiejuice.com/articles/deer_hunter.pdf)>. Acesso em: 14 maio 2015.

SALUDOS AMIGOS (ALÔ AMIGOS). Direção de Norman Ferguson, Jack Kinney, Wilfred Jackson, Hamilton Luske,. Produção de Walt Disney. Intérpretes: Lee Blair, Mary

Blair, Pinto Colvig, Walt Disney, Norman Ferguson, Frank Graham, Clarence Nash, José Oliviera, Frank Thomas. Roteiro: Homer Brightman, William Cottrell, Richard Huemer, Joseph Grant, Harold Reeves, Ted Sears, Webb Smith, Roy Williams, Ralph Wright. Música: Ed Plumb; Paul Smith. Burbank: Walt Disney Productions, 1942. (42 min.), son., color.

SEGRS, Frank. **Foreign Box Office: 'The Avengers' Dominates Overseas, Grossing More Than \$440 Million In 12 Days.** Disponível em: <<http://www.hollywoodreporter.com/news/foreign-box-office-avengers-american-pie-reunion-five-year-engagement-320755>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

SCHROT, Jacob. American Soft Power and Geopolitics. In: IAPSS WORLD CONGRESS, 2014, Thessaloniki. **Confere.** [s.l.]: Iapss World Congress 2014, 2014. p. 01 - 16. Disponível em: <<http://junge-transatlantiker.de/wp-content/uploads/2014/04/American-Soft-Power-and-Geopolitics.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

SHOGAN, Colleen J. **The President's State of the Union Address: Tradition, Function, and Policy Implications.** [s.l.]: Congressional Research Service Report, 2015. Disponível em: <<http://www.f/as.org/sgp/crs/misc/R40132.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.

SOLLER, Diana. O Relatório Albright e a grande estratégia Obama um caso de convergência? **A Nato e A Cimeira de Lisboa**, Lisboa, v. 27, n. 0, p.09-21, set. 2010.

SULLIVAN, Sean. **Obama's State of the Union attracts 33.3 million viewers, fewest since 2000.** Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/blogs/post-politics/wp/2014/01/29/obamas-state-of-the-union-attracts-33-3-million-viewers-fewest-since-2000/>>. Acesso em: 31 jun. 2015.

SYMON, Fiona. **Análise: a Aliança do Norte no Afeganistão.** 2001. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2001/010924\\_aliancanorte.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2001/010924_aliancanorte.shtml). Acesso em: 25/04/2015

TEIXEIRA, Heitor D. Duarte. O outro lado do American Way of Life: o retrato da desilusão através da literatura norte-americana do século XX. **Universos da História**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.32-51, mar. 2008.

OS VINGADORES (THE AVENGERS). Direção: Joss Whedon. Produção: Victoria Alonso, Louis D'Esposito, Jon Favreau, Kevin Feige, Alan Fine, Jeremy Latcham, Atan Lee e Patricia Whitcher. Intérpretes: Robert Downey Jr., Chris Evans, Mark Ruffalo, Chris Hemsworth, Scarlett Johansson, Jeremy Renner, Samuel L. Jackson e outros. Roteiro: Joss Whedon, Música: Alan Silvestri. Los Angeles: Marvel Company Co.; Paramount Pictures, 2012. 1 DVD (142 min), widescreen, color.

THE DEER HUNTER (O FRANCO ATIRADOR). Direção de Michael Cimino. Produção de Barry Spikings, Michael Deeley, Michael Cimino, John Peverall. Intérpretes: Robert de Niro, John Cazale, John Savage, Meryl Streep, Christopher Walker. Música: Stanley Myers. Los Angeles: Universal Pictures, EMI Films, 1978. (182 min), son., color.

THE GEISHA BOY (O REI DOS MÁGICOS). Direção de Franklin Tashlin. Produção de Jerry Lewis. Intérpretes: Jerry Lewis, Marie McDonald, Suzanne Pleshette. Roteiro: Frank

Tashlin, Rudy Makoul. Música: Walter Scharf. Hollywood: Paramount Pictures, 1958. (99 min.), son., color.

SAYONARA (SAYONARA). Direção de Joshua Logan. Produção de William Goetz. Intérpretes: Marlon Brando, Patricia Owens, James Garner, Martha Scott, Miiko Taka, Miyoshi Umeki, Red Buttons, Ricardo Montalban. Música: Franz Waxman, Irving Berlin. Burbank: Warner Bros., 1957. (147 min.), son., color.

THE GREAT DICTATOR (O GRANDE DITADOR). Direção de Charles Chaplin. Produção de Charles Chaplin. Intérpretes: Charles Chaplin, Paulette Goddard, Jack Oakie. Roteiro: Charles Chaplin. Música: Charles Chaplin. [s.l.]: United Artists, 1940. (124 min.), son., P&B.

The Hudson Institute Inc. **Interview: Martha Bayles on popular culture and public diplomacy.** 2014. Disponível em: <<http://www.hudson.org/research/10533-interview-martha-bayles-on-popular-culture-and-public-diplomacy>>. Acesso em: 30 mar.. 2015.

The International Monetary Fund. **List of Members.** 2012. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/np/sec/memdir/memdate.htm>>. Acesso em: 01 jan. 2015.

THE NEW SPIRIT. Direção de Wilfred Jackson, Ben Sharpsteen. Produção de Walt Disney. Realização de U.S. Department Of The Treasury, Walt Disney Productions. Intérpretes: Fred Shields, Clarence Nash. Roteiro: Joe Grant, Dick Huemer. Música: Oliver Wallace. Burbank: War Activities Committee of the Motion Pictures Industry, 1942. (7 min.), son., color.

THE NUMBERS. **Fahrenheit 9/11.** Disponível em: <http://www.the-numbers.com/movie/Fahrenheit-9-11#tab=box-office>. Acesso em: 15/06/2015

\_\_\_\_\_. **White House Down.** Disponível em: <<http://www.the-numbers.com/movie/White-House-Down#tab=summary>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

The United States Department of Justice Website. **The USA PATRIOT Act: Preserving Life and Liberty.** Disponível em: <<http://www.justice.gov/archive/ll/highlights.htm>>. Acesso em: 22 maio 2015.

TYLLER, Patrick E.. **Hillary clinton, in China, details abuse of women.** Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1995/09/06/world/hillary-clinton-in-china-details-abuse-of-women.html>>. Acesso em: 25 maio 2015.

US History. **The Pledge of Allegiance.** Disponível em: <<http://www.ushistory.org/documents/pledge.htm>>. Acesso em: 02 maio 2015.

VEJA. **EUA suspendem parte da ajuda ao exército egípcio.** Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/estados-unidos-cortam-parte-de-ajuda-bilionaria-ao-exercito-egipcio/>>. Acesso em: 27 maio 2015.

VIANNA, Alexander Martins. Paradoxos da política externa de Barack Obama – Anno Primo. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 9, n. 110, p.112-132, fev. 2010.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. **Republica islâmica do Irã: Potência emergente ou regime em crise?.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo1083.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2015.

YOHANA ANDRADE. **Atuação dos EUA no Haiti tem interesse geopolítico, dizem analistas**. 2010. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/2614/conteudo+opera.shtml>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

YOUNGE, Gary. **Marriage equality and the civil rights inheritance**. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2012/feb/24/marriage-equality-civil-rights-inheritance>>. Acesso em: 03 maio 2015.

ZAGNI, Rodrigo Medina. "Imagens Projetadas do Império" O Cinema Hollywoodiano e a Construção de uma Identidade Americana para a Política da Boa Vizinhança. **Cadernos Prolam/usp**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.67-91, 2008.

ZALMAN, Amy. **Mujahideen**. Disponível em: <<http://terrorism.about.com/od/m/g/Mujahideen.htm>>. Acesso em: 13 maio 2015.

ZUNES, Stephen. **Military Interventio in Syria is a bad idea**. Disponível em: <[http://fpif.org/military\\_intervention\\_in\\_syria\\_is\\_a\\_bad\\_idea/](http://fpif.org/military_intervention_in_syria_is_a_bad_idea/)>. Acesso em: 27 maio 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Consequences of U.S. decline**. Commentary No. 364, organizado por: Fernand Braudel Center. Disponível em: <<http://www.binghamton.edu/fbc/commentaries/archive-2013/364en.htm>>. Acesso em: 22 maio 2015.

WELLE, Deutsche. **ONGs de direitos humanos dizem que Brasil deveria receber presos de Guantánamo**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/ongs-de-direitos-humanos-dizem-que-brasil-deveria-receber-presos-de-guantanamo-9568.html>>. Acesso em: 24 maio 2015.

WHITE HOUSE DOWN (O ATAQUE). Direção de Roland Emmerich. Produção de Roland Emmerich, Bradley J. Fischer, Harald Kloser, James Vanderbilt, Larry Franco, Laeta Kalogridis. Intérpretes: Channing Tatum, Jamie Foxx, Maggie Gyllenhaal, Jason Clarke, Richard Jenkins, James Woods. Roteiro: James Vanderbilt. Música: Harald Kloser, Thomas Wanker. Los Angeles: Centropolis Entertainment, Mythology Entertainment, Columbia Pictures, 2013. (131 min.), son., color.

